

# Freeganism em Lisboa

Uma etnografia dos coletores urbanos contemporâneos

Metella Senni

Metella Senni  
“Respirar na cidade. Etnografia do  
dumpster diving alimentar na  
cidade de Lisboa”  
2019

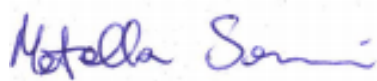
Dissertação de mestrado em  
Antropologia: Temas Contemporâneos

Setembro, 2019

## [DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese/ Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

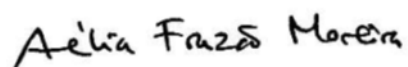


---

Lisboa, 29 de setembro de 2019

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,



---

Lisboa, 29 de setembro de 2019

# **FREEGANISM EM LISBOA**

## **UMA ETNOGRAFIA DOS COLETORES URBANOS CONTEMPORÂNEOS**

### **RESUMO**

A colheita comida dos caixotes do lixo geralmente está associada à ideia de pobreza e necessidade de alimentação das pessoas em situação de dificuldade. A existência de pessoas que recolhem alimentos desperdiçados pelos supermercados, sem estar numa situação econômica problemática leva a refletir sobre o simbolismo desse gesto e sobre os significados atribuídos ao lixo na sociedade ocidental capitalista onde também a comida é considerada um bem de consumo. Esta pesquisa procura investigar as conexões entre o movimento Freegan, nascido nos EUA no princípio do século XXI e a realidade de pessoas, os respigadores, que em Lisboa participam da atividade de reciclagem informal de comida dos caixotes de alguns supermercados. Com base na teoria da Antropologia Ambiental e da Antropologia da Alimentação, o texto mostra como a dimensão lisboeta tem algumas características peculiares e pode oferecer interessantes pistas para refletir não apenas sobre o problema do desperdício alimentar, mas também sobre as questões críticas relativas ao ambiente.

**Palavras-chave:** Freeganismo, Dumpster Diving, Respigar, Desperdício alimentar, Antropologia Ambiental, Antropologia da Alimentação.

### **FREEGANISM IN LISBON**

#### **AN ETHNOGRAPHY URBAN HUNTER-GATHERERS**

### **ABSTRACT**

The collection of food in waste bins is usually associated with the idea of poverty and food needs of people in distress. The existence of a group of people who collect wasted food without being in a troubled economic situation leads to reflect on the symbolism of this gesture and the meanings attributed to trash in capitalist and consumerist Western society. This research seeks to investigate the connections between the US-born Freegan movement, in the early 21st, century and the reality of the people, the gleaners of Lisbon, who participate in the informal food recycling activity in certain supermarket dumpsters. Based on the theory of Environmental Anthropology and Food Anthropology, this dissertation shows how Lisbon's dimension has some peculiar characteristics and can offer interesting clues to reflect not only on the problem of food waste but also on critical environmental issues.

**Keywords:** Freeganism, Dumpster Diving, Gleaning, Food Waste, Environmental Anthropology, Food Anthropology.

## Índice

Introdução.....	5
Capítulo 1: Antropologia, um quadro teórico.....	8
1.1 Antropologia da Alimentação.....	8
- 1.2 Antropologia do Ambiente.....	17
- 1.3 Crise Climática, consumo e desperdício alimentar.....	24
- 1.4 Metodologia.....	31
Capítulo 2: Freeganism e respiga.....	35
- 2.1 Dumpster diving e Freeganism .....	36
- 2.2 Os Respigadores.....	48
- 2.2.1 Os espaços da respiga.....	60
- 2.2.2 “Comida do lixo é comida de luxo”.....	67
- 2.2.3 Respiga como identidade e respiga como necessidade.....	80
- 2.2.4 Respiga e ideia de Ambiente e Natureza.....	84
Capítulo 3: Conclusões sobre o trabalho de campo e possíveis estratégias.....	88
- 3.1 Síntese do material etnográfico.....	88
- 3.2 Dieta local e ambiente: reflexões sobre a reciclagem de comida.....	99
Referências bibliográficas.....	106
Referências on-line.....	111
Apêndice I: Perguntas das entrevistas.....	113
Apêndice II: Imagens da respiga.....	114
Apêndice III: Dicas práticas .....	116



## Introdução

O estudo etnográfico apresentado nesta dissertação tem como objeto de pesquisa a atividade do grupo de pessoas que efetuam a recolha de comida dos caixotes do lixo de alguns supermercados na cidade Lisboa.

Apresentará através do olhar da Antropologia, desde sempre ciência social que efetua a tradução entre mundos culturais, as características de um fenómeno que normalmente resulta desconhecido, objeto de preconceito ou simplesmente interpretado como uma atividade pouco interessante. O objetivo é explicar como o fenómeno estudado, ou seja a procura de comida descartada feita por pessoas não necessariamente em condições económicas precárias, é em Lisboa uma manifestação particular de uma realidade parecida com a de outros contextos culturais.

Começou como uma prática minha individual, movida pela curiosidade e a vontade de procurar comida de maneira alternativa. A decisão de estudar esse fenómeno como tema da pesquisa de dissertação surgiu ao longo do tempo, quando a realidade dos respigadores (assim são chamados em Lisboa os coletores de comida descartada em contexto urbano) revelou-se rica de características relevantes do ponto de vista antropológico. Também a descoberta da existência de um movimento, presente ao nível mundial, chamado “Freeganism” e dos vários estudos efetuados no âmbito das ciências sociais sobre esse tema, contribuíram a render o fenómeno da respiga num objeto de pesquisa particularmente interessante. Mais aprendia sobre o assunto e mais achava que fosse preciso estudar a realidade lisboeta, sobre a qual praticamente nada foi escrito<sup>1</sup> e sobre a qual muitos sabem mas poucos participam. Através do confronto e contextualização contínua foi possível criar um primeiro quadro geral do fenómeno, que sem dúvida poderia ser expandido num conhecimento ainda mais profundo que envolvesse não só o ponto de vista e a voz dos respigadores mas também dos outros atores que participam diretamente ou indiretamente nesta realidade.

A primeira intenção era de escrever a tese no âmbito da Antropologia Ambiental por causa das leituras bibliográficas que sublinham os ideais ambientalistas e anticapitalistas dos membros dos movimentos Freegan no mundo. Com os estudos seguintes e especialmente através do trabalho de campo etnográfico, foi claro como a ação de recuperar comida nos caixotes do lixo de Lisboa era um fenómeno que tinha sim algumas componentes ligadas aos ideais ambientalistas mas também tinha a ver com um universo mais amplo. No processo realizei que seria possível aproximar o

---

<sup>1</sup> A única produção escrita académica sobre o Freeganism em Portugal é Martinho, 2013.

objeto de pesquisa com várias ópticas diferentes, a vocação holística da Antropologia e a diferenciação das áreas de pesquisa, sugeria esta possibilidade. Entre as várias áreas considerei a da Antropologia dos Objetos para interpretar a comida na óptica da “vida social dos objetos” (Appadurai 1986), usar as ferramentas da Antropologia Urbana para ler o fenómeno como um produto da vida da cidade e da criação de socialidade e apropriação de zonas cinzas, ou da Antropologia Política para poder evidenciar as componentes anticapitalistas e anarquistas que esperava de encontrar e, por fim, da Antropologia Económica para estudar uma nova forma de criar independência do sistema convencional e interpretar a troca dos alimentos como um ato económico que não envolve o dinheiro. Todas essas constituíam pistas válidas para um trabalho aprofundado que evidenciasse um aspeto específico da realidade estudada. Sobretudo todas as abordagens resultavam possíveis no contexto do endereço do curso de Mestrado em Antropologia: Temas Contemporâneos. A prática de recolher comida descartada representa uma alternativa ao problema existente da enorme quantidade de comida desperdiçada, constitui uma questão contemporânea e urgente de ser resolvida também através do estudo antropológico.

A decisão de continuar a centrar a pesquisa no âmbito da Antropologia Ambiental surgiu de uma exigência pessoal de afirmar o valor da Antropologia enquanto ciência social aplicada, que pode fornecer um olhar útil na resolução de problemas ligados ao ambiente (normalmente domínio das ciências classificadas como “exatas”). As características particulares que a comida tem na nossa sociedade, unidas à existência de uma alta taxa de desperdício, devido às suas maneiras de produção, distribuição de consumo, fez que surgisse em mim a vontade de conectar a prática de resgate de comida desperdiçada com o tema mais amplo do desperdício alimentar e da crise climática. O que a prática do *dumpster diving* revela nos vários estudos em diferentes contextos culturais é que a existência de alimentos comestíveis no lixo não é uma exceção num dia particular num dado sítio mas constitui a normalidade de funcionamento do sistema. Isso fez que a atenção continuasse a ser dirigida para as temáticas ambientais dentro da Antropologia com uma clara intenção de ligar essa pesquisa aos métodos e objetivos da Antropologia aplicada que tentam, através do trabalho de campo e com as ferramentas da etnografia, de intervir ativamente no contexto estudado para alcançar objetivos práticos.

Com este estudo então o objetivo é traçar as linhas do fenómeno, descrever a realidade lisboeta através da observação participante e as palavras dos agentes envolvidos, para evidenciar a existência e a leitura de lixo como oportunidade e não como grande categoria nojenta destinada à

eliminação. Contar, através das palavras dos entrevistados, a existência de um mundo escondido que se questiona sobre o desperdício alimentar partindo de pontos de vistas diferentes e chegando também a conclusões não sempre uniformes.

A divisão deste texto em três capítulos tem a ver com a vontade de manter este fio lógico de desenvolvimento do discurso. Na primeira parte será apresentado o quadro teórico da pesquisa, partindo dos estudos clássicos da Antropologia Alimentar, evidenciando a clara conexão entre esse campo e a área da Antropologia Ambiental e concluindo com o enquadramento nos dados estatísticos que fornecem uma ideia da quantidade de alimentos desperdiçados em cada fase da produção industrial de comida.

O capítulo central, coração desta tese, é o produto da pesquisa de campo etnográfica realizada com as modalidades da observação participante e a realização de dez entrevistas semi-estruturadas. São expostas as características da manifestação do fenómeno do dumpster diving em Lisboa, partindo da etimologia do termo usado pelos atores, respiga, chegando a contar na prática os hábitos, a organização, os ideais dos informantes.

O último capítulo é dividido em duas partes, na primeira são apresentadas as conclusões sobre o estudo etnográfico e na segunda está o retorno ao macro-contexto para tentar entender como o estudo efetuado poderia ser útil no quadro das políticas de combate ao desperdício alimentar.

Através da análise etnográfica de um fenómeno cultural como este da reciclagem de comida descartada é possível levantar muitas questões de natureza prática sobre a relação entre alimentação, desperdício e ambiente. Para começar, a pesquisa se coloca perfeitamente no quadro dos estudos antropológicos contemporâneos que são caracterizados por um interesse nas realidades que se situam culturalmente e geograficamente perto da posição do antropólogo pesquisador e que tentam criar uma ligação entre contextos locais e fenómenos globais.

## Capítulo 1: Antropologia, um quadro teórico

Este primeiro capítulo é composto de uma apresentação da teoria utilizada para enquadrar o fenômeno da respiga. São aqui reportados brevemente os principais autores da Antropologia cujas publicações foram úteis para fornecer pistas de leitura para a pesquisa etnográfica. A existência de uma sub-cultura que recupera comida descartada pelo sistema, não necessariamente por exigências de sobrevivência, levanta questões diferentes e envolve áreas distintas e estudos que têm uma história e um desenvolvimento próprio no âmbito da Antropologia. Para uma análise completa do fenômeno é preciso ir além das divisões não só entre as ciências sociais mas também entre os campos de diferenciação da Antropologia. Os temas da Antropologia da Alimentação e da Antropologia Ambiental são apresentados em sub capítulos distintos por exigência de organização, mas é evidente como seria possível apresentar os dois âmbitos em conjunto, numa interseção de interesses e temas. Ao final do capítulo são introduzidas, através a citação de estudos que provêm de outras áreas disciplinares, as condições atuais que determinam a crise climática e a urgência de falar de desperdício alimentar nesse âmbito. O resultado é a criação de pontes entre as disciplinas, com a inclusão de outros pontos de vistas e as ferramentas da antropologia será possível encontrar uma possível pista de análise dos desafios ambientais ligados a essa área de conhecimento.

### 1.1 Antropologia da Alimentação

“ [...] ‘food’ is in itself a complex category - a system of systems, spanning phases from production to consumption (and waste) and thus inevitably embedded in broader frameworks of livelihood endeavors and cultural understandings.”  
(MacRae 2016: 229)

A citação aqui escrita exemplifica bem como a comida não é somente uma componente fundamental pela sobrevivência animal mas constitui, entre a espécie humana, uma categoria estreitamente ligada à dimensão individual e cultural, e objeto de grande significação. Através do ato de comer a pessoa não está só ingerindo alimentos mas está também aceitando o mundo de significados que aquela determinada comida representa, como Fichler afirma partindo da ideia do

célebre antropólogo Lévi-Strauss “food must not only be good to eat but also good to think” (Fichler 1999:284).

Em termos históricos, a evolução humana tem vivido diferentes fases acompanhadas e influenciadas fortemente pela maneira de procurar comida. Os históricos estudos antropológicos sobre as sociedades coletoras caçadoras são um testemunho desse fato, e muitos se perguntam sobre a influência da situação ambiental na sociedade analisada, chegando a conclusões nem sempre uniformes.<sup>2</sup>

A comida é central na construção humana da identidade: “not only does the eater incorporate the properties of food but, symmetrically, it can be said the absorption of a food incorporates the eater into a culinary system and therefore into the group which practices it [...]” (Fischler 1999:281). A esse propósito é útil introduzir um conceito desenvolvido por o sociólogo Claude Fischler a propósito da particularidade da relação entre seres humanos e alimentação. Este fala do “Paradoxo do onívoro”<sup>3</sup>, que consiste na tensão constante entre a inclinação à diversificação da dieta devida à necessidade fisiológica de ingerir alimentos com propriedades diferentes (chamada neophilia) e a cautela em experimentar alimentos desconhecendo se o consumo dos quais poderia constituir um perigo pela saúde (neophobia). O paradoxo então está na busca do equilíbrio entre essas duas dimensões, um constante jogo de força entre neophilia e neophobia. (ivi:278).

Ao nível antropológico este conceito constitui um importante reconhecimento das tensões existentes na esfera cultural acerca da alimentação: a inclinação em comer alimentos que são socialmente considerados como aceitos e a rejeição simbólica daqueles que podem pertencer a categorias tabus no nosso dia a dia. Se aplicados ao caso de estudo da alimentação com comida proveniente do lixo a neophilia é representada pela felicidade de encontrar os alimentos do costume em contraste à neophobia que resulta ser sempre mediada pela curiosidade e contemporaneamente a cautela com que são abordados os alimentos não familiares encontrados nos caixotes. Cautela ulteriormente amplificada do contexto especial que determina o surgimento de precauções ulteriores na decisão de ingestão ou não de um determinado produto.

---

<sup>2</sup> Seria necessário aprofundar aqui a questão sobre as correntes deterministas da Antropologia que tratavam as culturas como produto automático da condição ambiental, teorias que resultam ser interessantes mas parciais. Por falta de espaço será deixado esse tema em suspenso.

<sup>3</sup> Sucessivamente tornou-se também o título de um celebre livro do jornalista americano Michael Pollan (2016). *The Omnivore's Dilemma*. Nova Iorque, Penguin ed.

Para uma análise histórica da evolução do campo da Antropologia da Alimentação é oportuno referir o texto dos autores S. Mintz & Du Bois (2002) que faz uma revisão bibliográfica do tema, descreve as mudanças e as várias características dessa área de estudo ao longo do tempo. Desde ser o lugar de manifestação das correntes opostas do materialismo e do simbolismo, passando pelos estudos de género no campo da alimentação e os que tratam da relação entre área geográfica, práticas alimentares e identidade nacional (Mintz & Du Bois 2002:109). Existem etnografias sobre um tipo de comida específica, muitas sobre a natureza particular da carne em quanto alimento, textos que levantam questões e iluminam características simbólicas e estruturais da comunidade em questão. O padrão geral que eles evidenciam é o crescimento constante, especialmente nos últimos anos, da atenção geral do mundo pela comida, acompanhada do consequente aumento da produção científica da Antropologia sobre esse tema (ivi:100)<sup>4</sup>.

Desde a adoção de práticas agrícolas até o desenvolvimento da agricultura industrial, o processo evoluiu na direção de uma maior disponibilidade em termos de quantidade e possibilidade de escolha - no sentido de que as pessoas não são mais dependentes do próprio cultivo mas podem ir ao supermercado e comprar qualquer tipo de alimento, mesmo fora da temporada “natural”<sup>5</sup>. Como escreveu o escritor e ambientalista Wendell Berry: “Eating is an agricultural act”<sup>6</sup>: a ação de comer é inevitavelmente conectada com o processo produtivo e tem influencia direta na alteração dos ecossistemas. Afirma isso e evidencia a qualidade essencialmente escondida do processo agrícola nas percepções dos consumidores, embora nas últimas décadas hábitos como o vegetarianismo ou veganismo tenham mudado essa percepção. Na época na qual vivemos os estilos alimentares se têm-se diferenciado altamente e, resultam ser, cada vez mais, o fruto de uma escolha individual (Niola 2015:15). Como o surgimento e crescimento do vegetarianismo, do veganismo e o pluralismo de estilos (crudismo, paleo-dieta etc.) demostram, cada vez mais pessoas decidem adotar uma dieta específica que reflete os ideais delas acerca da individualidade e da visão do mundo. Entre as várias razões como as éticas, do anti-especismo, aparecem também fortes motivações ambientalistas que

---

<sup>4</sup> Entre as revistas citadas pelos autores: *Gastronomica*, *Petits Propos Culinaires*, *Food & Foodways*, and *Digest: An Interdisciplinary Study of Food and Foodways* (Mintz & DuBois 2002:101).

<sup>5</sup> No limite das capacidades financeiras e do contexto cultural individual, fatores que influenciam diretamente as escolhas nas compras.

<sup>6</sup> Em “The Pleasures of Eating” artigo original na revista *What Are People For?*, North Point Press 01/1980

traçam uma linha direta entre a ação de comer, a destruição do ambiente e as alterações climáticas causadas pela indústria de criação de animais.<sup>7</sup>

Um entre os casos exemplares da mudança do sistema de produção e distribuição de comida poderia ser a mudança do consumo de carne em Itália, exposta no livro “Fine Pasto. Il cibo che verrà”<sup>8</sup> do antropólogo italiano Vito Teti (2015). A carne, que no passado constituía o prato “sagrado” somente comido no domingo e em coincidência com festas particulares, graças à adoção das técnicas industriais de produção animal, começou a estar presente com mais frequência em outros dias, contribuindo a mudar de forma consistente a esfera simbólica à volta desse alimento, com influências diretas também ao nível individual na corporeidade dos italianos (Teti 2015). Na nossa sociedade então o perigo na maioria dos casos não é mais constituído da falta de comida ou da possibilidade de passar fome mas da sobre-alimentação ou da qualidade da comida com todas as consequências negativas que pode produzir, quer ao nível físico individual quer ao nível ambiental. Esse processo acontecido durante a época moderna evoluiu até chegar na sociedade contemporânea<sup>9</sup> caracterizada do fenómeno que o antropólogo italiano Guido Nicolosi chama “ortorexia”:

“manias dietéticas, escolhas vegetarianas extremas movidas pela ideia do não contaminado, improváveis retornos de mitologias exasperadas, mas também modelos dietéticos sustentáveis e possíveis, novas consciências ambientais, modernas filosofias naturalistas, ética do eco-pertencer, procura de utopias minimalistas.<sup>10</sup>”

(Niola 2015:103)

Com a palavra “ortorexia” ele identifica a característica da contemporaneidade ser uma época onde existe uma pluralidade de visões acerca da comida, que podem ser comparadas a preceitos obsessivos e religiosos. A raiz estaria na queda das grandes ideologias modernas e da busca de um ideal sempre mais forte de individualidade, sentimos-nos sozinhos no mundo e queremos acreditar

---

<sup>7</sup> Para aprofundar o tema, veja-se o documentário: Anderson, K., (2014) *Cowspiracy*. EUA.

<sup>8</sup> Trad: “Final da refeição. A comida para vir.”

<sup>9</sup> Falando do contexto cultural “ocidental”.

<sup>10</sup> Trad. minha do original em italiano. “manie dietetiche, scelte vegetariane estreme all’insegna del non contaminato, improbabili ritorni a mitologie esasperate, ma anche modelli dietetici sostenibili e plausibili, nuove consapevolezza ambientali, moderne filosofie naturalistiche, etica dell’ecoappartenenza, ricerca delle utopie minimaliste.”

em algo, investir no nosso corpo como se fosse um bem material: “transformado a ética em dietética” (ivi:19), onde a comida constitui uma prova da moral individual.

Adotando assim uma óptica antropológica resulta claro como o estudo da relação humanos-comida não será um estudo das características nutricionais dos alimentos, ou da sua forma técnica de produção, mas terá o seu foco em todos aqueles aspetos existentes que fazem da alimentação um fenómeno multidimensional. Cada estudo sobre os costumes alimentares deverá reconhecer que a escolha de uma dieta não tem só a ver com a comida disponível naquele lugar e naquele momento, e que não é exclusivamente o resultado de um calculo de vantagens e desvantagens ao nível nutricional.

Existem complexas regras de significação que têm a ver com as normas sociais, religiosas e de relação entre indivíduos. Um dos principais autores no campo da Antropologia da Alimentação, o americano Marvin Harris, define com o termo “cultura alimentar” as tradições gastronómicas de uma população ou seja, resumido numa frase: “o que vai além da fisiologia da digestão” (Harris 1998: 4).

O que nós comemos ou não comemos desde a infância faz parte do que o sociólogo Pierre Bourdieu chama de “habitus”. Com essa palavra Bourdieu aborda as práticas que fundam os comportamentos humanos e são transmitidas para as crianças a partir do momento em que nascem (Bourdieu 1983: 56). Os gostos são segundo este a manifestação prática de uma diferenciação necessária entre grupos e indivíduos, e o gosto alimentar é definido como “arquétipo de cada forma de gosto” (ivi: 77).

O que constitui o habitus então são escolhas determinadas no contexto cultural e social do indivíduo que, por serem radicadas nas pessoas e constroem um traço fundamental de distinção, são interpretadas como fundadas por natureza. Entre esses o gosto alimentar é particularmente importante por ser um aspeto fortemente ligado às primeiras aprendizagens e por acompanhar os indivíduos ao longo da existência. No caso específico da alimentação, interpretando o gosto como uma escolha fundada por natureza o resultado é a criação de um olhar “gastrocêntrico”<sup>11</sup> que julga os costumes dos outros com os próprios parâmetros de gosto e desgosto.

É fácil encontrar esse tipo de reação quando o indivíduo entra em contato com alguém que come o que ele sempre recusou ingerir, como, a título de exemplo os insectos para nós ocidentais ou a carne

---

<sup>11</sup> Declinação do etnocentrismo no âmbito da cultura alimentar.



de animais considerados de estimação. Tal como o gosto une, pode separar e distinguir: “food serves both to solidify group membership and to set groups apart.” (Mintz & Du Bois 2002:109)

Por essa razão resulta fundamental utilizar uma das ferramentas cruciais da antropologia como o relativismo cultural; graças à adoção dessa ótica e à suspensão do julgamento, uma entre as técnicas próprias da pesquisa etnográfica, é possível evitar a cristalização das próprias ideias e posições acerca dum tema tão radicado na esfera individual como aquele da cultura alimentar.

Voltando às teses do Bourdieu, um ponto particularmente interessante na classificação dos habitus é o fato que os costumes são diretamente relacionados com a renda, chegando a diferenciar os “gostos de necessidade” (das classes baixas), dos “gostos de prazer” (das classes mais altas) (ivi:77). É relevante utilizar esse aspeto na discussão que se quer aqui levantar sobre a prática da respiga de comida nos caixotes do lixo da cidade, uma ação normalmente “da necessidade” que torna-se resultado de uma escolha feita por pessoas que não necessariamente entram nas categorias sociais de insegurança económica. A ação de “mergulhar no lixo” que é socialmente interpretada como uma ação ligada a uma situação socio-económica de vulnerabilidade, nesse caso resulta ser parte de uma escolha de estilo de vida ligada a questões ideológicas ou praticas diferentes.

Para um estudo mais detalhado sobre os significados implícitos das refeições e os alimentos de um determinado grupo sócio-cultural é essencial fazer referência ao trabalho da célebre antropóloga britânica Mary Douglas. Os seus estudos concentraram-se em indagar as modalidades pelas quais uma cultura ordena o mundo numa maneira específica, na qual a classificação da comida e da prática alimentar tem um papel fundamental: “I believe that some pollutions are used as analogies for expressing a general view of the social order.” (Douglas 1966:3). Cada tradição culinária é conectada com um sistema simbólico de visão e interpretação do mundo. Esses tipos de classificações e de práticas correlatas determinam a posição do indivíduo no interior de um determinado grupo e regulam também as relações entre os grupos, que podem coincidir com as classes sociais. Cada cultura e cada indivíduo têm as suas regras do que é aceite comer ou não, as suas classificações de bom e mau, de gosto e desgosto. Muitas dessas classificações são determinadas pelo contexto cultural onde o indivíduo está imergido e refletem uma das amplas ideias sobre a ordem ideal das coisas.

Conceito central dos trabalhos de Douglas o da contaminação, fazendo um paralelismo entre sujo e limpo, a comida contaminada será aquela que é associada a tabu culturais que regulam a sua possibilidade/impossibilidade de ser consumido. A impureza seria o que fica fora da ordem

estabelecida das coisas: “Dirt was created by the differentiating activity of mind, it was a by-product of the creation of order” (ivi:161).

Aplicando essas teorias ao contexto analisado nesse estudo de caso, se consideramos com a mesma ótica a regra social de evitar de ingerir alimentos provenientes do lixo como um tabu cultural, a explicação da Douglas fornece elementos muito interessantes para a interpretação do valor social de tal interdição. O conceito de contaminação simbólica de alguns alimentos ao centro das interdições, no caso desse estudo não resulta ser tão metafórico e evanescente. A ideia que as pessoas não deveriam apanhar e comer alimentos com datas de validade passadas ou que ficam fisicamente num caixote do lixo é regulada não só por uma ideia de contaminação simbólica, que ajuda o sistema a manter um sentido interno, mas também e sobretudo numa contaminação real, biológica e tangível. Douglas refere-se à existência dos tabus alimentares, também os mais incompreensíveis num primeiro momento, como regras que revelam a preocupação de proteger a sociedade de comportamentos que poderiam destruí-la. Objetivamente a regra social, às vezes reforçada por normas jurídicas que proíbem que as pessoas possam ter acesso à comida descartada, segue a teoria da Douglass no sentido de salvaguarda da saúde pública. Os evidentes riscos de comer algo potencialmente apodrecido, as bactérias presentes nos caixotes etc. fazem que dentro de uma contexto cultural definível “altamente germofóbico” (Evans 2014:17) o tabu existente sobre a comida do lixo sirva para manter uma ordem ideal e prática da sociedade. Para uma suposta salvaguarda do indivíduo através da reafirmação das fronteiras entre comestível e não, fronteiras que, como o próximo capítulo claramente vai evidenciar, são colocados em questão e renegociadas pelos respigadores.

Exatamente como nas sociedades estudadas pelos primeiros antropólogos, os tabus sociais eram regras que tinham como fim a gestão do risco e regulação do coletivo, é possível afirmar que na nossa sociedade essa dimensão exista e seja gerida pelos cientistas, os quais, distanciados profissionalmente das pessoas “comuns”, promovem regras ou rejeitam pensamentos aparentemente irracionais das pessoas não qualificadas.

A análise do papel da ciência na nossa sociedade, a racionalidade científica que é considerada como um dogma, é um aspeto amplamente estudado na Antropologia. Se o mundo ocidental é interessado por um processo de secularização e de continuo afastamento dos ideais religiosos resulta que a verdade científica é interpretada como a única opção autêntica. O sociólogo, antropólogo e filósofo francês Bruno Latour, através de pesquisas prolongadas em ambientes científicos, entre todos o

célebre “Laboratory Life”<sup>12</sup> conseguiu demonstrar como os mecanismos de existência da autoridade científica são culturalmente determinados e resultam ser o produto de uma validação que tem muito em comum com as crenças religiosas. A ciência começou a ser o meio para legitimar a verdade, uma verdade racional, autónoma e dogmática no contexto da cultura ocidental. Através desse ideal classifica qualquer coisa que cai fora desse sistema de crença como não verdadeira, fruto da irracionalidade ou da superstição.

O estudo da prática dos respigadores evidenciou como os paramentos científicos, tratados teoricamente como verdadeiros e não negociáveis pelo sistema (os supermercados têm que tirar a comida potencialmente perigosa uma vez que ultrapassa o prazo) são na experiência individual considerados como meros indicadores e são substituídos pela experiência sensorial da pessoa. No próximo capítulo será indagado esse aspeto, através das palavras dos protagonistas a partir dos apontamentos escritos ao longo do trabalho de campo.

Para criar um quadro mais completo sobre o tema da relação da Antropologia com a esfera da alimentação é preciso mencionar as teorias do célebre estruturalista francês Claude Lévi-Strauss. Os seus estudos nesse âmbito são o resultado da vontade de aplicar as categorias da antropologia estrutural ao campo alimentar. Seguindo estudos de linguística, no livro *Antropologia Estrutural* de 1958 pela primeira vez refere o tema da comida. Nesta obra o autor formula o conceito de “gustema”, que corresponde ao “fonema” no âmbito da linguagem. Como um idioma é composto por elementos constitutivos que são os fonemas, assim para ele a cultura culinária de uma sociedade pode ser analisada reconhecendo as suas partes como “gustemas”, organizadas segundo estruturas de oposição e interdependência (Lévi-Strauss 1958:103). Daqui a análise relativa à comida aparece em outros estudos, nos quais Lévi-Strauss tenta de conectar a simbologia alimentar com aspetos diferentes dos mecanismos sociais. Na introdução ao livro “Le cru et le cuit” (1º ed. em 1957) ele afirma que o seu objetivo é “mostrar como as categorias (cru/cozido, fresco/podre, molhado/queimado) podem ser ferramentas conceptuais para fazer emergir algumas noções abstratas e contentá-las em proposições”<sup>13</sup> (Levi-Strauss 1998 [1957]:25). A pesquisa parte do estudo do mito dos Índios Bororo do Brasil, reconhecido como “mito de referência”, para depois analisar as variantes transmitidas no continente americano. O livro assume a forma de um tratado de mitologia geral e com alguns traços interessantes em matéria de alimentação:

---

<sup>12</sup> Labour, B. & Woolgar (1979). *Laboratory Life*, Beverly Hills: Sage Publications.

<sup>13</sup> Trad. minha da versão italiana.

“A conjunção de um membro do grupo social com a natureza tem que ser mediada através da intervenção do fogo na cozinha, que normalmente tem o papel de mediar a conjunção do produto cru e do consumidor humano, e por obra do qual, o ser natural é cozido e contemporaneamente socializado [...]” (Lévi-Strauss 1998: 439).<sup>14</sup>

A teoria que emerge é aquela segundo a qual o processo de cozinhar a matéria constitui um elemento fundamental da ordem cultural numa sociedade, que as categorias de cru e de cozido não se limitam ao âmbito da comida mas refletem o seu valor na cosmologia geral. A cozinha é vista por Lévi-Strauss como a técnica que transforma o que é natural no que é cultural e estende essa sua teoria para outros contextos culturais. Enquanto atividade comum entre os indivíduos de todo o mundo, ele cria a ideia dos seres humanos como entidades que vivem entre o natural e o cultural, capazes de transformar o mundo exterior através das suas ações e de criarem assim universos cheios de significados. Cozinhar é domesticar, é fazer entrar na esfera da cultura o que antes era percebido como pertencente à natureza, é uma ação ritual que muda o estado da comida e que determina a “aculturação dos alimentos”. Esse aspeto será fundamental na consideração da vida dos alimentos uma vez que saem do caixote e são ao centro de um processo de re-significação atuado pelos respigadores. Iremos ver como o ato de cozer é de fundamental importância na reapropriação de um alimento potencialmente nocivo. O ato de cozinhar, junto a outros, faz parte daquelas ações que transformam o lixo em algo “good to eat because good to think”.

Resulta neste momento necessário aprofundar a questão da divisão conceptual da esfera da natureza e da cultura, através as teorias da Antropologia Ambiental.

---

<sup>14</sup> Trad. minha da versão italiana.

## 1.2 Antropologia e Ambiente

“Nature is not really separate from culture after all”

(Brightman & Lewis 2017:13)

“urban denizens can have meaningful experiences of nature in a modern metropolis.

[...] Freegans, like many modern-day environmentalists and eco-conscious citizens,

drew on nature as a potent, transcendent ideal, much as others might appeal to

Christianity or socialism.”

(Barnard 2016:1045)

Se por um momento continuamos a entender as esferas de cultura e natureza como separadas, poderíamos bem colocar a categoria da comida como exatamente entre as duas. Mediada de um lado da ação humana através do trabalho de cultivo de plantas e criação de animais, e do outro influenciada pelos processos naturais de crescimento, pelos agentes atmosféricos e as características biológicas.

A comida então, mais do que tudo, é o que mais vezes por dia reconecta as pessoas à dimensão ambiental, seja diretamente através da influência ao nível fisiológico que os alimentos produzem no corpo seja ao nível do consumo determina a demanda de uma certa produção e influenciar assim a intervenção num ecossistema. “By far the biggest invaders of the natural landscape are not tarmac and concrete, but fields - those green, furrowed units in the countryside. Where forests once cloaked the ground, fields now stretch across continents transform the land into a food factory.” (Stuart 2009:xv)

Entre as muitas áreas de especialização da Antropologia, a Antropologia do Ambiente tem como objetivo o estudo das relações homens-ambiente nas suas diferentes formas. Partindo do estudo geral da relação cultura-natureza e da afirmação que as duas categorias são culturalmente determinadas, cada sociedade tem a sua própria maneira de conceituar o mundo (Haenn & Wilk 2005).

A Antropologia do Ambiente ocupa-se de relativizar a maneira de conceituar o mundo natural e o lugar dos seres humanos nele, indagando as diferentes maneiras de interpretação, relação e uso dos elementos naturais. Entre tudo indaga também como as sociedades são influenciadas pelo ambiente, e como elas influenciam a esfera do “não humano”, como gerem os recursos naturais, os riscos e desafios que cada ecossistema apresenta pelos grupos humanos que nela habitam.

Com um olhar histórico sobre a Antropologia é possível encontrar traços de um interesse pela relação entre a população estudada e a esfera ecológica a partir do nascimento da disciplina. Um dos primeiros exemplos é o texto sobre a relação entre o cultivo das hortas e a magia entre os trobriandenses estudados pelo célebre antropólogo Bronislaw Malinowski no livro *Magic, Science and Religion* publicado em 1925. Nesse texto ele fala sobre os habitantes da Melanésia, pescadores e agricultores, e da relação deles com a magia que está sempre presente nas atividades e é considerada indispensável para a prosperidade das hortas. O trabalho prático de cultivo vai lado a lado com aquele ritual da magia, que entra na medida em que sempre se verificam manifestações climáticas imprevisíveis. “O homem primitivo admite tanto as forças e as atividades naturais como as sobrenaturais e procura usar ambos em seu próprio benefício” (Malinowski 1984 [1925]:82) os homens “primitivos” são então considerados capazes de observar e pensar. A de Malinowski foi uma das primeiras tentativas de entender em “termos científicos” o papel dos rituais ligados ao cultivo, inserido na intenção geral do antropólogo que, como declarado na célebre introdução de *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922) consistia em “*to grasp the native point of view*” (Malinowski 1961 [1922]:25) ou seja de compreender o ponto de vista do nativo. A missão do antropólogo é então aquela de explicar em termos familiares e com rigor científico, o imaginário local que resulta inicialmente incompreensível e de difícil interpretação para quem provém de um outro contexto cultural.

Entre os mais importantes representantes da Antropologia na época moderna que tem desenvolvido trabalhos na área da relação humanos-natureza, é preciso citar Edward Evans-Pritchard com a sua etnografia sobre os nuer do Sudão publicada em 1940: “*The Nuer: A description of the modes of livelihood and political institutos of Niolitic People*”. Nesse célebre texto o antropólogo inglês descreve a estreita relação entre a cultura Nuer, as suas tradições e estrutura com os ciclos da chuva e as mudanças no ambiente. Foi entre um dos primeiros a demonstrar a importância de perceber a relação entre a população objeto da pesquisa etnográfica e o ambiente, neste caso é interessante também a descrição da complexa modalidade de classificação do gado feita pelos locais segundo critérios estéticos dos animais. (Evans-Pritchard 1968 [1940]:pp ). Chegando assim a conectar num quadro completo as características culturais e de organização da sociedade com as manifestações atmosféricas e naturais do ecossistema à sua volta.

Não seria suficiente uma inteira dissertação para apresentar o nascimento, crescimento e as várias formas e correntes que a Antropologia do Ambiente teve e tem e as possíveis formas que

eventualmente irá tomar no futuro. Internamente à disciplina da Antropologia do Ambiente são diferentes os temas tratados: as questões ligadas à patrimonialização da natureza, o conhecimento e classificação de plantas e animais, a análise dos movimentos ambientalistas no mundo.

Inseridos numa visão de mundo como constituído das duas esferas de cultura e natureza, até agora os indivíduos inserido num sistema cultural identificável como “ocidental”, falharam em interpretar o ambiente como o lugar onde estão inseridos, do qual são parte integrante e os problemas ambientais como questões que influenciam a totalidade da humanidade.

Também a retórica de um certo tipo de ambientalismo contemporâneo fala da natureza como em urgência de ser protegida da intervenção humana, considerando essa última como necessariamente nociva para o bom funcionamento do ecossistema (Milton 1996:110). Com os exemplos que provém de outros contextos culturais, vários fornecidos por antropólogos, é possível ter uma visão diferente do lugar dos humanos em relação à dimensão que nós identificamos como natural. Vários estudos revelam a existência de diferentes visões, por exemplo as crenças de identificação com elementos naturais (tanto plantas quanto animais) e de interpretação de fenómenos atmosféricos como consequência da conduta moral dos indivíduos da comunidade.

Tim Ingold, um dos antropólogos mais prolíficos da contemporaneidade, tem tratado diferentes temas que entram na área da Antropologia Ambiental, em maneira aprofundada e exaustiva, fornecendo elementos úteis não só pela análise das populações inseridos num contexto cultural longe do mundo ocidental mas também para uma reflexão sobre a nossa própria maneira de interpretar o mundo. Na publicação *“The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill”* (2000) [1983] aplica a análise antropológica à concepção do espaço e do ambiente em diferentes contextos culturais. O resultado é um tratado com enfoque filosófico sobre as características e as capacidades humanas conectadas com o espaço e o ambiente. Mais em particular, resulta interessante no assunto aqui tratado a sua visão sobre o pensamento do mundo enquanto globo ou esfera (Ingold 2000 [1983]:209-2018). Segundo a tese do Ingold, a cultura ocidental a partir das primeiras teorias sobre a esfericidade do planeta Terra, tem começado a reproduzir a imagem da terra como globo e a transmitir a mesma através os sistemas de ensino.

As pessoas que crescem com esse tipo de aprendizagem são levadas a pensar ao mundo como um globo, de cor azul e verde, que existe na sua totalidade sem a presença visível dos seres humanos (ivi: 209). Essa visão opõe-se à das populações que vivendo sem a ideia de mundo como globo criam pensamentos acerca da realidade a partir do conhecimento empírico que têm do ambiente

onde estão inseridas, o que o Ingold chama de percepção do espaço esférico. Na visão do mundo em quanto globo os seres humanos estão na superfície do planeta imaginado, na visão do mundo como esfera os humanos resultam estar no ponto central. Assim o processo de conhecimento do mundo para nós não é uma questão de ativação da parte sensorial mas é uma reconstrução cognitiva das ideias aprendidas (ivi:213). O autor continua nessa interessante interpretação afirmando que a ideia de mundo enquanto globo influencia a possibilidade de ver o planeta com um olhar colonial. Colonial porque vê o espaço como um total que está à espera de ser ocupado “we are urgently searching around, not just in fantasy but also in fact, for new world to colonize” (ivi:214) e, adicionaria, no caso da produção alimentar o sistema mundo globalizado está também em contínua busca de novas terras para serem cultivadas, com a exigência de satisfazer as vontades das pessoas, que podem viver a enorme distância do sítio de produção, com o resultado de uma criação contínua de novas “fronteiras do capitalismo”<sup>15</sup>.

A própria visão ambientalista ocidental é posta em causa porque considera o Planeta Terra como um globo natural, uma realidade externa aos humanos, separada e longe da vida do cotidiano das pessoas e que precisa ser protegida. A mesma ideia de biodiversidade, segundo o Ingold, existe e é possível só graças a essa perspectiva de mundo enquanto globo. Muitos aspetos da obra de Ingold são úteis para continuar o caminho na direção da compreensão e interpretação do fenómeno da respiga em Lisboa. Esta teoria da percepção do mundo resulta particularmente interessante porque relacionada com o estudo antropológico do ambiente-espaço, com a tensão entre conhecimento científico e conhecimento experiencial e com as teorias gerais sobre os movimentos ambientalistas.

Seguindo este pensamento, a perspectiva global resulta de um conhecimento científico considerado como verdade única e irrefutável, as perspectivas locais pelo contrário são subjetivas, múltiplas e mutáveis. A crítica automática que sai diretamente deste raciocínio é aquela direta às políticas globalizadas de defesa da natureza em nome da saúde do Planeta, sem ter em devida consideração as modalidades de vidas locais, a pluralidade de visões, simbologias e de maneira de gerir os recursos.

Como a antropóloga inglesa Kay Milton tem afirmado nas suas publicações acerca do papel da Antropologia no estudo dos movimentos ambientalistas, essa ciência social pode enfrentar o dato tema em duas maneiras diferentes. Na primeira forma ela afirma que os conhecimentos produzidos

---

<sup>15</sup> Com essa expressão a antropóloga Anne Tsing identifica aquelas zonas de fronteiras criadas em espaços que houve um interesse recente pela exploração de um dado recurso natural. Ver *Capitalism Frontiers*, Tsing 2003



pela Antropologia sobre a diversidade humana podem ser úteis na resolução de problemas ambientais (Milton 1996:23). Isso pela particularidade da Antropologia de ser uma ciência que confere atenção à imensa diversidade cultural existente na interpretação e nos usos do que é “natureza”, traduzindo em termos familiares para nós, aquilo que aparentemente resulta pouco compreensível. A outra forma em que a Antropologia pode ser útil no âmbito do ambiente é na análise dos movimentos ambientalistas. Os antropólogos podem estudar o ambientalismo e contextualiza-lo como fenômeno cultural, desta maneira contribuindo para o desenvolvimento do pensamento ambientalista e a eficiência das suas ações (ivi:24).

A antropóloga contextualiza os movimentos ambientalistas como típicos da sociedade industrial, que, como Ingold bem descreveu, têm uma visão global e identificam o natural como o ancestral, o “intocado” pelos humanos. Consequência desse tipo de pensamento é também a presença da ideia segundo a qual as populações não- industriais vivem em equilíbrio e harmonia com a natureza. Os antropólogos tem longamente discutido sobre esse tema, até identificando esse estereotipo com a expressão *noble savage*. Através dos estudos etnográficos durante as décadas foi possível criar o conhecimento necessário para poder afirmar que a ideia que os povos indígenas vivem em harmonia e equilíbrio com a natureza representa uma interpretação da realidade, um pensamento que surge do conhecimento superficial e mitificado dessas populações. Medir o limitado impacto ambiental que algumas populações têm não significa que essas mesmas sejam intencionalmente “guardiãs” da natureza. Essa visão é gerada da ideia que cultura e natureza são duas esferas distintas e separadas e que essas populações estão mais perto da ideia de natureza do que nós, não influenciadas pelos aspetos negativos da nossa civilização, e que vivem cristalizadas numa fase atemporal. De certa forma seria possível interpretar esse ideal como uma continuação dos pensamentos evolucionistas próprios da primeira fase da Antropologia, na qual os “primitivos” eram interpretados como seres que pertenciam a fases anteriores da linha evolutiva das civilizações. Os fatores para considerar a percepção do baixo impacto ambiental dessas populações são então vários, como o isolamento geográfico, a baixa densidade populacional e as tecnologias limitadas que possuem (Milton 1998:110). O exemplo dos caçadores-coletores é utilizável para fazer um paralelismo com os respigadores, sujeitos do trabalho de campo da pesquisa. Os dois grupos têm em comum a característica de colher as oportunidades que os ambientes onde vivem oferecem, os primeiros em lugares vistos como mais “naturais” os segundos aproveitando dos recursos disponíveis por causa da existência do desperdício. Tantos uns quanto outros criam práticas culturais que têm a ver com a provisão de alimentos, os dois são legitimamente comportamentos naturais humanos. A chave pela

interpretação tem que passar pelo cancelamento da divisão cultura-natureza, reconhecendo que tudo aquilo que é produzido pelos humanos é fruto da nossa naturalidade enquanto animais culturais:

“a dam built by people is as natural as one built by beavers, computer technology is as natural as collecting fruit from the rainforest.” (ivi:223).

Uma maneira interessante de diferenciar de forma objetiva os grupos humanos em relação ao ambiente seria se basear nas modalidades em que eles encontram os seus recursos para viver. Todos os seres humanos precisam de recursos para sobreviver, que sejam indispensáveis ou acessórios, nós vivemos sendo dependentes de vários elementos fora da nossa dimensão corporal individual. Milton propõe uma categorização particularmente interessante, ela divide as populações humanas em dois grupos: “Ecosystem people” e “Biospheric people” (ivi:30). A primeira categoria se refere às pessoas que obtêm os seus recursos do ecossistemas no qual elas vivem, dependem diretamente do ambiente imediato. A segunda seria aquela de quem usa recursos que provêm de diferentes lugares na biosfera, que dependem de uma grande variedade de ecossistemas para satisfazer as suas necessidades. A característica dessa segunda categoria é também a de deslocamento dos lugares de produção uma vez que os recursos acabam num sítio diferente do que foram produzidos ou colhidos. Claramente a maioria das pessoas no mundo contemporâneo vivem envolvidos nas dinâmicas da globalização e vivem utilizando recursos que provêm de diferentes lugares. O fato de dependermos de recursos que são produzidos longe de nós, sobretudo longe do nosso olhar, faz que, mesmo vivendo numa sociedade em que as informações sobre o estado do mundo são acessíveis, a maioria das pessoas não estejam conscientes e não sofram as consequências ambientais das suas formas de consumo. O que alguns movimentos ambientalistas promovem é então a transição desde *biospheric* a *ecosystem people*, com a reconstrução dos sistemas de produção e de auto-suficiência, restituindo uma dependência no ambiente à volta e de consequência a responsabilidade das pessoas pelos efeitos das suas ações no ecossistemas onde estão inseridas. O existente conceito de “pegada ecológica” ajuda sim a dar uma ideia de quais práticas tem mais ou menos impacto ambiental mas continua a ficar no mundo evanescente da teoria. O que a prática do dumpster diving permite é de revelar através a evidência tangível, uma realidade bem conhecida quanto escondida aos olhos da maioria. O problema do desperdício alimentar tem interessado ultimamente muitas organizações internacionais e locais, como o próximo sub-capítulo irá explicar, mas é preciso distinguir a fundamental diferença entre a leitura de estatísticas e a experiência pessoal, emocional da vista de comida perfeitamente comestível num caixote do lixo. Presenciar isso determina o levantamento de

importantes questões éticas, morais, económicas e ambientais. Aparece então novamente a qualidade intrinsecamente diferente entre os dados científicos, “certos”, frios, destacados e a experiência empírica produzida através da prática.

A base teórica da área da Antropologia Ambiental aqui apresentada ajudará a fornecer um quadro importante para a contextualização do fenómeno da respiga na cidade de Lisboa. Mais em frente será explicado como a particularidade dessa realidade na capital portuguesa faz que ela não seja classificável como um movimento ambientalista. O carácter altamente individual e a ausência de formas organizadas de ação e de uma retórica compartilhada fazem que o centro do aspeto ambiental da pesquisa se tenha tornado a comida enquanto lixo e tudo aquilo que esse fenómeno aparentemente simples nos fornece.

Não podendo classificar as pessoas que fazem a respiga em Lisboa como um grupo uniforme com objetivos comuns no âmbito da intervenção ambientalista, resulta claro como a análise do fenómeno da respiga em Lisboa não pode ser um estudo sobre uma entidade bem identificada e delimitada. Pelo contrário, através da pesquisa etnográfica continuada e das entrevistas o resultado da tese poderá ser útil na organização de uma maneira mais eficiente de gestão do desperdício alimentar, em linha com os princípios da Antropologia Aplicada (Rylko-Bauer et al. 2006).

Nesse caso a conexão entre *dumpster diving* e ambiente tem a ver não só com as questões do uso excessivo dos recursos naturais mas também com as consequências ambientais da eliminação dos resíduos orgânicos constituídos pelos alimentos descartados.

“Environmental anthropologists recognize that they are now working within a pressure cooker of rapid environmental damage that is forcing behavioral and often cultural changes around the world” (Kopnina & Shoreman-Ouimet 2016:1).

### 1.3 Crise Climática, consumo e desperdício alimentar

“Capitalism is not able to control the exceptional powers which it itself generated, especially through new forms of excessive consumption that are changing climates and eliminating some conditions of human life and its predictable improvement.”

(Urry 2010:193)

Se falamos de questões ambientais é evidente a necessidade de se referir aos problemas relativos às alterações climáticas, as suas causas e as suas consequências em relação aos seres humanos. O crescimento exponencial da população, o aumento dos consumos e das emissões de dióxido de carbono estão mudando as condições da vida no planeta (Steffen et al. 2011). Também é importante considerar como entre os desafios das próximas décadas um dos principais é constituído pela necessidade de aumento de produção alimentar para satisfazer a demanda da crescente população mundial. O discurso sobre as alterações climáticas hoje em dia não é limitado ao âmbito científico mas faz parte do discurso público em vários registos.

O que foi amplamente demonstrado é a estreita conexão entre as alterações climáticas as atividades humanas dentro do sistema industrial capitalista.

O Capitalismo desde o princípio fundado no crescimento, potencialmente infinito, resulta em conflito com a perspectiva de que os recursos naturais são na realidade finitos. Impossível nesse caso não referir Karl Marx<sup>16</sup> que esteve entre os primeiros e mais produtivos críticos desse modelo de produção. Ele afirma que desde o início o capitalismo mostrou “a disdain for the natural environment” (cit. em Wallis 2009:1), a destruição do ambiente natural e a produção de desperdício não seriam o resultado não calculado do processo capitalista mas constituem uma parte fundamental e integrante dele.

A presença humana no planeta tem tanto modificado as condições ambientais e atmosféricas que o nome com o qual é identificada por alguns cientistas a atual era geológica é Antropoceno (Anthropocene). O termo foi apresentado pela primeira vez em 2000 pelo químico Paul Crutzen, químico laureado com o prêmio Nobel em 1995 para os seus estudos sobre a atmosfera<sup>17</sup>. A esse

---

<sup>16</sup> Texto chave da sua produção sobre o tema: Marx, K. (1974 [1867]). O Capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

<sup>17</sup> Para aprofundar: Crutzen, P & Graedel, T. (1995) Atmospheric change: An earth system perspective, in *International Journal of Climatology*, vol. 15, nº 5, 1-57.

propósito alguns antropólogos têm criticado a generalização que o termo pode levar a criar, considerando todos os humanos (*anthropos*) como uma única entidade, responsável pelas emissões de substâncias nocivas e pela destruição dos habitat. É através do olhar relativista da Antropologia que esses autores reconheceram a parcialidade e inadequação do termo, evidenciando como existem, no mundo contemporâneo, populações que vivem através uma gestão dos recursos diferente da nossa e não necessariamente exploradora do ambiente natural. O real responsável da atual situação no mundo seria identificável como sendo o próprio sistema Capitalista. As varias reflexões sobre o tema terminam com a proposição da adoção um outro termo para tornar mais visível a responsabilidade desse sistema de produção: tirar os seres humanos do centro para colocar o Capitalismo. Refletir sobre a possível substituição do termo Antropoceno com a palavra “Capitaloceno” (Malm and Honborg 2014) como válida alternativa ao Antropoceno.

As medidas tomadas até agora para mitigar e limitar o impacto dos seres humanos no ambiente parecem não ter sido suficientes para reverter o processo em curso. O que o último relatório da IPCC<sup>18</sup> refere é que se não conseguimos mudar radicalmente a nossa maneira de utilizar os recursos, consumir, desperdiçar, transportar etc. dentro dos próximos 12 anos as consequências para o planeta serão irreversíveis. A capacidade dos seres vivos de continuar a existir será reduzida inclusive a dos humanos, especialmente nos contextos mais pobres do “sul” do mundo (Cassidy 2012).

A época atual é caracterizada por uma demanda sempre maior de recursos alimentares das populações urbanas, que determina o contínuo aumento da pressão sobre os ecossistemas (Urry 2010). O resultado é um mundo no qual a variabilidade natural é sempre menor por causa da destruição das espécies, com a criação de campos de cultivos e criação de animais destinados às exigências de uma sempre maior população mundial. As ligações entre crise ambiental e sistema alimentar resultam bem claras no momento em que, além do já falado impacto ambiental dos cultivos, nós começamos a considerar que nem tudo o que é produzido acaba por ser consumido.

É necessário traçar as relações entre o fenómeno estudado e a existência do desperdício alimentar enquanto manifestação do sistema de produção e consumo capitalista global. A ocorrência do dumpster diving existe ao nível mundial como prática cultural consequência da existência de desperdício, seja de alimentos ou de bens materiais em geral.

---

<sup>18</sup>Intergovernmental Panel on Climate Change. *Global Warming of 1.5°* (2018), [https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15\\_spm\\_final.pdf](https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf) acedido em 5/06/19

Como será explicado mais tarde, para os distribuidores de alimentos na maioria dos casos é mais “eficiente” deitar a comida fora do que se organizarem para que não acabe no lixo (Stuart 2009:8). É também verdade que ultimamente, com o crescimento da pressão sobre as questões ecológicas, se começou a dar atenção para a eficiência ambiental através do conceito de “sustentabilidade”, termo que poderíamos definir uma “buzzword”<sup>19</sup> pela sua ampla utilização e considerando a grande variedade de contextos nos quais aparece (Cornwall 2010). Sustentável é o novo mantra da sociedade atual mas, como bem explicado no volume de recente publicação “The Anthropology of Sustainability: Beyond Development and Progress”<sup>20</sup>, apresenta muitas questões problemáticas que têm a ver com a perpetuação de padrões de intervenção dos “ocidentais” nas realidades diferentes. Iremos agora a considerar com uma óptica de análise sócio-cultural a realidade do lixo, objeto ao centro da pesquisa.

“waste exhibits social, political and economic vitality: any and all waste is a fundamental component of social organization that references political and economic interests, establishes (and disrupts) social relations and inspires technological development and bureaucratic regulation.”

(O’Brien 2012:195)

Embora o lixo enquanto descarte tenha sempre existido o que mudou no tempo foi a natureza material e a quantidade desse desperdício. A partir dos anos 50 do século passado o lixo começou a mudar crescendo exponencialmente em quantidade e nas suas características, adquirindo mais toxicidade, e mais heterogeneidade (Liboiron 2013:9). Um aspeto fundamental a considerar são as características matérias que formam o “waste” moderno, sendo que primeiro entre todos os elementos foi a revolucionária chegada do plástico. É verdade que na maneira moderna de gestão do lixo existe todo o processo de reciclagem, mas só uma mínima parte de tudo do que é desperdiçado é reaproveitada (ivi:26). Além disso existem também questões paralelas: o ciclo de reciclagem requer muita energia, produz este mesmo descarte e por fim o produto que resulta é de

---

<sup>19</sup> Definição: “a word or expression from a particular subject area that has become fashionable by being used a lot.” do Cambridge Dictionary, <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/buzzword> acedido em 6/06/19

<sup>20</sup> Ed. Brightman M. & Lewis, J. (2017)

uma qualidade menor do produto inicial “Recyclables are just disposables by another name” (ivi:11). Ajuda a sustentar a ideia de um capitalismo responsável, “green” que na realidade reproduz os mesmos mecanismos de exploração dos recursos e produção de desigualdade social (Wallis 2009).

Como a realidade demonstra o que é considerado lixo por alguns indivíduos, por outros não é. Também o que é descartável numa altura para a mesma pessoa, poderá não ser sucessivamente. Em situações de necessidades, como durante as guerras do século passado mas também durante as crises económicas dos últimos anos, as pessoas começaram a mudar as suas maneiras de consumo, adotando para um estilo mais eficiente de aproveitamento dos recursos (Pires 2012:20).

No caso específico dos costumes alimentares é evidente como a distinção aparece claramente. Um exemplo pode ser algumas partes do animal descartadas em alguns contextos culturais e comidas em outros (interiores, cérebro, etc.), influenciadas pelas ideias partilhadas de gosto e repulsão particularmente presentes sobre a carne enquanto alimento (Meyer-Rochow 2009). Também o exemplo mais familiar da casca da batata, comida em conjunto com todo o tubérculo em alguns lugares e descartada, na maioria dos casos, na nossa sociedade. Esses são só pequenos exemplos que podem mostrar como o contexto cultural influencia o que acaba por constituir o descarte alimentar. O resultado dessa relativização faz que a categoria de *food waste*, desperdício alimentar, necessite de ser clarificada e determinada antes de proceder em qualquer tipo de análise teóricas.

“Food” waste or loss is measured only for products that are directed to human consumption, excluding feed and parts of products which are not edible. Per definition, food losses or waste are the masses of food lost or wasted in the part of food chains leading to “edible products going to human consumption.”<sup>21</sup>

Para ser considerada comida desperdiçada tem que antes ser considerada comida para consumo humano. Os alimentos podem ser “lost”, perdidos ao longo da cadeia também por processos naturais e inevitáveis na altura da produção, ou podem ser “wasted” ou seja produto de uma categorização racional que os coloca nos caixotes. É interpretado como desperdício também aquela quantidade de comida inicialmente produzida para uso humano que acaba por se tornar alimentação para animais. A qualidade de “waste” é então aqui determinada pelo fato de não acabar nos pratos

---

<sup>21</sup> FAO (2011). Global food losses and food waste. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations. [fao.org/fileadmin/user\\_upload/ags/publications/GFL\\_web.pdf](http://fao.org/fileadmin/user_upload/ags/publications/GFL_web.pdf). p. 2, acedido em 10/06/19

dos seres humanos mesmo se em termos energéticos o ciclo de produção é fechado graças com o destino do excedente para a alimentação dos animais. O estudo da FAO (2011), Food and Agriculture Organization diretamente administradas pelas Nações Unidas, evidencia como existe desperdício nas diferentes fases da cadeia alimentar, desde a produção até o consumo em conjunto às possíveis circunstâncias nas quais o desperdício pode acontecer.

Além desse exemplo aqui reportado que se refere ao desperdícios dos alimentos de origem vegetal também são analisadas as fases correspondentes da cadeia de produção de carne e peixe. A grande diferença entre as duas categorias consiste na maior quantidade de recursos necessária pela produção de alimentos de origem animal. Um outro fator para considerar é que no documento da FAO refere-se uma substancial diferença na percentagem de comida jogada fora em diferentes partes da cadeia alimentar entre países de alta e de baixa renda (Figura 1). Segundo os dados estatísticos nos países de baixa renda a maioria do desperdício acontece na fase da produção e distribuição, especialmente pela falta de meios técnicos para o cultivo, o armazenamento e os transportes. Pelo contrário, em países com alta renda, a percentagem de desperdício na fase final de venda e consumo é muito maior. Esses dados levam à conclusão de que na nossa sociedade são jogados fora mais alimentos ainda comestíveis do que nos países de baixa renda. (ivi:3)

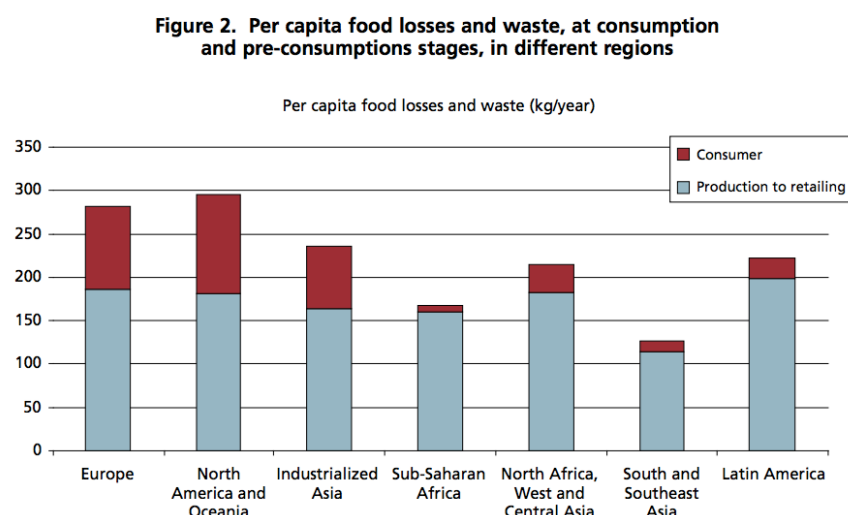


Figura 1: Perdas alimentares e desperdício per capita, nas fases de consumo e pré-consumo em diferentes regiões <sup>22</sup>

<sup>22</sup> FAO (2011). Global food losses and food waste. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations. <http://www.fao.org/3/a-i2697e.pdf> p. 5, acedido em 10/06/19



O resultado é uma situação paradoxal onde, nos casos dos países do norte do mundo, é produzida bastante quantidade de comida para toda a população mas que por questões relativas à distribuição e gestão dos recursos alimentares acabam no lixo em vez de nos pratos das pessoas.

Cada fase da cadeia alimentar produz um grau de desperdício diferente, em percentagem a maior parte do desperdício acontece nas casas das pessoas: segundo o estudo da FAO (2011) 53,6% da comida total desperdiçada atribui-se às famílias. A maioria dos estudos nesse campo colocam a responsabilidade disso nos indivíduos que deveriam ser melhor organizados ou informados sobre o tema. Já foram experimentadas várias políticas de implementação da informação para os cidadãos para tentar que o fenómeno diminuísse. Mesmo que essas políticas tenham tido um impacto positivo, uma leitura interessante sobre o tema é constituída pelas pesquisas do sociólogo inglês David Evans. No artigo “Blaming the consumer-once again: the social and material context of everyday food waste practices in some English households” (2011) e no livro publicado posteriormente (2014) o sociólogo faz um verdadeiro trabalho etnográfico nas casas das pessoas para entender a relação delas com a comida e o desperdício. Analisando diferentes tipologias de famílias, com distintos hábitos e salários, ele chegou à conclusão de como seria errado considerar o consumidor como culpado por falta de consciência e responsabilidade. A tese muito bem argumentada é que a ação aparentemente individual e deliberada é o fruto de um complexo sistema de regras sociais ligadas à estrutura maior de funcionamento da realidade. Através de um fundamental trabalho de campo etnográfico com a adoção da suspensão do julgamento este consegue desmontar o mito de vivemos numa “throwaway culture” mostrando como a ação de colocar comida no lixo é caracterizada por vários pensamentos, de ansiedade e de culpa entre os outros. A ação de fazer compras é altamente rotineira: “they tend to follow a fixe route through the supermarket and purchase roughly the same things each time they go” (Evans 2014:32). A repetição de um acontecimento de rotina não entra inevitavelmente em conflito com o caráter variado da vida cotidiana. Criando uma divergência entre as expectativas e as boas intenções, especialmente na realidade atual regulada pela ideia altamente moralizada do “eat properly” que entram em conflito com a frenesi das vidas urbanas impedindo a planificação exata das dietas. Parte da responsabilidade pelo desperdício doméstico é também a forma como os supermercados vendem os seus produtos. Por exemplo em pacotes ou sacos com mais quantidade da comida do que a pessoa precisaria (ivi:34; Stuart 2009) criando desde o início a presença de uma quantidade que facilmente acabará no lixo pela impossibilidade de ser consumida antes de apodrecer.

Nós últimos anos a preocupação ambientalista das organizações internacionais levou-as a colocar entre os temas de investigação, no campo da estatística, da economia e da agricultura, a questão do desperdício alimentar. A maioria dos textos que se referem ao desperdício alimentar, tomam como fonte principal os dados elaborados na publicação da FAO que fez o primeiro estudo sobre esse tema em 2011 com título “Global food losses and food waste”<sup>23</sup> e o resultado foi que cada ano no mundo são desperdiçadas 1,3 milhões de toneladas de alimentos. Esse dado toma uma dimensão bem diferente quando contextualizado no nível de produção geral, na verdade é equivalente a 1/3 de tudo o que é produzido. “Food losses represent a waste of resources used in production such as land, water, energy and inputs.” (FAO 2011:1)

Aqui alguns dados sobre o desperdício de diferentes tipos de comida ao nível mundial são apresentados na Figura 2.

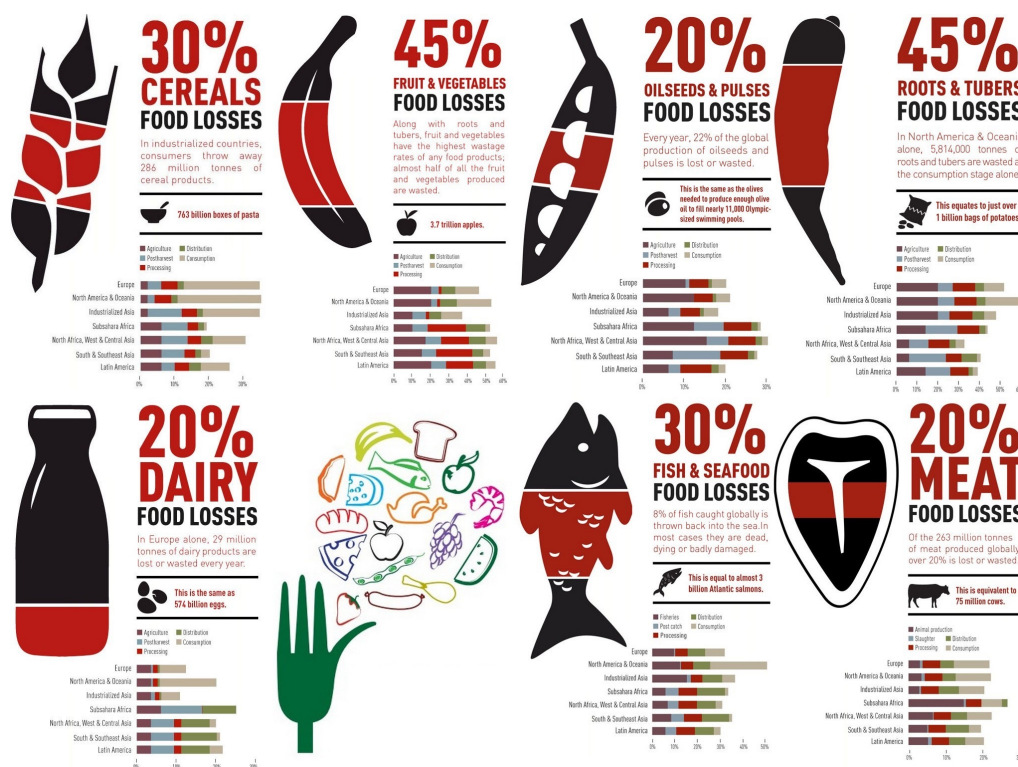


Figura 2 : Global food losses. FAO 2012<sup>24</sup>

Também se constata uma tomada de consciência do volume do desperdício alimentar em relação ao problema das mudanças climáticas, em vários países começaram a aparecer iniciativas e comissões

<sup>23</sup> FAO (2011). Global food losses and food waste. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations. [fao.org/fileadmin/user\\_upload/ags/publications/GFL\\_web.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/ags/publications/GFL_web.pdf). acedido em 21/06/19

<sup>24</sup> <http://www.fao.org/save-food/resources/keyfindings/en/> acedido em 21/06/19

de estudo sobre o tema. A questão foi consagrada entre as prioridades da agenda das Nações Unidas entrando na célebre, quanto questionável do ponto de vista antropológico (Brightman & Lewis 2017), lista dos “17 Sustainable Development Goals”. O objetivo número 2 tem o título “Zero Hunger: Avoid throwing away food.”, combater a fome através a adoção de práticas de agricultura e de distribuição de comida mais eficazes.<sup>25</sup> O reconhecimento ao nível mundial na agenda do desenvolvimento ajudou a iluminar este tema e incentivou o nascimento de associações e iniciativas com o objetivo de combater o desperdício alimentar. Em Portugal foi instituída em 2016 a Comissão Nacional de Combate ao Desperdício Alimentar (CNCDA) com o objetivo de estudar e encontrar soluções para a diminuição do desperdício no país.

Como foi descrito neste capítulo introdutivo, a comida torna-se assim um âmbito catalizador de diferentes temas relacionados com a esfera humana e do ambiente. Nesta dissertação que tem como central o tema das pessoas que recolhem comida descartada pelo sistema alimentar, será interessante analisar quais são os dispositivos culturais que entram neste processo. Pretende-se assim entender como a ação dos Freegans (em diferentes contextos culturais mas principalmente nos EUA) primeiro e dos respigadores (em Lisboa) depois pode ajudar a promover uma reflexão sobre o desperdício alimentar não baseada em dados quantitativos mas em reflexões qualitativas que emergem através da pesquisa de tipo etnográfico. Esta dissertação pretende ainda indagar de que forma as pessoas ao centro da pesquisa conseguem consumir comida descartada pelos supermercados, normalmente alimentos considerados não comestíveis. Com quais ideais, técnicas e precauções atuam um processo de “re-culturação” (Fischler 1999:284) e portanto incorporação, física, e ideal da comida do lixo.

---

<sup>25</sup> Sustainable Development Goals: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/hunger/> acedido em 27/07/2019

## 1.4 Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa segue o caminho de um clássico estudo de caso etnográfico. Na primeira fase e ao longo do período de investigação foi feito um levantamento bibliográfico detalhado dos textos, dentro da área da Antropologia ou outras, que constituem a base teórica da análise etnográfica. Também fez parte da pesquisa de fontes a procura de dados estatísticos acerca do tema do desperdício alimentar em diferentes contextos do mundo. As fontes encontradas sobre o tema são maioritariamente em língua inglesa e também pode ser constatado que também sobre o tema do Freeganismo existem mais pesquisas efetuadas em contextos anglófonos<sup>26</sup>. O contexto português resulta não ser objeto de pesquisas sobre o fenómeno da respiga, existindo apenas uma tese de mestrado em Ecologia Humana do ano 2013.<sup>27</sup> Além das publicações científicas, foi efetuada também uma pesquisa nos médias convencionais para entender a presença do fenómeno e as maneiras como foi representado ao público geral. Nesse caso as fontes relativas ao contexto português são várias e publicadas em períodos mais presentes.<sup>28</sup>

Essa primeira parte produziu a base teórica do projeto de pesquisa e ajudou a construir conhecimento para basear a pergunta de partida: “Quais são as características culturais das pessoas que, sem terem uma necessidade estritamente económica, vão recolher comida dos caixotes do lixo de alguns supermercados de Lisboa?”

Tendo-me já familiarizado com os lugares de pesquisa graças à minha experiência prévia enquanto pessoa que respiga, comecei a frequentar o lugar de pesquisa com mais assiduidade e com um olhar diferente. Conhecendo as possíveis dificuldades que podem aparecer ao pesquisador nas pesquisas feitas em lugares familiares, as modalidades com as quais efetuava a respiga foram mudando. Foi adotada a abordagem metodológica de observação participante (Creswell 2007), com uma seleção dos sítios mais representativos e a identificação dos informantes para serem entrevistados, de uma maneira que refletisse a realidade existente. Observação participante que permite a exploração de fatores que vão além do que poderia ser obtido só através das entrevistas ou de questionários. Um

---

<sup>26</sup> Fora dos EUA: Canadá (Corman 2011), Austrália (Edward & Merecer 2013), Inglaterra (Capponi 2014).

<sup>27</sup> Martinho, S. A. (2013). “Estilo de vida e comportamento alimentar freegan: a saúde em risco ou risco para a saúde?”, dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos. FCSH Universidade NOVA, Lisboa

<sup>28</sup> Ultimo exemplo a reportagem do “Público”, publicada em data 10 Abril 2019.  
<https://www.publico.pt/2019/04/10/p3/reportagem/anna-resgata-comida-lixo-combater-desperdicio-1868420>  
acedido em 14/06/19

aspecto fundamental é construído da divergência amplamente estudada e analisada do que as pessoas fazem em relação ao que as pessoas pensam ou dizem de fazer. A manifestação da moralidade que toma formas diferentes, os princípios teóricos assumidos como guia têm que se renegociar com a materialidade e a realidade prática das coisas. (Barnard 2016).

O estudo prolongado e repetitivo, a atenção às dinâmicas interpessoais, aos detalhes não falados, e o grau sempre maior de confiança com as pessoas ao centro do estudo permitiram criar um quadro complexo e interessante sobre a realidade analisada.

Os dados assim recolhidos foram depois acuradamente registados no diário de campo que contém descrições detalhadas de cada saída de campo (28 documentadas), trechos de conversas informais, considerações pessoais sobre os acontecimentos e 3 desenhos ilustrativos. O fenómeno estudado apresenta características particulares que inevitavelmente influenciaram a metodologia. A respiga ou dumpster diving acontece todos os dias em determinados lugares da cidade e em precisos momentos, tem a duração aproximada de uma hora e meia e vai das 21 e às 22:30h. No capítulo 2 será explicado como o tempo de ação pode variar e é sujeito às práticas e aos horários de cada loja, que foram mudando ao longo da pesquisa. A decisão adotada foi aquela de efetuar duas saídas ao campo por semana, entre o período de Novembro 2018 a Março 2019. Essa escolha foi fruto da experiência anterior de respigadora que me fez considerar como a maioria dos participantes desta prática não vão mais de duas vezes por semana a fazer a recolha por vários fatores. Em primeiro lugar é uma atividade que, embora pareça de fácil realização, implica energias, organização e esforços particulares. O horário não se concilia sempre com os compromissos dos participantes, precisam de se deslocar na cidade para ir aos sítios de interesse e a comida encontrada constitui às vezes um peso considerável para levar para casa e uma vez em casa requer esforço por ser organizada, limpada ou até cozinhada no momento para que não fique podre. Também o fato que normalmente duas saídas por semana conseguem garantir aos respigadores uma quantidade de comida suficiente, foi determinante na decisão de efetuar as saídas de campo adotando a mesma rotina dos respigadores.

O tempo de espera da saída do caixote das portas do supermercado revelou-se particularmente precioso como espaço de partilha de informações entre os respigadores. Era nesse tempo preliminar que instaurava as conversas com as pessoas lá presentes à espera de recolher comida, falava com eles e tentava sempre mencionar a minha intenção de indagar antropológicamente o fenómeno do qual estávamos participando. Se depois mostravam interesse, eu perguntava se estavam interessados em participar na pesquisa como informantes, nomeadamente através da realização de entrevistas. A

recepção foi muito boa e obtive a participação de 10 respigadores e respigadoras através da realização de entrevistas semi estruturadas.<sup>29</sup>

Ao longo da pesquisa surgiu uma forte exigência da inclusão duma parte visual para complementar o trabalho escrito. Talvez também graças à visualização de documentários sobre o tema que me fizeram entender o impacto visual que as imagens de comida nos caixotes do lixo podem ter. Essa parte não foi teoricamente contextualizada embora exista uma literatura extensa sobre a Antropologia Visual e a relação entre a componente teórica e a fotográfica (exemplo, Turk Niskcač 2011). As únicas considerações sobre o aparecimento dessa exigência são de caráter técnico, as fotos foram todas tiradas com o meu telemóvel pela consideração da perturbação que uma câmara pudesse criar nas delicadas dinâmicas da respiga. O medo de algumas pessoas em ser vistas e documentadas, e o complicado equilíbrio entre respigadores e supermercados fez com que em cada foto procurasse excluir as faces dos participantes e qualquer fator que possa identificar o supermercado. Antes de cada captura foi pedida permissão às pessoas presentes que, se no princípio ficavam desorientadas, no final do período de pesquisa já conheciam a minha pesquisa e a minha exigência de documentação.

Fui acompanhado a ação dos respigadores não só pessoalmente mas também com a adoção da análise etnográfica no mundo virtual (Haverinen 2015), através de grupos de comunicação nas redes sociais como Facebook e Whatsapp<sup>30</sup>. A análise da dimensão virtual foi fundamental para entender a maneira pela qual os indivíduos da realidade estudada se organizam, partilham informações e comida, se comunicam em relação a questões problemáticas com os trabalhadores dos supermercados.

A pesquisa em si tem uma forte presença pessoal, movida por razões relativas ao meu interesse sobre o âmbito analisado e resultado de uma constante auto-reflexão e negociação do meu papel no campo. Essa experiência me ajudou a entender a minha relação com a materialidade, a moralidade e o espaço social de convivência no contexto urbano. Conclusões que eu fiz através da auto-análise foram apontadas no diário de campo ao lado das anotações tomadas depois de cada saída a respigar.

---

<sup>29</sup> No Apêndice 1 o elenco das perguntas.

<sup>30</sup> As informações no grupo de Facebook são publicas e de fácil acesso para cada pessoa interessada. O grupo de comunicação na plataforma WhatsApp constitui um espaço de partilha privado então as informações citadas acerca desse tema são só aquelas explicitamente referidas durante as entrevistas.

Alguns dos aspetos fundamentais desta dissertação emergiram exatamente da observação aprofundada e não poderiam ter existido sem a aplicação da mais clássica entre as técnicas de pesquisa antropológica: a observação participante.

## Capítulo 2: Freeganism e respiga



Figura 3: “Freegans em Nova Iorque”<sup>31</sup>

Antes de introduzir o tema central da pesquisa, ou seja a respiga em Lisboa, é necessário traçar as características de um fenómeno que tem muitos aspetos em comum com o tema da pesquisa etnográfica colocada ao centro desta dissertação. O movimento identificado com a palavra Freeganism ou Freeganismo em português foi em parte estudado no âmbito da Antropologia e das Ciências Sociais através de um restrito número de publicações que foram úteis para delinear o quadro teórico de análise do fenómeno observado em Lisboa. Particularmente relevantes são as ferramentas teóricas que ajudam não só a analisar no seu contexto uma sub-cultura urbana como esta, mas também a evidenciar a possibilidade de partir do caso local para produzir reflexões mais amplas sobre os processos de funcionamento do sistema alimentar geral e das simbologias em torno ao lixo. Estas ferramentas não se concentram em analisar de onde a comida vem ou de como é

---

<sup>31</sup> Fonte da imagem: artigo do Daily Mail (4/08/11) “Meet New York's 'Freegans' who enjoy the world's cheapest barbecues with food salvaged entirely from dustbins”  
<https://www.dailymail.co.uk/news/article-2022338/New-York-Freegans-enjoy-worlds-cheapest-barbecue-food-salvaged-entirely-dustbins.html> acedido em 10/07/19

produzida mas ocupam-se a questionar onde os alimentos acabam quando não são comprados. Questionar como a presença do desperdício alimentar, descrita no capítulo anterior, será o ponto de partida para a existência de uma cultura que nasce do lixo.

## 2.1 Dumpster Diving e Freeganism

“Everything ends up in the dumpster” (Hoffman 1992:33)

Tudo acaba no lixo. Esta afirmação tão simples é o resumo da realidade dos objetos e ajuda a introduzir este capítulo que tem ao centro a prática do *dumpster diving* (DD). Com essa expressão, que traduzida literalmente significa “mergulho no lixo” identifica-se a ação de recolher objetos ou comida descartada que se encontra nos caixotes do lixo com o objetivos de reutilizar, concertar ou vendê-los<sup>32</sup>. A definição nasce nos Estados Unidos da América mas o termo é universalmente conhecido e utilizado e esta atividade constitui uma verdadeira “underground economy” (Ferrell 2006:185) e um meio para a autodeterminação através da escolha de um método alternativo ao consumo convencional num sistema capitalista. Pode-se dizer que a prática de aproveitar dos objetos descartados por outras pessoas sempre existiu, atividade também influenciada pelas situações socio económicas gerais da realidade histórica (O’Brien 2013).

Em diferentes contextos culturais existem pessoas que recolhem materiais do lixo como estratégia de sobrevivência, como por exemplo a realidade dos *catadores*, pessoas dos estratos mais baixos da sociedade vivem de apanhar e separar materiais recicláveis nas montanhas de lixo produzidas pelas megalópoles sul americanas (Ernst 2010:6) ou na China: “They do not choose to be garbage collectors; this “chooses” them, as it is their only possible livelihood in the present-day realities of the People’s Republic.” (Yang 2016:130)

O que diferencia o DD deste fenómeno é o carácter maioritariamente voluntário das pessoas envolvidas, que chegam a recolher objetos do lixo não exclusivamente por necessidade económica mas como escolha de estilo de vida. As condições de existência dos *catadores* resultam muito diferentes por causa das circunstâncias onde se encontram a viver e trabalhar, na marginalidade e em condições higienico-sanitárias precárias.

---

<sup>32</sup> Definição de Dumpster Diving em [dictionary.com](http://dictionary.com): “The practice of foraging in garbage that has been put out on the street in dumpsters, garbage cans, etc., for discarded items that may still be valuable, useful, or fixable.”



Tentando criar uma linha temporal de evolução da prática do DD nos EUA, país onde nasceu a definição e sucessivamente o movimento Freegan, partimos com o testemunho de John Hoffman que através das suas experiências de vida pessoais (definindo-se como “a third generation dumpster diver” (Hoffman 1993:II), chega a publicar em 1993 “The Art and Science of Dumpster Diving”. Neste livro, que alterna partes mais irônicas (exemplo na Figura 4) e partes mais sérias, o autor conta de como a ação de recolher os objetos mais diferentes descartados por outras pessoas ou estabelecimentos comerciais, ajudou a família dele a ter condições de vida melhores que outras famílias do mesmo estrato social



Figura 4: “Diving Techniques Illustrated” ( Hoffman 1993:34)

Considerando que este sistema era a estratégia da família do autor para sair da pobreza, o segredo da sua riqueza, é-nos explicado como se tornava uma necessidade não divulgar os segredos do DD entre a comunidade para evitar que todas as pessoas soubessem e aproveitassem destes recursos tirando-a deles. Através desta publicação o autor procura partilhar, sem divulgar os lugares específicos, o conhecimento que ele possui para incentivar mais pessoas a aproveitarem desta fonte tão preciosa quanto não-convencional de bens materiais que é o lixo. Partindo da reflexão sobre o fato que qualquer coisa é lixo em potência, ou seja que tudo antes ou depois acabará no lixo, o autor apresenta a categoria dos objetos descartados como uma oportunidade para ser aproveitada: “Why do people experience unemployment and malnutrition while surrounded with opportunities and food sources?” (Hoffman 1993:10). Explica claramente como a esfera da materialidade pode ser um canal de expressão simbólica ligada às fases de vida dos humanos, como quando as pessoas deitem coisas fora por causa de uma separação afetiva, da morte de um familiar, duma mudança ou por

uma vontade de cortar com o passado, característica presente também na análise sucessiva sobre o mesmo fenómeno feita pelo sociólogo Ferrell: “[...] piles are the residues of significant life changes. [...] these curbside piles often incorporate also the material residues of shared meaning, fragments of emotions lost and found.” (Ferrell 2006:19-20)

É por isso que o DD, o freegan ou simplesmente uma pessoa qualquer que passa por lá pode ver o objeto e pensar em apropriar-se, porque este não está ligado a todo o sistema de significados que a pessoa anterior colocava nele. Assim o objeto começa a estar inserido num renovado sistema de significados, adquire um novo papel dentro da existência da pessoa até que esta não decida mandar o objeto fora novamente.

O carácter de acumulação de bens numa situação de vida em carência torna-se então algo muito presente nessa prática, tanto como a ideia de abundância e a aspiração a possuir bens materiais própria da lógica capitalista. Torna-se praticamente assente numa crítica ao sistema geral que produz esse desperdício, ao contrário o que é aproveitável no lixo constitui apenas uma nova oportunidade de riqueza para outro indivíduo que tem a aspiração dos caixotes continuarem a estar cheios de recursos (Hoffman 1993; capítulo 9 “Converting Trash into Cash” trata explicitamente dessa questão). O texto torna-se então importante para entender como o desperdício pode ser interpretado de forma diferente por pessoas com *background* diferentes. O que Hoffman conta, todas as técnicas para encontrar lixo de vários tipos, as formas de venda do material encontrado, os conselhos para conservar comida etc. fazem parte de uma estratégia de sobrevivência numa situação de marginalidade dentro de uma sociedade ultra-capitalista como aquela estadunidense. O que determina que o DD neste caso seja um dispositivo de afirmação dentro da mesma sociedade e com vista a manter uma situação de vida de acordo com o modelo geral. O livro do Hoffman ajuda a olhar para a ação de reavaliação do que seria lixo de um ponto de vista prático utilitarista em contraste com o que virão a ser futuramente os princípios do movimento Freegan.

Em 1993 Hoffman já fazia uma predição de como poderia ser o perfil de um moderno DD:

“Your modern dumpster diver, in contrast, may be a full-time student, an apartment dweller, a semi-rural seeker of self-sufficiency, or a young, educated professional- like myself. A modern dumpster diver may be somebody who choses to work less and spend more time in pursuit of dress, goals, activism, art [...]” (Hoffman 1993:5)

O sociólogo Jeff Ferrell faz uma interessante análise do DD do ponto de vista da justiça criminal, chegando a descrever como nas últimas décadas, não só nos EUA mas em geral, esta prática se

tornou no centro de regulações sempre mais restritas acabando em alguns casos por se tornar ilegal<sup>33</sup> (Ferrell 2006:11).

A mesma prática de fazer DD tem continuado a existir na sua forma de “simples” aquisição de bens e revalorização deles mas foi também incluída num discurso de crítica explícita à forma de produção e consumo no mundo moderno. O reconhecimento explícito que a presença de objetos aproveitáveis no lixo constitui o testemunho de uma sociedade ultra capitalista que explora a natureza e promove o consumismo sem limites, sem considerar as suas consequências ambientais e sociais. Esta atividade que entretanto se tornou o fundamento de um movimento e um estilo de vida denominado Freeganism, é carregada de significados bem específicos e é objeto de várias formas de interpretação e regulamentação em diferentes contextos culturais.

“Freegans are people who employ alternative strategies for living, based on limited participation in the conventional economy and minimal consumption of resources. Freegans embrace community, generosity, social concern, freedom, cooperation, and sharing in opposition to a society based on materialism, moral apathy, competition, conformity, and greed.”<sup>34</sup>

Etimologicamente o termo Freegan vem da união das palavras inglesas “free” e “vegan” (Lindeman 2012:77), a primeira palavra para sinalizar o fato dos objetos apanhados serem gratuitos e a segunda para identificar um estilo alimentar. Neste caso o termo vegan é esvaziado do seu significado comum, os Freegans na maioria dos casos são veganos e vegetarianos mas podem ser também onívoros. “We came to realize that the problem isn’t just a few bad corporations but the entire system itself.”<sup>35</sup> O que os une é o reconhecimento que qualquer estilo alimentar participa do sistema capitalista e consumista que está a destruir o ambiente e as relações sociais (Pentina & Amos 2010:1770), e por consequência a adoção de uma alimentação baseada no que é disponibilizado pelo ambiente. No caso do ambiente urbano o recurso principal é o lixo, e no caso do ambiente rural são as plantas comestíveis das quais é possível apanhar alimentos. A ação do movimento é promovida principalmente através do poder simbólico veiculado pela comida, assim como escrito

---

<sup>33</sup> Como veremos depois no caso da Alemanha.

<sup>34</sup> Descrição do movimento Freegan presente no website oficial <https://freegan.info/> acedido em 3/06/2019

<sup>35</sup> Do site [freegan.info](https://freegan.info) acedido em 10/08/2019

no capítulo anterior, a comida é um meio para manifestar valores pessoais e coletivos - um meio através o qual se evidenciam as relações com outras dimensões simbólicas da realidade humana.

O nascimento do Freeganism tem raízes nos movimentos ambientalistas dos anos 60 e 70 e mais tarde com a criação de “Food Not Bombs” em 1980, (ErnstFriedman 2010:69), movimento baseado no protesto através da recolha de comida vegetariana descartada e distribuída em jantares comunitários. A palavra Freeganism começa a ser utilizada nos anos 90 pelos participantes nas correntes ambientalistas, no-global e anarco-punk nos EUA, em 1999 aparece pela primeira vez o manifesto sucessivamente incluído como ponto central no website [freegan.info](http://freegan.info) em 2003 (Cooks 107:3). Este website, ligado ao primeiro grupo organizado de Freegans nascido em Nova Iorque do Wetland Activism Collective (Pentina & Amos 2010:1770), constituiu o ponto central da comunicação e da definição das práticas do grupo. O movimento sucessivamente expandiu-se em outras zonas dos EUA e em todo o mundo, com particular difusão nos países anglófonos (Barnard 2016: 1019).

O grupo de Freegans de Nova Iorque constitui o exemplo máximo da expressão da ideologia, o mais documentado em absoluto, quer dos médias convencionais quer pelos cientistas sociais que estudaram o fenómeno. A causa do crescimento e difusão exponencial do Freeganism na cidade de Nova Iorque encontra-se no fermento cultural alternativo daqueles anos, e na praticidade influenciada pelas características da cidade: “The pedestrian nature of the city and the lack of back alleys to hide trash in allowed for a visibility of waste uncommon to most of the nation.” (ErnstFriedman 2010:78). Veremos como este fator é considerado importante também na existência de uma determinada “zona da respiga” na cidade de Lisboa, e de como a característica do lixo ser visível é essencial para os atores envolvidos no resgate.

O objetivo dos aderentes ao Freeganismo é a limitação ao máximo da participação no sistema capitalista, identificado não só como causa da destruição ambiental no mundo mas também como motor da desigualdade e desumanização das relações sociais no contexto urbano (ErnstFriedman 2012:34). O fenómeno é interpretado e analisado como uma forma ética de consumo dentro dum discurso ambientalista e de crítica política, identificado como “anti-capitalist, anti-consumerism and countercultural movement” (Coyne 2009:9) e pode ser categorizado no grupo dos Novos

Movimentos Sociais<sup>36</sup> - NMS (Barnard 2011) e dos Direct Action Social Movements (ErnstFriedman 2010:71).

O protesto, a manifestação do dissentimento passa através da escolha critica de consumo, neste caso da opção de “não consumir”. Para limitar a participação na economia convencional os que aderem ao Freeganism apanham os recursos que o ambiente disponibiliza, no caso do contexto urbano a maior fonte de objetos é o lixo<sup>37</sup>. É um movimento politico-ambientalista com raízes no contexto urbano, o lugar considerado mais longe possível da ideia de natureza. É aqui que se diferencia de outros NMS baseados em voltar para o mundo rural, os “back to land”, com objetivo de viver colocando-se fora do sociedade vigente (Barnard 2016). Embora combatam o mesmo sistema de produção e consumo, os Freegans optam por conquistar os seus espaços dentro do mesmo sistema que condenam. É aqui que o DD assume um papel central na atividade dos Freegans. Através de saídas mais ou menos organizadas, os participantes dos grupos apanham o que é descartado pela sociedade, principalmente comida. Os “Trash Tours” (ErnstFriedman 2012) são saídas aos caixotes do lixo dos supermercados organizadas pelos Freegans de Nova Iorque para apanhar alimentos ainda comestíveis, com o objetivo de os recuperar, partilhar e reaproveitar, constituem a característica fundamental do movimento. A ação de apanhar e comer comida do lixo é também o ponto que gera mais interesse dos médias, justamente devido à rotura de um tabu bem radicado na sociedade e universalmente partilhado: a interdição cultural relativa ao consumo de alimentos que fisicamente e simbolicamente cabem na categoria considerada mais impura, ou seja o lixo.

Contrariamente ao que poderia ser pensado, o número de pessoas que ficam doentes por ter comido alimentos descartados é praticamente inexistente (Edward & Mercer 2013:182). Como observado também em Lisboa, além da comida encontrada estar em ótimas condições, também as pessoas que efetuam esta atividade ativam mecanismos de cautela e de processamento da comida que transformam a prática em algo muito mais seguro do que normalmente poderia ser imaginado.

Uma componente característica do grupo Freegan de Nova Iorque é a intenção explícita de educar o público sobre os pontos principais da ação Freegan. Para atingir este objetivo criaram um discurso chamado “Waving the Banana” (Barnard 2011) que é lido por um representante que faz uma verdadeira performance, quase teatral, durante as saídas ao lixo. Antes da declamação os alimentos

---

<sup>36</sup> Que atuam a protesta através da afirmação de uma identidade pessoal e coletiva alternativa. Para aprofundar ver: Melucci, A. (1980) *The new social movements: A theoretical approach*. Social Science Information 19(2): 199–226.

<sup>37</sup> Em contexto rural são mencionadas praticas como o *foraging*, de apanhar frutos e legumes espontâneos presentes no ambiente natural.

encontrados nos sacos do lixo são expostos ordenadamente aos olhos de quem passa e é feito um discurso de 10 minutos sobre o desperdício alimentar, o consumo de massa e o anti-capitalismo (ivi: 420). Nesse caso a comida exposta resulta ser o meio para captar a atenção dos transeuntes e o veículo da denúncia pública do problema do desperdício alimentar e em geral do sistema de consumo de massa. O que eles fazem é, nas palavras da antropóloga italiana Giovanna Capponi que estudou o fenómeno na Inglaterra, “uma crítica social em forma comestível” (Capponi 2014:68).

Através desse dispositivo e outras iniciativas comunitárias de denúncia e sensibilização sobre o tema da superprodução, os Freegans de Nova Iorque conseguem também sair de um “impasse” ético, um paradoxo que potencialmente poderia deslegitimar os seus fundamentos: como conseguem conciliar o protesto contra o sistema capitalista com o fato de viverem do desperdício que esse último produz? Exatamente assim, tendo uma forte componente política e ativista eles conseguem sair da ideia pela qual poderiam ser julgados como oportunistas e passar para o lado de quem está tentando mudar a realidade através da ação direta. O discurso deles passa também por uma clara crítica ao “green consumerism” (Barnard 2011:420) ou seja um capitalismo mais amigo do ambiente, afirmando que não é possível conciliar o consumo capitalista com o respeito do ambiente. “It’s not about getting something for free, he said, but about educating the public about waste and the hidden costs of consumerism. [...] It’s a step toward our goal in which we wouldn’t be able to find all this garbage.” (ErnstFriedman 2010:8)

Existem regras não escritas, que os Freegans ou as pessoas que respigam têm que seguir para manter o respeito entre eles e a boa relação com as empresas comerciais dos quais re-utilizam o lixo. As principais são aqui reportadas:

#1 Try your best to unfasten the knot rather than cut into the bag. This makes it easier to observe the rule #2: Leave the area in better condition, or at least as good, as you found it. #3: Don’t take more than you can eat or give away. “We aren’t the only ones going through these bags,” Cindi reminded everyone. #4 Don’t block the sidewalk for pedestrians. “We’re not here to be nuisances for the neighborhood or for the store owners.”

(ErnstFriedman 2012:33).

A filosofia é de não sujar o espaço, partilhar entre todos em maneira igualitária os alimentos e não fazer com que seja uma competição entre os participantes. Como alguns clássicos da antropologia ensinam, entre eles Malinowski<sup>38</sup> e Mauss<sup>39</sup>, a troca e partilha de objetos são atividades que veiculam valores importantes e ligações sociais em muitos contextos culturais. Também neste caso a partilha da comida resgatada do lixo pelas pessoas contribui à criação de um sentido de unidade no grupo.

As saídas ao lixo podem ser individuais também mas na maioria dos casos são eventos que acontecem em conjunto com outras pessoas e por isso a importância de estabelecer regras.

Dos vários estudos analisados em várias cidades, emerge como os Freegans são um grupo de pessoas extremamente heterogêneo: “Participants in freeganism include high school teachers, corporate lawyers turned bike maintenance workers, squatters, college students, freelance employees, bike messengers and retirees” (Ernst 2010:ii). Esta grande heterogeneidade faz com que a participação no sistema capitalista não seja totalmente inexistente pelas pessoas envolvidas neste movimento, cada indivíduo tem um grau diferente de participação na economia convencional. Entre os vários informantes entrevistados nos diferentes artigos sobre o tema aparecem pessoas com um trabalho “normal” e que possuem casas (Barnard 2016) como também indivíduos que não trabalham e ocupam prédios<sup>40</sup> (Capponi 2014). Por isso o Freegan poderia ser entendido não como uma identidade fixa mas como um continuum de graus diferentes de afastamento das maneiras convencionais de procura e consumo dos bens.

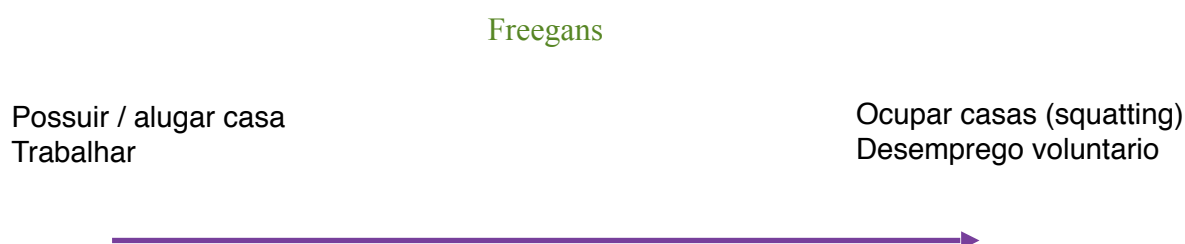


Figura 5: A linha do Freeganism

<sup>38</sup> Em “Argonauts of the Western Pacific” publicado em 1922.

<sup>39</sup> Em “Essai sur le don” publicado em 1925

<sup>40</sup> Através da prática do *squatting*, ou seja da ocupação apartamentos, prédios, espaços em geral, sem o consentimento do dono. O Dumpster Diving resulta entre as estratégias mais adotadas em lugares de ocupação.

Partindo da extremidade mais perto do consumidor convencional, um “lighter Freegan” ou seja a participação nos “Trash Tours” pela apanha de comida de pessoas que trabalham e que possuem/arrendam casa etc. Na extremidade direita tendente a participar menos no sistema convencional, onde colocaria pessoas que não trabalham e vivem em casas ocupadas. Indivíduos unidos pela vontade de viver segundo um ideal socialmente cooperativo, responsável e ecologicamente sustentável que para cada um se manifesta de forma diferente. O Freeganism não é então a adoção de uma identidade restrita e precisa mas um conjunto de práticas sugeridas que podem ou não ser abraçadas por cada indivíduo, sendo o resultado a criação de uma realidade altamente inclusiva. Além de aproveitar da comida deitada fora pelo sistema convencional os grupos Freegan promovem outras formas alternativas de consumo: “include recycling, composting, wild foraging, growing community gardens, repairing and redistributing things at free markets and on Freecycle or Craigslist. Freegans use alternative transportation, such as train hopping, hitchhiking, walking/skating, and biking. Finally, by limiting their financial needs, they consciously limit work hours to dedicate time to volunteering and to minimize economic participation” (Pentina & Amos 2009:1773).

Ao nível simbólico o que os Freegans fazem é recuperar o que é considerado “waste” pelo sistema ao nível de distribuição, ou seja o que a Douglas definiria como “dirty” (Douglas 1966). Fazem emergir a existência de uma parte de lixo que não é totalmente lixo, demonstrando através da ação como este pode facilmente sair dessa categoria e voltar a ser “pure” novamente. O lixo corresponde ao sujo, ao que é fora de lugar, ao que não é reconhecido ou admitido como parte do sistema em vigor baseado nas regras de estética e validade dos alimentos. A ação dos agentes do Freeganism ajuda a refletir sobre a noção do que é e que não é comestível, em quais circunstâncias e como algo que é “dirty” (poucas coisas são consideradas mais sujas e fora de lugar como o lixo), possa tornar-se algo de valorado através da ação de um ou mais indivíduos.

O que eles fazem é resignificar a durabilidade dos alimentos, expandir o que Appadurai chama a “vida social dos objetos” (Appadurai 1986), e assim fazendo invertem as lógicas do mercado capitalista nas quais a ação de deitar fora representaria o final da vida daqueles alimentos. Assim como comentado no capítulo precedente, o desperdício constitui uma parte integrante do sistema de produção e consumo de bens e não uma consequência imprevista e secundária.



O movimento é uma reação e ao mesmo tempo um produto da sociedade ultra capitalista e valoriza o poder individual que as pessoas têm dentro do sistema económico contemporâneo. A prática do DD é nesse contexto um dispositivo para não só para procurar recursos, mas também denunciar publicamente a presença de alimentos comestíveis no lixo, a qual é normalmente invisível, e o imenso desperdício do sistema alimentar. As denúncias do desperdício têm então uma intenção política junto com uma forte componente ambientalista.

Numa entrevista reportada num dos artigos, uma Freegan de NY afirma “As long as we’re considering ourselves not part and parcel of the natural world, we’re not going to be able to do all that much better for the Planet” (ErnstFriedman 2010:45). Está aqui presente o tema de quebrar aquela ideia, própria não só da visão geral do mundo mas também do ambientalismo convencional (Ingold 2000) de ver os seres humanos como separados da natureza. A chave, segundo ela, estaria na mudança de olhar desde externo a interno da presença e ação humana no mundo dentro da esfera da natureza, normalmente interpretada como separada.

O DD não constitui o objetivo do movimento mas “it’s a step toward our goal in which we wouldn’t be able to find all this garbage” (ErnstFriedman 2010:8). Esta é a posição presente na retórica explícita, a realidade que emerge das evidências etnográficas é que cada vez mais pessoas começaram a juntar-se a este movimento com o objetivo exclusivo de obter comida de forma gratuita (Barnard 2016). Aspeto que será enfrentado no próximo sub-capítulo a propósito dos respigadores na cidade de Lisboa.

Um peso também é dado às ideias de moralidade que os indivíduos que participam no Freeganism têm: “they try to live moral in a society that they perceive as largely immoral” (Moré 2010:2). Interessante nessa pista de interpretação é a análise do Barnard (2016) que aprofunda a relação entre vontade de agir segundo uma moral e DD entre os Freegans de NY: “I show how nonhuman objects can serve as proofs of the substance and significance of moral labor, markers of boundaries that distinguish moral actors from those they perceive as less moral, and totemic reminders of moral commitments” (Barnard 2016:1018). A adesão a este movimento seria então uma maneira de dar uma resposta à vontade de agir moralmente inseridos num contexto, como o urbano, que é percebido como imoral, desumanizante e símbolo de tudo o que consideram errado na sociedade.

Se analisado através das ferramentas da Antropologia Ambiental vários aspetos em torno deste fenómeno se tornam interessantes. Uma vontade das pessoas submergidas num contexto urbano de

se reconectar com a ideia de natureza ou como aquilo que identificam como “second nature” (Barnard 2016:1024). Por isso a prática satisfaz a vontade dessas pessoas de viverem mais aproximados da natureza e o fato de se alimentarem em parte do que seriam alimentos desperdiçado representa uma prova tangível da própria moralidade.

Nos estudos mais recentes acerca do Freeganismo, Barnard (2016) e Cooks (2017), apresentam uma realidade bastante diferente daquela documentada nos primeiros ensaios escritos sobre o tema. Falando do movimento de NY que pode representar um exemplo paradigmático, a situação mudou muito por causa da normal evolução e do dinamismo do contexto urbano e também por fatores internos ao grupo que perturbaram a relação das pessoas com as lojas onde aconteciam os “trash tours”.

A análise bibliografia acentua como a realidade do Freeganism enquanto movimento organizado é própria da primeira década dos anos 2000. Os últimos estudos sobre o tema em ordem de tempo, Barnard 2016 e Cooks 2017, contam uma realidade diferente daquela descrita até agora. O declínio do Freeganismo enquanto grupo estruturado de ativistas é atribuído a diferentes fatores. “There was a clear trend toward the obsolescence of dumpster diving, disquieting reminders that one day we might all have to get jobs and start paying for things. One by one, slowly, the dumpsters were becoming trash compactors.” (Barnard 2011:186) O ambiente da cidade começou a ser mais hostil para este tipo de prática em Nova Iorque, em parte devido também às mudanças adotadas pelos supermercados em consequência do grande sucesso nas médias conseguidos pelos Freegans. O Barnard descreve como os “Trash Tours” se tornaram muito populares atraindo sempre mais pessoas com uma “freeloader attitude” ou seja quem participava só com o espírito de coletar comida de forma gratuita, seguindo uma ideia de acumulação dentro da lógica capitalista (ivi:203). Devagar começou um processo de desaparecimento de lugares onde era possível apanhar comida tranquilamente, os supermercados começaram a adotar estratégias para evitar que as pessoas fizessem a respiga. “As dumpster diving became more popular and publicized, stores began to take notice. One indication of this was that some of [freegan.info](http://freegan.info)’s more aboveboard strategies for rescuing food evaporated.” (ivi:187)

A visibilidade dos Freegans criava problemas às lojas e aos clientes que adquiriram os mesmos bens dos ativistas mas pagando. A grande atenção mediática que o movimento gerou contribuiu por um lado a aumentar a atenção sobre o desperdício alimentar mas, por outro, a limitar o acesso aos caixotes, por exemplo com o aparecimento de cadeados a fechar os contentores do lixo. Tendo

assim um resultado não esperado ou seja que as empresas comerciais continuassem a tirar comida adotando estratégias para evitar o acesso dos ativistas aos caixotes. Um aspeto que tem também a ver com a imagem da loja em si. O fato de se saber que no lixo desses estabelecimentos estariam presentes alimentos ainda comestíveis criaria uma imagem negativa da loja. Assim como aconteceu em Lisboa durante o dezembro de 2017 quando alguém fotografou e partilhou nas redes sociais a imagem de uns bolos nos caixotes do lixo fora de uma Padaria Portuguesa na Graça<sup>41</sup>. Isso moveu a opinião pública e obrigou a loja a adotar políticas de doação de comida excedente logo depois do escândalo.

Um outro aspeto que também poderia constituir um ponto problemático ao nível teórico é o fato dos Freegans serem concorrentes diretos dos sem abrigo ou de todas aquelas pessoas que realmente não poderiam ter acesso à comida de outras maneiras. ErnstFriedman é a única autora a entrevistar alguém que pertence a esta última categoria, sobre o que acham do movimento Freegan. A posição da sem abrigo Kathy é bem clara e resumida nesta afirmação: “The establishment is catching us” (ErnstFriedman 2010:101). As pessoas que pertencem a classes sociais mais altas apropriam-se de práticas exclusivas de outros grupos na cidade chegando a limitar o acesso aos recursos e entrando em competição com os indivíduos que são as principais vítimas das lógicas do sistema capitalista que os Freegans contestam.

Segundo Cooks as razões do declínio são várias:

“There are many reasons why Freeganism is losing members and popular support, not least of which are: the difficulties of adhering to Freegan principles in a sustainable manner, the transitional status of many members, and the rise of food waste and recovery movement and subsequent increased regulation of informal waste economies.” (Cooks 2017:2).

Segundo ela, um movimento radical como o Freeganism inicial contribuiu a dar visibilidade ao problema do desperdício que antes não recebia tanta atenção. O que era integrado num discurso anti-capitalista foi substituído por uma ética da responsabilidade moral dentro da sociedade de princípios neoliberais. Assim a crescente atenção levou à documentação da FAO sobre o desperdício alimentar (citado no capítulo anterior) e ao surgimento de associações que trabalham para recolher e distribuir a comida exulada dos processos de produção e distribuição.

---

<sup>41</sup>Artigo no site Zap.aeiou (26/12/17) <https://zap.aeiou.pt/bolos-rei-no-lixo-a-porta-da-padaria-portuguesa-geram-indignacao-185306> acedido em 7/08/19

Foi através da leitura dos vários estudos sobre o Freeganism que tornou possível criar as ferramentas para a análise do fenómeno da respiga em Lisboa, com pontos em comum, mas muitos outros em que foi possível traçar as particularidades desse movimento na capital portuguesa.

## 2.2 Os Respigadores



Figuras 6a e 6b

*The Gleaners*, Jean-François Millet 1857  
Museu d'Orsay- Paris

Foto minha: "Respigadora de Lisboa"

"...sempre tive a consciência que a comida é uma coisa sagrada, não se deveria deitar fora também o que não conseguimos comer mais non nosso prato. Mas para a sociedade são só os pobres e os sem abrigo que procuram comida no lixo, segundo eles fazemos isso porque não temos dinheiro."

(N, h, 27) <sup>42</sup>

Do diário de campo, 4/12/2018

"Chegámos com Laura tarde, não havia ninguém e achávamos que alguém já tinha passado. Na verdade no escuro estavam ainda os empregados a fechar a loja e um deles tinham um saco preto na mão. Posou o saco em cima do caixote, nos cumprimentou com um boa noite, nos agradecemos e ele foi embora. Basicamente tinha entregado nas nossas mãos um saco cheio de comida que o supermercado não podia mais vender:

---

<sup>42</sup> N, homem, 27 anos. Alemão, cozinheiro, passou um período de 3 meses em Lisboa.

rebentos de 3 tipos diferentes (alfalfa, lentilhas e picantes), pão, presunto, queijo com ervas para barrar, e uns desconhecidos ‘espinafres de mar’ A dinâmica não podia ser mais simples que assim, uma entrega de comida boa, biológica e saudável diretamente nas nossas mãos, nem tivemos que fazer uma triagem e separar as coisas sendo as únicas pessoas naquela noite. Continuámos felizes o nosso lixo-tour” .

Em Lisboa existe uma realidade de pessoas que recolhem comida descartada por alguns supermercados. Comecei a entrar em contato com esta realidade no inverno de 2018, inicialmente com o único intento de reciclar comida. Continuando a viver esta realidade me dei conta que o fenómeno estava a crescer sempre mais e apresentava algumas características interessantes do ponto de vista da análise antropológica. Vi o nascimento das plataformas de agregação e comunicação nas redes sociais ligadas a este fenómeno, o grupo Facebook ‘Lisbon’s Dumpster Dive’<sup>43</sup> e a chat de grupo no aplicativo Whatsapp.

Foi com esta óptica que frequentei assiduamente por 5 meses (de Novembro 2018 até Março 2019) os lugares do Dumpster Diving em Lisboa, atividade aqui definida *respiga*.

Os termos para definir a ação de apanhar comida do lixo são diferentes em distintos contextos culturais. O mais conhecido ao nível mundial é sem duvidas o *dumpster diving* mas também existem *scavenging*, *bin riding*, *trash picking*, *urban foraging* (Barnard 2016:25) como termos difundidos para nomear a prática nos Estados Unidos. Depois *skipping* no Reino Unido (Capponi 2014:54), *recupera* em italiano, fazer o *glanage* em francês, *reciclaje* em espanhol<sup>44</sup>.

“Acho que dumpster diving é uma expressão feia porque as pessoas que não conhecem essa prática criam-se a ideia que entramos mesmo no lixo, no caixote que está na rua. Se falamos de reciclagem essa palavra já passa uma ideia diferente.” (E, m, 33)<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Grupo que em data 20 de Agosto 2018 contava com 463 inscritos.  
<https://www.facebook.com/groups/1370679683034951/> acedido em 27/8/19.

<sup>44</sup> Informações adquiridas através das entrevistas.

<sup>45</sup> E, mulher, 33 anos. Polaca, é guia turístico e vive há 4 anos em Lisboa.

A palavra com a qual se identifica essa prática em Lisboa é *respiga*, parece que no Porto o verbo mais usado é *reciclar*. Foi muito interessante a descoberta do uso desse termo, quando eu comecei a fazer a recolha de comida descartada junto dos meus amigos sempre usava as palavras recuperar, reciclar ou fazer dumpster diving. Só uma vez começado o trabalho de campo aprendi sobre a difusão, especialmente entre os participantes portugueses, do uso da palavra respiga. A parte interessante consiste na origem do termo respigar que significa: “Apanhar as espigas que ficaram por colher nas searas”.<sup>46</sup> Como a definição explicita, a palavra tem uma ligação direta com o mundo agrícola e descreve a ação, difundida na Europa até o século passado, das pessoas irem para o campo depois da colheita para apanharem as espigas de trigo ainda presentes. Há traços dessa prática em vários sítios, testemunhada pelo fato da existência do termo respigar em outras línguas, como por exemplo *to glean* em inglês, *spigolare* em italiano, *glaner* em francês. A cineasta francês Agnes Varda (1928-2019) realizou um interessante documentário sobre a respiga na França. Consultado um advogado de direito agrícola ele conta da existência de uma lei datada 2 Novembro 1554 na qual se autorizaram “os pobres, os miseráveis, os desfavorecidos a ir ao campo depois da colheita”<sup>47</sup>. No filme contam como esta prática continuou a existir através dos séculos e como na França nos últimos anos do milénio só foi possível respigar em poucos lugares devido às grandes transformações culturais e às regulamentações recentes da propriedade privada.

A interessante apropriação do termo respiga numa paisagem urbana reafirma o paralelismo que é apresentado também no documentário da Varda, ou seja a leitura dos coletores de comida na cidade como paralela à prática da respiga em contexto rural. Sobre o uso do termo respiga, tornou-se particularmente interessante observar o momento em que foi aceite a proposta que alguém apresentou no grupo de Facebook “Lisbon’s dumpster dive”, a propósito de incluir a palavra portuguesa respiga no título da comunidade virtual.

10/04/2019 “Maltinha, uma proposta: será que podemos acrescentar um título português ao nome do grupo? “Respiga em Lisboa / Lisbon’s Dumpster Dive”. Acho importante termos e promovermos palavras portuguesas para falar destas coisas, e é uma forma de resgatar um verbo muito bonito, respigar, usado no mundo rural pelas gerações que nós antecederam.”

---

<sup>46</sup> “Respigar”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/respigar>, acedido em 10/07/19.

<sup>47</sup> Documentario “Les Glaneur et la glaneuse” (2000) Agnes Varda, FR.

A proposta foi aceite positivamente pelos participantes e os administradores mudaram o nome do grupo como sugerido, marcando a apropriação e determinando a maior difusão de um termo próprio de outros tempos e espaços. Como respigar é apanhar o que é deixado fora da colheita mas que pode ser aproveitado, assim no contexto urbano é apanhar o que é deixado fora do sistema de distribuição e ainda se pode comer.

Porque existe essa realidade em Lisboa? Existe porque estão presentes dentro da cidade alguns sítios onde a comida é tirada de uma forma em que as pessoas podem ter acesso e as condições dos alimentos permitem um resgate dos alimentos facilitado.

“Quando cheguei em Lisboa achei incrível que fosse possível fazer a respiga tão facilmente! E até apanhar comida biológica, produtos de ótima qualidade que nunca poderia me permitir de comprar.”

(V, m, 28)<sup>48</sup>

Os respigadores são reconhecíveis, com as suas mochilas grandes ou sacos vazios na mão, aspeto de quem espera que a loja feche para poder entrar em ação, alguns esperam sozinhos num cantinho, outros em companhia, quem sentados ou em pé. Há quem prefere esperar ao lado do supermercado e não na frente como gesto de educação e respeito em relação aos empregados da loja (que poderiam chatear-se por essa presença), há quem fica na frente sem pensar nessa possível reação.

Como em qualquer sítio documentado, também em Lisboa os respigadores na maioria dos casos são jovens estudantes ou trabalhadores entre os 20 e os 30 anos, instruídos e que vivem em casas onde partilham a renda com outras pessoas. Normalmente o respigador vai uma ou duas vezes por semana sem ultrapassar as 3 normalmente. A maioria diz que se conseguir vai duas vezes por semana mas pode ser que uma seja suficiente no caso de na primeira vez ter um resultado muito bom ou seja se for apanhada muita comida. A respiga não constitui o único meio através do qual os participantes se alimentam, todos também precisam de comprar alguns alimentos na forma convencional.

Curiosamente a maioria dos respigadores não é portuguesa, numa média de 6-7 pessoas na respiga 1 ou 2 são portuguesas. As pessoas estrangeiras na maioria dos casos já tinham experimentado esta prática em outros países onde viveram e continuaram também em Lisboa. O caso exemplar da E,

---

<sup>48</sup> V, mulher, 28 anos. Argentina, malabarista que vive há 3 anos em Lisboa.

uma das mais assíduas respigadoras em Lisboa, conta das suas experiências na Suécia, Holanda, França, Islândia, Dinamarca e as dificuldades que encontrou em tentar fazer isso na Polónia e na Turquia.

“A primeira vez fiz a reciclagem na Suécia, eu já sabia da existência dessa possibilidade mas onde morava (na Polónia) é ilegal e se arriscam multas muito altas. Fui para Estocolmo e pensei que era fixe ser hospedada na casa de alguém que fizesse isso. Com couch-surfing então encontrei um rapaz da Lituânia que era vegano e morava lá. Foi com ele que eu fui para a reciclagem pela primeira vez. Éramos umas 8 pessoas, estava mesmo muito ansiosa para fazer isso. Foi a primeira vez e fiquei abismada com a quantidade de comida que conseguimos encontrar. [...] Eu depois de dois dias ia-me embora mas havia tanta comida que me ofereceram de apanhar mais para eu levar para o seguinte anfitrião da casa que ia-me hospedar. Foi mesmo muita comida, a primeira experiência foi mesmo muito positiva. Essa foi em 2010.” (E, m, 33)

Em muitos casos a primeira vez dos respigadores é descrita como uma epifania, como um episódio no qual tornou-se visível algo de normalmente escondido, a existência de alimentos comestíveis no lixo. Este momento muda as pessoas que participam na respiga, como veremos depois, pois determina uma mudança na percepção do ambiente urbano em relação ao lixo.

Esta realidade existe como fenómeno maioritariamente de iniciativa individual mas que também tem caracteres comunitários como a colaboração em procurar e dividir a comida aproveitável do lixo presente nos caixotes, partilha da comida encontrada (que se tenta fazer de forma igualitária), partilha de informações sobre bons sítios onde fazer DD, limpeza do lugar no final da respiga. Nem todos os atores participam da mesma forma, como observado algum são mais ativos na atividade e contribuem em apanhar os sacos, perguntar quem quer algo, contribuir nas conversas enquanto outros resultam mais tímidos ou simplesmente chegam para apanhar a comida e vão embora sem se relacionarem com os outros participantes. Como visto a propósito dos Freegans de Nova Iorque, também em Lisboa é possível evidenciar esta diferente propensão individual frente ao resgate de comida. É uma prática ligada a estratégias que resultam economicamente, eticamente e “ambientalmente” sustentáveis aos olhos de quem as pratica. Uma reflexão interessante mas também muito longa seria referir sobre como as práticas que normalmente pertencem/pertenciam aos ativistas e as realidades marginais (vestir roupa de segunda mão, apanhar comida do lixo, em



geral reciclar) foram recentemente incluídas e re-apropriadas por pessoas comuns através de uma interpretação individual do conceito da sustentabilidade ambiental.

Voltando para a realidade de Lisboa, um exemplo para descrever como os empregados do supermercado colaboram com a ação da respiga vem da minha própria experiência, apontada no diário de campo.

“No final da respiga aconteceu uma coisa interessante. Eu e a A<sup>49</sup>. estávamos indo embora com as raparigas encontradas no lixo, depois de ter terminado com a divisão da comida. Oiço uma empregada a chamar-nos. Eu não entendi no princípio, voltámos um pouco atrás e ela vem na nossa direção com comida na mão. Fala que tinham esquecido de ter aquela comida na loja e insiste para nós apanharmos: eram duas formas de pão e uns rebentos. Falo que já temos muita comida, ela insiste e coloca diretamente a comida nos meus sacos.” (Diário de campo 18/12/2018)

Ao longo de toda a pesquisa este constitui um dos vários momentos em que tivemos contatos amigáveis com os empregados da loja, mas nunca uma trabalhadora tinha saído fisicamente e metaforicamente do seu lugar para incentivar que a comida fosse apanhada e não deitada no lixo. Como muitos entre os entrevistados falam e como também eu constatei pessoalmente, os empregados mesmo que tenham algumas regras para respeitar, que provém das políticas da loja e dos gerentes, podem exercitar a própria agência<sup>50</sup> e influenciar ou desincentivar a prática da respiga. Em outras lojas tem-se constatado uma oposição dos empregados frente a esta prática, através de estratégias para tornar a comida não mais comestível, aspeto que será aprofundado mais em frente neste capítulo.

Nem todas as respigas são iguais. Em alguns lugares a comida chega dentro de um saco do lixo separado do resto e às vezes é até entregue diretamente nas mãos dos respigadores. Na maioria dos casos os sacos cheios com a comida encontram-se dentro do caixote, em outras situações a comida está fora dos sacos e misturada com outros alimentos não aproveitáveis. O resultado da presença de lixos diferentes é a existência de formas de respiga diferentes. Há a respiga mais “limpa” onde o único esforço para fazer é de chegar fora do supermercado na hora em que os caixotes são colocados na rua. E há respigas mais complexas no sentido em que é preciso mesmo mergulhar (*diving*) no caixote para selecionar os alimentos que se querem reaproveitar. À

---

<sup>49</sup> A, mulher, 33 anos, portuguesa.

<sup>50</sup> Por agência é aqui entendida a capacidade dos indivíduos de agir individualmente dentro das regras sociais de um determinado sistema cultural.

dificuldade da respiga é associado o grau de impureza dos alimentos, no caso da respiga mais fácil as comidas são facilmente reaproveitáveis sem grandes processos sucessivos. No caso da respiga que às vezes é feita com luvas e com mais cuidado, a comida tem que passar por mais fases para ser aproveitada e assim reintegrada totalmente no sistema alimentar. Cada pessoa tem a sua forma de fazer a respiga, quem tem um nível de sensibilidade e percepção do perigo mais alto normalmente só efetua a respiga nos supermercados que mantêm a comida aproveitável separada do resto do lixo. As técnicas e as ferramentas utilizadas na respiga são diferentes com base no lugar e também com base nas escolhas individuais. Tem quem prefere usar luvas, quem vem com uma mochila, quem usa sacos de plástico, quem se desloca de bicicleta, de carro ou a pé, quem só vai para um lugar à procura de um determinado alimento como o senhor que só apanha pão branco e desconfia de outras comidas, e quem recorre a mais sítios fazendo o que aqui chamamos de “tour do lixo”.

O que os freegans e os respigadores têm em comum é principalmente a atividade do dumpster diving e a partilha da ideia de que a comida, mesmo se encontrada no lixo, pode ser aproveitada assim quebrando um tabu cultural presente e bem radicado na realidade onde vivem.

No documentário da Varda: “Há que procurar atrás dos troncos, das folhas. Tarda-se bastante a encher um cesto. O de respigar te leva muito tempo. Não é fácil, é muito trabalho.”<sup>51</sup> palavras de um respigador que apanha as maçãs numa propriedade depois da colheita ter dito efetuada. A cineasta acompanha-o no seu roteiro de recolha de fruta afirmando como ele “conhece todos os bons sítios”. Assim também fazem de forma análoga os respigadores na cidade de Lisboa: conhecem os sítios e se deslocam entre os lixos dos supermercados fechados à procura de comida.

Apresenta-se uma esquematização dos apontamentos tirados no diário de campo a descrever uma saída ao lixo típica (Tabela 1). O horário da noite, a procura de comida em diferentes “hot spots”, a variabilidade do resultado de achar algo, o encontro com as pessoas, a partilha e a volta para casa num horário não propriamente confortável como o convencional no qual se decide de ir fazer as compras. Logisticamente esta última resulta uma prática muito mais simples.

Horas		
20:00	Siamos de casa	
20:15	Estefania	Está fechado mas os caixotes não estão ainda fora. Esperamos um pouco e depois decidimos prosseguir

<sup>51</sup> Varda, A. (200) Les Glaneurs et la glaneuse, França. Min. 1:03

Horas		
20:40	BioMercado Saldanha	Olhamos mas não há nada, o unico caixote onde poderia estar comida está trancado.
21:00	GoNatural Av. 5 de Out	Não está ninguém mas depois começam a chegar pessoas. Em total somo 8, a maioria parecem jovens estudantes/trabalhadores. 1 Adulto Portugues. <b>Comida: pão, yougurte, tofu, pecorino dop.</b> Quase nenhum legume ou fruta.
21:40	Auchan Av da Republica	Na espera do caixote anterior um dos reparadores nos fala do Auchan que coloca o lixo mais tarde, decidimos ir. Só estava uma outra pessoa, adulta e talvez em situação de dificuldade financeira. Deimos-lhe a preferência. <b>Comida: nabo, coco, brocolos, muito pão, salgados e croissant</b>
22:40	Bairro dos Anjos	Tentamos encontrar pessoas sem abrigo que queiram um saco de 10 kg de pão, salgados e croissants. A primeira pessoa não aceita, as segunda tentativa funciona. Deixamos o saco para 3 pessoas que moram na rua perto da entrada da estação do metro dos Anjos.
23:00	Chegamos em casa	

Tabela 1: Resumo de uma respiga típica. 25/11/18

Ao longo do estudo da realidade dos respigadores em Lisboa foi evidente como para as pessoas pesquisadas as razões de recuperar comida desperdiçada eram muito menos claras com relação aos Freegans entrevistados nas várias etnografias lidas durante a revisão bibliográfica. A pesquisa de campo ajudou a evidenciar como atrás da mesma ação estão presentes razões diferentes e universos de significados pessoais e distintos. Todos afirmaram de reciclar também outras coisas como roupa, móveis ou simplesmente de apanhar algo na rua se acham útil. O R.<sup>52</sup> por exemplo conta de como criou a loja grátis<sup>53</sup> no espaço do Disgraça, lugar de matriz anarquista ativo na Penha da França.

<sup>52</sup> R, homem, 33 anos. Português, trabalhador e entre os respigadores mais experientes.

<sup>53</sup> Para loja grátis entende-se um espaço onde as pessoas podem deixar os objetos, na maioria livros e roupa, que não querem mais e outros podem apanhar. Troca que não prevê o uso de dinheiro.

Alguns, como a V., descreveram fazer a respiga como uma “militância” no sentido de poder evitar o desperdício de uma grande quantidade de alimentos “sair do conforto da noite para ir apanhar aqueles alimentos e levar para casa para que não sejam desperdiçados”. (V, m, 28). E quem como o R, antes vegetariano depois vegano e atualmente única pessoa entre os entrevistados a se definir Freegan, que afirma “Sou uma pessoa ética, faz as coisas não para seguir um ideal político mas segundo a ética.”

Contrariamente ao Freeganism no contexto estadunidense no qual as razões políticas e ambientalistas são abertamente declaradas e colocadas no centro da retórica coletiva, as pessoas participantes na respiga em Lisboa não constituem uma unidade ao nível de discurso, agem individualmente, movidas por razões diferentes. A primeira ideia de estar a estudar um movimento ambientalista contemporâneo rapidamente desapareceu depois da realização das primeiras entrevistas que deixaram clara a pluralidade de motivações dessa ação. Mais do que uma razão principal, a preocupação ambiental constitui uma entre várias motivações. Os entrevistados apresentaram um conjunto de situações que determinaram o fato deles estarem a respigar, principalmente são explicações de tipo económico (respigo porque a comida é boa, biológica e gratuita, assim poupo dinheiro) em conjunto a ideais éticos-ambientalistas que partem da convicção de que o desperdício alimentar é uma coisa eticamente errada e não sustentável. O J<sup>54</sup> estudante de ecologia humana afirma: “Eu sou consciente do que é o desperdício alimentar, que há uma produção maluca de alimentos e de tudo em geral que está a destruir o mundo. [...] Agora que tenho que gerir a minha própria economia pensei em como poderia me alimentar de uma forma sustentável dentro dum ambiente urbano onde não teria a possibilidade de comprar fruta e legumes de boa qualidade. [...] Quando conheci a respiga achei que era perfeito, o que eu precisava para encontrar a forma de fazer um consumo ético ” (J, h, 25). Nestas poucas linhas são condensadas as várias razões que movem as pessoas a respigar em Lisboa: um conjunto de motivação económica unida a uma percepção ético-moral relativa à ideia de sustentabilidade a ao fato da comida ser objetivamente de alta qualidade.

O N, respigador da Alemanha que estava a passar um período em Lisboa, conta como para ele “I feel bad at buying things, to give money to companies that do so bad in the world.” e reflete assim uma identidade mais perto dos princípios do Freeganism relativos ao anti-consumismo. Em conjunto a essa afirmação ele adiciona o fato de que também não compra roupa nova e não apanha um avião há 5 anos, fez a viagem Colónia - Lisboa de comboio.

---

<sup>54</sup> J, homem, 25 anos. Espanhol, estudante na FCSH, vive em Portugal há 2 anos.

O R (h, 33) descreve claramente como faz a respiga pelo fato da comida ser muito boa, em segundo lugar por causa do dinheiro: “Assim tiras dinheiro da sociedade capitalista, é melhor fazer assim do que ir gastar dinheiro no mercado capitalista”. E depois pela questão do lixo: “Às vezes eu sou a única pessoa que vai respigar e se eu não estivesse lá toda aquela comida iria ser desperdiçada”.

Ele conta de como quando começou a respigar era desempregado e fazer a respiga fazia muito mais a diferença para ele do que agora, mas mesmo tendo arranjado um bom trabalho continua a respigar pelas questões mencionadas. As razões das pessoas encontram-se num espaço entre a vontade de viver com menores despesas e o discurso da sustentabilidade como prática cultural. Além dessas motivações verbalizadas considero que existem outras duas razões que surgem nas observações feitas durante a pesquisa, o caráter da socialização e aquele da diversão. Ir a respigar, ainda para mais com a integração dos meios tecnológicos das redes sociais, transforma-se numa ocasião de encontro de pessoas, partilha de comida e de visões. “Eu falei com muitos amigos e já na Primavera eu ia com 3 ou 4 amigos, quem estava na faculdade comigo até às 21h. Depois também conheci as pessoas que normalmente iam lá, como tu, como o R e os outros. E já era lindo porque das 21, hora na qual chegávamos, até às 21:30 estávamos a falar com a gente, até cantávamos às vezes. Depois a repartição era bem equitativa, a gente apanhava uma coisa depois aguardavam que todos tivessem apanhado uma outra coisa” (J, h, 25).

Os indivíduos que participam fortalecem as relações interpessoais sobretudo durante a fase da partilha de comida e ao final no momento em que deixam os caixotes, na maioria dos casos felizes por ter apanhado comida, evitado o desperdício e por terem encontrado pessoas. Sobre este propósito torna-se interessante considerar o uso do verbo salvar ou “rescue” em inglês, utilizado para descrever a comida subtraída do desperdício. De algumas considerações também emerge o fator determinante da diversão: “It’s definitely addicting, it’s like treasure hunting right now” (N, h, 27). O que emerge da interação e de várias entrevistas é que mais do que a urgência anti-capitalista e o juízo moral sobre o desperdício predomina uma excitação em relação à fácil acessibilidade de bens alimentares de boa qualidade e de maneira gratuita. Também o fato de nunca saber o que se vai encontrar faz com que adquira este valor de “caça ao tesouro” que às vezes pode reservar grandes surpresas. O poder aproveitar dos recursos gerados pelo desperdício leva alguns respigadores a partilharem com entusiasmo as fotos dos alimentos recolhidos e a se desejar um abundante colheita através da fórmula “boa respiga!”<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Fórmula que aparece nas redes sociais quando alguém anuncia que irá respigar num dato sítio.

“Existe muito desperdício alimentar. mesmo nas nossas próprias casas, não só nos supermercados. Eu próprio às vezes esqueço que tenho coisas boas para comer lá em casa e apanho mais. Também tem a ver com a minha organização da semana, imagina estou aqui em Oeiras depois vou para um sítio qualquer, volto e já certas coisas não estão boas. Se não passar muito tempo em casa essas coisas acontecem.” (M, h, 32).

As palavras do M refletem o estudo de Evans sobre (2012) o desperdício doméstico. O problema não é as pessoas não estarem conscientes do que elas mesma produzem desperdício, a questão não é uma falta de informação mas tem mais a ver com a organização da vida no dia a dia. O aspeto curioso nesse caso é que o M declara ir à respiga porque se esquece que tem comida de mais em casa, até quem participa de uma atividade que teoricamente diminui o desperdício, admite de atirar alimentos para o lixo de casa.

Na minha experiência pessoal devo reconhecer que por vezes isso me aconteceu: a vontade de “salvar” a comida tornou-se tão grande, em algum momento pensava poder partilhar com mais amigos mas depois acabava por esquecer os alimentos ou não ter suficiente espaço para armazenar como devia a comida apanhada. O resultado foi um retorno paradoxal de parte da comida para o caixote, que em vez de ser o do supermercado era o da minha casa.

O que surge como evidência da pesquisa uma vez enquadrada no âmbito da Antropologia é um paralelismo entre a prática dos respigadores e a dos caçadores coletores tão estudados ao longo da história da disciplina, se lermos os dois grupos, aparentemente distante, como pessoas que na sua atividade aproveitam do que é disponível no ambiente onde vivem - procuram sítios onde possam encontrar alimento, de origem vegetal ou animal, e se deslocam no espaço com esse objetivo. Os números dos estudos antropológicos sobre grupos humanos que praticavam ou praticam ainda hoje a caça e coleta demonstram como essa característica determina aspetos relevantes da estrutura social dos grupos e em geral estruturas humanas que se refletiram nos sucessivos desenvolvimentos (Hawkes et al, 1982 [2008]). “Plants are said to be low-risk/high return resources, while animals are high risk/high return resources.” (ivi:266) A comida de origem vegetal constituiria então uma comida menos perigosa que a carne por quanto concerne o perigo de intoxicação. O que é também verdadeiro, como veremos mais em frente neste capítulo, para os nossos “urban foragers” que quando encontram carne têm muita mais prudência e dispendem muito mais tempo na observação do conteúdo da embalagem. Também o fato de saber interpretar os sinais do ambiente circunstante é fundamental nos dois contextos. O respigador aprende a reconhecer quando os caixotes do lixo

podem potencialmente ser um a fonte de comida, aprende a olhar e mexer a parte externa dos sacos para ver se há dentro comida e também desenvolve, através da experiência, capacidades seletivas para decidir se deve apanhar ou deixar alguns alimentos. Desenvolve da mesma forma a capacidade de entender quando alguém já passou para aquele lixo e apanhou algo, parece que sabe ler os sinais deixados por outros “animais” que como ele se alimentam da mesma fonte.

Existem regras informais de respeito recíproco que são na maioria dos casos respeitadas. No último período da pesquisa foi claro como a prática, também por causa do nascimento e rápido crescimento dos grupos no Facebook e no Whatsapp, tem sido mais conhecida e cada vez mais pessoas novas começaram a fazer a respiga. Estas pessoas novas são consideradas as responsáveis pela evolução das directrizes hostis das lojas que anteriormente de qualquer forma colaboravam com os respigadores - os empregados começaram a dizer que os gerentes tinham mudado as regras na gestão do lixo, que não gostavam que tantas pessoas ficassem na porta do estabelecimento à espera do fecho e que ocupassem o espaço de fora da loja, impedindo a passagem e deixando sujidade depois.

Na maioria dos casos os caixotes do lixo estão abertos e disponíveis para qualquer pessoa abrir e ver o conteúdo, embora alguns supermercados tenham começado a fechar a tampa dos caixotes com um tipo de cadeado. A esse propósito o M diz: “Tudo depende dos empregados, se eles querem fechar fecham se não deixam aberto. Às vezes conseguimos abrir mesmo sem ter a chave”. O cadeado incorporado na tampa é um tipo de fechadura standard e a chave pode ser facilmente encontrada numa loja de ferragens. Denota-se ainda assim que a realidade pareceu mudar durante o último período da pesquisa, alguns dos supermercados que não se importavam com a presença dos respigadores começaram a criar estratégias para contrariar a prática. Entre estas nota-se a colocação dos caixotes fora do estabelecimento mais tarde, não mais imediatamente depois do fecho (às 21:15) mas em torno às 22:30, ou a estratégia de manter o lixo um dia dentro da loja e colocá-lo fora no dia seguinte, acabando a comida por chegar ao exterior da loja estragada.

“Muitas vezes quem nunca fez, faz a respiga de maneira errada. Sem nenhum respeito para os outros espaços, colocando tudo no chão. Vejo que não todos estão atentos a depois colocar tudo de novo no caixote e deixar limpo o lugar. É no interesse de todos que isso [a respiga] continue.” (A, h, 26)<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> A, Homem, 26 anos. Italiano, estudante universitário.

### 2.2.1 Os espaços da respiga

“Passei bastantes anos a fazer reciclagem de comida, então quando cheguei em Lisboa era automático pensar: onde é que poderia fazer isso?”

(E, m, 32)<sup>57</sup>

“Se eu estiver muito tempo num sítio vou procurar lugares onde fazer a respiga. Pode-se fazer em qualquer supermercado, quanto maior é melhor, têm mais coisas, não é? Normalmente quando é maior tem mais coisas mas também de pior qualidade. Se for muito pequeno também não tem quase nada.” (M, h, 32)<sup>58</sup>

Por lugares da respiga entendem-se os espaços físicos onde a respiga acontece. Queria dividir esses espaços em macro áreas e em lugares pontuais como áreas específicas ou supermercados, pontos identificados dentro do aglomerado urbano. A reflexão sobre os espaços da respiga poderia começar em entender como em cada estado existem regulamentações legislativas que determinam a existência ou não desse fenómeno. Por exemplo na Alemanha é estritamente proibido ir aos caixotes e apanhar comida do lixo dos supermercados porque é considerada uma invasão de propriedade privada. O caso de duas estudantes condenadas<sup>59</sup> em janeiro por terem apanhado comida dos caixotes do lixo de um supermercado em Munique teve um eco mediático bastante amplo, com o levantamento de reflexões públicas sobre a legitimidade de uma lei que proíbe esse tipo de prática. “For I believe that ideas about separating, purifying, demarcating and punishing transgressions have as their main function to impose system on an inherently untidy experience” (Douglas 1966:4), na interpretação da Douglas estas regras refletiriam uma imposição de um sistema geral sobre uma realidade considerada como confusa. A proibição sobre apanhar objetos nos caixotes do lixo tem a ver com a reafirmação das regras sobre a propriedade privada e a impor que as pessoas não tenham livre acesso a objetos sem uma transação económica. A lei da Alemanha considera que o lixo continua a ser propriedade do supermercado até o momento do camião apanhar. A condenação das duas jovens levou à criação de uma petição para tornar o dumpster diving legal na cidade de Hamburgo, proposta que não foi aceite pelos órgãos

---

<sup>57</sup> E, mulher, 33 anos. Polaca, trabalhadora, vive em Lisboa há 4 anos.

<sup>58</sup> M, homem, 32 anos. Português, trabalha ocasionalmente

<sup>59</sup> A pagar uma multa de 225€ e a servir com 8 horas de voluntariado comunitário.  
<https://www.euronews.com/2019/02/06/how-is-food-waste-regulated-in-europe> acedido em 09/08/2019



legislativos.<sup>60</sup> Na Alemanha a impossibilidade de efetuar a reciclagem de maneira espontânea tem levado ao desenvolvimento de outras estratégias regulamentadas pela recolha e partilha das quebras dos mercados, nomeadamente o FoodSharing como será apresentado no próximo capítulo. É interessante como duas das pessoas entrevistadas contam ter feito a respiga neste país mesmo estando conscientes das interdições e de como a presença dessa regra os tinha influenciado na prática, querendo ser o mais escondidos possível para evitar de ter problemas com a lei: “I have three spots where I always go in Köln and most of the times I am the only one there. I like to do it, but I always have to be careful that nobody sees me.” (N, h, 27)

O J refere de como na Espanha também não é fácil respigar e de que a polícia poderia dizer algo, ou a V que vem da Argentina: “Na Argentina tu não podes fazer este tipo de atividade porque os supermercados não tiram o lixo nos caixotes. Os alimentos são prensados e atirados não sei bem onde, mas o que é seguro é que as pessoas não tem acesso nenhum a este tipo de comida.” (V, m, 28). Continua relatando que quando chegou em Portugal ficou bem surpreendida do fato de ser possível fazer a respiga da comida, ainda mais comida de boa qualidade.

Outro fator interessante é a interpretação do J segundo o qual pelo fato da nossa sociedade ser individualista existem pessoas a passar fome e a dever ir para os caixotes do lixo e não mais simplesmente aos restaurantes ou nas casas para pedir. Em outros lugares onde ele viajou fora da Europa, como na Turquia e no Irão, fala que não precisava fazer DD porque sabia que podia perguntar às pessoas locais ou donos dos restaurantes que lhe davam comida. Segundo ele “A hospitalidade é muito forte nos países muçulmanos: é um pilar da cultura”. Não é possível aprofundar nessa dissertação a ligação entre hospitalidade, partilha de comida e prática da respiga, mas seguramente essa afirmação oferece uma pista interessante para futuras análises do fenómeno. Do ponto de vista legal fazer DD em Portugal não é proibido, ou é só no caso em que os caixotes estão dentro de propriedade privada. Nenhum dos entrevistados e dos muitos respigadores encontrados durante a pesquisa falou de ter tido problemas com a polícia durante as saídas ao lixo, alguns contam terem encontrado polícias, mas que nunca os perturbaram durante a atividade de recolha

“Não sabia como é que funcionava a cena mas já tinha ouvido de algumas amigas que em Lisboa era fácil viver apanhando comida, coletando alimentos de forma alternativa e que não sempre era

---

<sup>60</sup> “Dumpster diving remains illegal in Germany” <https://www.dw.com/en/dumpster-diving-remains-illegal-in-germany/a-49090855> acedido em 09/08/2019

preciso ir para a loja a comprar coisas [...] Não como na Espanha onde tens que entrar mesmo no caixote do lixo e está o lixo todo junto e bagunçado. Aqui é mais arrumado e também a gente que está é diferente.” (J, h, 25)

O caso de Lisboa representa uma interessante realidade caracterizada pela facilidade de acesso das pessoas aos sítios de respiga e pela alta qualidade da comida que se pode recolher. O surgimento de um como “lugar de respiga” é influenciado pelas leis do estado em questão e também pelas regras e práticas de cada supermercado. Como emerge do trabalho de pesquisa em Lisboa por exemplo a possibilidade de fazer a respiga é determinada por algumas características como a acessibilidade aos caixotes do supermercado, se estão na calçada ou guardados em espaços privados do exercício comercial, a qualidade da comida e a forma como é colocada no caixote, se misturada com outro tipo de lixo ou separada. Estes fatores são determinantes em considerar como em Lisboa a zona de Saldanha se tornou a mais popular entre os respigadores. É exatamente nesta zona que se encontra a maioria dos sítios onde as pessoas se encontram para recolher comida do lixo; a explicação da D a este propósito é muito interessante “Esta é a melhor zona onde fazer a respiga em Lisboa. O fato determinante é que os supermercados não têm espaço para ter uma garagem ou um outro lugar onde guardar os caixotes. Por isso estão obrigados a colocar o lixo fora do espaço da loja, na calçada onde podemos facilmente chegar.” (D, m, 27)<sup>61</sup>

Além da zona de Saldanha existem outros dois pontos tem um supermercado no Rossio e um outro no Chiado. Os lugares da respiga têm diferentes graus de “facilidade” de aceder à comida, em alguns tem que se mergulhar no caixote e apanhar os alimentos separando-os da comida não boa, em outros é simplesmente abrir um saco e apanhar o que está dentro, comida normalmente em ótimas condições. Esse fator também influi sobre o número de pessoas que respigam num determinado sítio, o sitio mais fácil e limpo da cidade já foi descrito como demasiado famoso e cheio de pessoas por alguns respigadores mais experientes que preferem dirigir-se a outros lugares.

Nem todos os supermercados de Lisboa têm um lixo nas condições de ser reaproveitado, como o M (h,32) diz: “Por exemplo no Marquês de Pombal há um grande supermercado com os caixotes na rua, há sempre muita coisa, mas misturam tudo e fica tudo bem nojento. Mas tem muitas coisas. Eu fui para apanhar coisas em pacotes tipo spaghetti ou arroz, coisas não frescas. Também apanhei

---

<sup>61</sup> D, mulher, 27 anos. Portuguesa, estudante universitária.

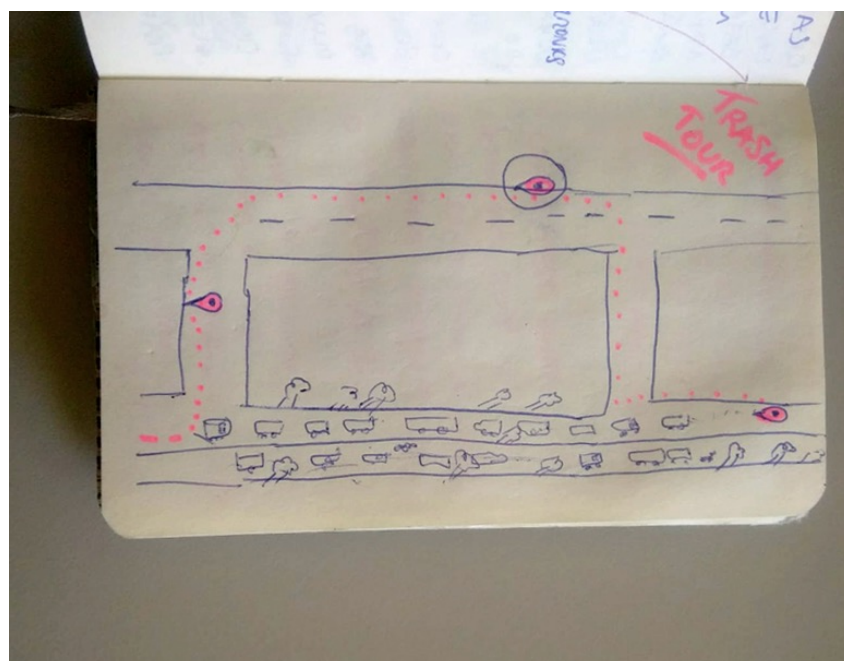


Figura 7: “O roteiro da respiga”

shampoo.” Ou como testemunha a A.<sup>62</sup> : “Não percebo porque eles fazem assim, essa coisa de abrir os pacotes dos produtos e colocá-los todos misturados no caixote. Ainda mais com as cascas das laranjas em cima de tudo para tornar não comestível o que talvez poderíamos salvar.” (A, m, 35)

Para conhecer os lugares da respiga a maneira mais comum é conhecer alguém que já fez e saber da experiência desse lugar. As informações podem ser veiculadas também através das plataformas digitais, mais no Facebook, onde a maioria dos novos inscritos publicam post do tipo “Olá sou novo aqui e queria começar a respiga. Onde aconselham de ir na zona...? Alguém que vai e me possa mostrar?”.

Mas a troca de informações não acontece só no princípio da experiência da respiga, é uma constante dentro das dinâmicas do grupo coletores urbanos. Como observado várias vezes e confirmado nas palavras dos coletores urbanos, nos tempos de espera dos caixotes fora do supermercado, as pessoas conversam e trocam conselhos sobre outros supermercados da respiga. “Eu conheci esse lugar de Av Duque de ávila primeiro. Depois lá uma mulher que sempre vinha me falou que perto tinham outros lugares para fazer a respiga. Então já nos primeiros dias começámos a fazer a *rota dos lixos*. Primeiro o supermercado biológico na Av. 5 de Outubro, depois o outro na Av. da República, depois também um outro lugar perto do metro Saldanha que tinha muita coisa” (V, m, 28) .

Também me aconteceu de encontrar os amigos da respiga em outras ocasiões e uma constante nas conversas era sempre o tema da situação da respiga. Uma espécie de constante update como quando

<sup>62</sup> A, mulher, 33 anos. Portuguesa, trabalhadora.

encontrei o R no dia do meu aniversário em junho, depois de me dar os parabéns me perguntou se eu tinha continuado a respigar porque não me via nos caixotes há muito tempo. Respondi que tinha muitas coisas para fazer e não encontrava o tempo para respigar, chegava em casa sempre cansada e não dava. Falou que as coisas têm melhorado num dado supermercado do Rossio, que agora há sempre muita comida e que deveria ir lá um dia.

Outra característica importante para considerar é que estes espaços não são fixos no tempo. É bastante comum que tenham oscilação entre ter muita comida boa e não ter quase nada, e também alguns podem mudar na forma de gerir o lixo e então deixarem de ser lugares interessantes para os respigadores. Neste caso resulta fundamental a comunicação através de chat de WhatsApp na qual são escritas notícias pelos integrantes em cada ocasião em que mudam as condições de gestão dos resíduos nos pontos habituais de coleta.

A imagem aqui reportada (Figura 7) é um desenho que realizei depois de umas das muitas saídas ao lixo, queria representar qual era o itinerário habitual meu e de vários respigadores. Os supermercados ficam todos na mesma área e é fácil caminhar entre um ponto e o outro. Também as horas em que fecham ajudam a criar uma ordem, partindo do ponto evidenciado na esquerda (loja que fecha às 20:30) passado depois para o ponto do centro (21:30) para terminar no último lixo (22:15). A maioria dos coletores vai a pé fazer o roteiro, outros com bicicleta equipada para transportar pesos e outros até com carro. Normalmente estes últimos conseguem-se deslocar também e outras zonas da cidade e apanhar uma quantidade maior de comida.

As informações sobre os lugares da respiga em Lisboa foram recentemente recolhidas num mapa virtual ao qual têm acesso as pessoas do grupo Facebook<sup>63</sup>. É um mapa interativo, onde cada pessoa pode adicionar novos pontos com as informações (horários e qualidade da comida) baseado no mais conhecido site ([www.dumpstermap.org](http://www.dumpstermap.org)) mas no qual as informações parecem estar desatualizadas.

Segundo os entrevistados, cada supermercado deve ter um lixo cheio de alimentos comestíveis. O problema é que a maioria das empresas comerciais guardam os caixotes na propriedade privada onde as pessoas não podem entrar. Esta ideia é suportada por histórias que são contadas, sobre pessoas que conseguiram ultrapassar a vedação e aceder aos grandes caixotes de supermercados

---

<sup>63</sup> Quem criou o mapa pediu explicitamente aos integrantes do grupo para não divulgarem maiormente as notícias sobre estes lugares. O link do mapa não é reportado por esta razão.

maiores. Tudo isso contribui a criar o imaginário da existência de um “el dorado” do lixo que, infelizmente para os respigadores, não é atingível.

Quando as lojas deixam os caixotes fora e ainda mais a comida bem separada do resto do lixo, os trabalhadores são considerados como cooperantes no objetivo dos respigadores e vistos de maneira positiva. Pelo contrário, em outros supermercados, através da análise da disposição dos alimentos no caixote, é possível identificar a intenção dos gerentes/trabalhadores da loja de desencorajar a apanha. Entre os lugares que se tornaram os melhores para respigar, o mais popular era uma loja na Av. 5 de Outubro que, segundo alguns testemunhos, chegou a ter até 20 pessoas esperando o lixo no horário de encerramento. A combinação de vários fatores como o horário (21:15), a boa qualidade da comida, o fato dos empregados serem amigáveis e praticamente entregarem um saco com os alimentos aproveitáveis diretamente nas mãos dos respigadores, fizeram como que aquele lugar se tornasse tão conhecido. Também para considerar a vizinhança com a FCSH da Universidade Nova de Lisboa na Av. da Berna que tornava o sítio muito convenientes para os estudantes de mestrado que terminavam as aulas às 21:00h (como eu ou o J).

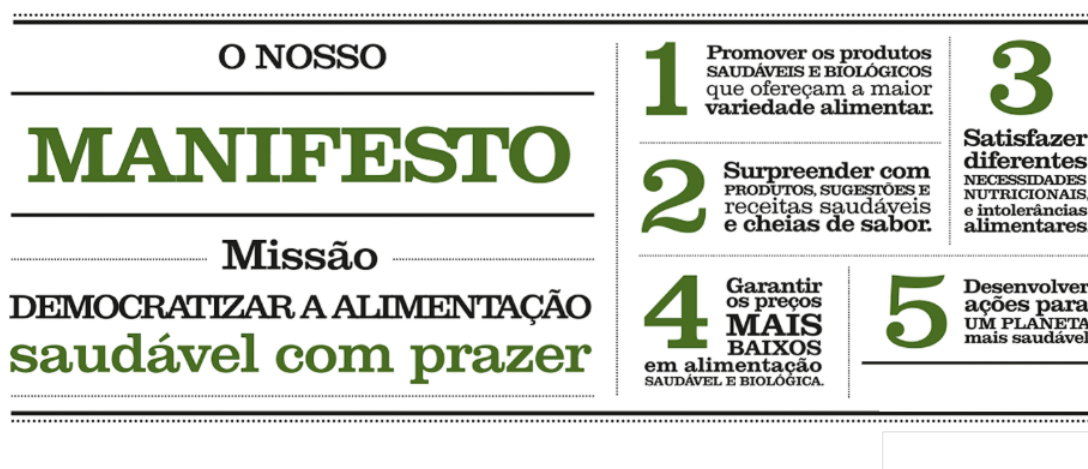


Figura 8: “Objetivos no website da loja biológica, sítio de respiga.”

O ponto 5 (Figura 8) de “Desenvolver ações para um Planeta mais saudável” não encontra confirmação na realidade que os respigadores desvelam e contribui na criação da ideia de que a retórica construída pela loja e baseada no respeito do ambiente é simplesmente uma estratégia de marketing.

O fato da loja se ter tornado tão popular teve efeitos negativos na experiência dos respigadores que começaram a ver como os empregados da loja tomavam iniciativas para desencorajar a respiga. Uma das técnicas adotadas foi começar a colocar os caixotes fora na última hora antes dos

empregados ir embora e mudar assim o horário da respiga para as 22:30, muito menos confortável para quem quisesse ir lá recuperar comida. Ou uma estratégia adotada em outra loja da mesma cadeia começou a atrasar a saída do lixo de um dia com a mesma intenção:

“Essa coisa de colocar os caixotes fora um dia depois para que a gente encontre só comida podre não faz sentido, as pessoas tipo eu e tu que vamos lá para apanhar lixo, não somos potenciais clientes. Ou seja, em qualquer caso não entraríamos aí para comprar comida então porque não deixar que seja aproveitada?” (X, m, 22)<sup>64</sup>

O declarado empenho da loja em desenvolver ações para um planeta mais saudável está em clara contradição com a prática de desperdiçar comida e até mais fazer que seja mais difícil para quem apanha a comida continuar a realizar essa ação. Entra perfeitamente na reflexão citada no primeiro capítulo acerca do “green-capitalism” (Wallis 2009) contestado pelos Freegans nos discursos “Waving the Banana”.

Mesmo sem a explícita intenção de criticar este tipo de lógica económica, os respigadores rendem visível uma realidade que sem a ação deles ficaria escondida. Evidenciam que há comida lá onde a maioria das pessoas só vê lixo e passa desinteressada. O que resulta claro é uma intenção das lojas de manterem o que Goffman (1959), através da analogia com a dramaturgia chamaria de máscara, de performance acerca da imagem social percebida que é diferente da realidade. O declarado empenho em desenvolver ações para um planeta mais saudável está em clara contradição com a prática de desperdiçar comida e até mais fazer que seja mais difícil para quem apanha a comida continuar a realizar essa ação. O que é interessante para considerar, em última análise, é que ao contrário de quem participava e se identificava com o movimento Freegan, as lojas com comida abundante no lixo não são consideradas negativamente pelos respigadores de Lisboa. Nunca aconteceu que alguém fizesse uma denúncia pública de que tal loja estava desperdiçando. Os lugares da respiga, em vez de serem o símbolo do capitalismo para destruir, constituem preciosas fontes de alimentação genuína e gratuita. Mais do que as lojas presentes nas etnografias sobre o movimento Freegans parecem ser as fontes de comida que aparecem nos estudos antropológicos sobre as populações de caçadores coletores (Hawks et al. 2002).

---

<sup>64</sup> X, mulher, 22 anos. Portuguesa, estudante.

### 2.2.2 “Comida do lixo é comida de luxo”



Figura 8: “Natureza ‘quase’ morta”  
Foto minha, Lisboa

“No lixo do supermercado na Estefânia havia legumes em perfeito estado, nem estavam ligeiramente tocados e nem sei porque acabavam no lixo. Eu teria comprado aquilo no supermercado. Às vezes essa comida em perfeito estado acaba no lixo por outras razões. Esta é uma coisa que eu não consigo explicar.” (R, h, 33)

“Nunca comi tão bem como desde quando comecei a respigar, é bué engraçado isto. Comida de luxo mesmo, biológica e de uma qualidade que eu jamais poderia comprar.” (A, h, 26)

A comida é o elemento central na atividade dos respigadores urbanos. A atividade central dos coletores é selecionar o que foi colocado literalmente e simbolicamente na categoria de lixo para o resgatar e introduzir na dieta pessoal.

Como já escrito no primeiro capítulo e testemunhado dos dados estatísticos da FAO, existe desperdício alimentar em todas as fases da cadeia alimentar. Nessa dissertação o fenómeno analisado tem a ver com a comida descartada na fase da distribuição. Os mercados e supermercados tiram comida no lixo por diferentes razões: por ter ultrapassado a data de validade, por ter defeitos estéticos (os legumes e a fruta com defeitos de tamanho são normalmente descartados logo depois da colheita), por defeitos na embalagem, ou por exigência de renovar a oferta (Stuart 2009; Pires

2012). Em muitos casos as razões não tem a ver com a real impossibilidade de ingerir o dado alimento, como bem demonstrado pelas pessoas que efetuam essa atividade, a comida tirada no lixo é em muitos casos ainda comestível não obstante ter passado a data de validade. O que perdeu é a possibilidade de ser vendida, de ter um valor económico. Exatamente por essa razão a comida é o que o sociólogo americano Barnard, o que mais estudou o movimento Freegan, chama de “ex-commodity” ou seja ex-mercadorias (Barnard 2016:192). É quando uma comida é descartada pelo sistema que se torna ex-mercadoria, constituindo um problema ambiental seja porque as energias utilizadas na produção e no transporte são desperdiçadas com o alimento, ora seja porque contribui à presença de material orgânico na lixeira e assim a emissão de mais gás durante a decomposição. Os alimentos, tendo perdido o valor económico são descartados, mas através da ação dos respigadores re-adquirem significados e continuam a possuir valor alimentar e valor de troca. Aproveitar desta comida significa incorporar a energia que já foi utilizada na produção e no transporte e impedir a poluição que derivaria do seu processamento na lixeira. A comida respigada ou salvada, termo que muitos utilizam, leva consigo valores particulares para quem participa da colheita. É sim comida gratuita, mas também é comida com uma história particular, no centro de um sistema complexo de significados. A propósito do valor de troca dos alimentos provenientes do lixo, constitui um exemplo particular o caso do M que fala de como já usou a comida respigada para trocar com bebidas ou refeições em diferentes bares e estabelecimentos comerciais da vida noturna de Lisboa:

“Quando vou em algum lado, não tenho dinheiro e quero beber algo troco as bebidas por comida. Já troquei saladas por refeições no Disgraça, troquei pão por vinho no Desterro, queijos por bebidas num bar do Bairro Alto, foi uma vez que eu apanhei mais de 30 queijos diferentes no lixo, vinham da França e da Itália.” (M, h, 32)

Nem toda a comida aproveitável é apanhada durante a colheita. Não é incomum que sejam deixadas coisas porque os coletores não tem mais espaço nas suas mochilas ou porque sabem que não precisam e querem evitar que seja desperdiçada em casa. Vários entre os entrevistados falam de como no princípio a descoberta da quantidade de comida de graça que podiam apanhar levava eles a recolherem demasiados alimentos: “Uma das primeiras vezes apanhei muitos quilos de cereais, quinoa e legumes, tudo biológico. Mas foi a maior quantidade de coisas que levei para casa, depois comecei a apanhar menos coisas, é no início que pode acontecer que estás viciado. Havia muita



comida, eu gosto de comer muito e respigava bué. As vezes a comida estragava-se lá em casa.” (R, h, 33)

A abundância de comida presente no lixo pode inicialmente determinar a vontade de acumulação. Mesmo assim não é inusual que seja comunicado através dos canais digitais a presença de muita comida num determinado lugar, às vezes com acompanhamento de uma foto. A parte visual é muito determinante em chamar a atenção de alguém que lê e se pode ativar para ir apanhar os alimentos.

Do diário de campo 08/11/2018:

“Com a D. decidimos de continuar a respiga para o mercado em Av. Duque de Ávila. Chegámos, abrimos o caixote e encontramos uma montanha de confeições de galletes de arroz. Eu apanho 5 pacotes, que já eram muitos, ela apanha outros 3 mas continua sobrando um saco cheio. Decidimos assim de tirar uma foto e de fazer um post no grupo Facebook para que alguém possa vir buscar” (Figura 9).



Commenti: 2

Figura 9: “Sharing is caring”

Como eu, as pessoas a enviar fotos e comunicar a abundância dos caixotes aumentaram e começaram a enviar fotos especialmente no grupo de mensagens Whatsapp. O costume de partilhar entre os grupos digitais demonstra uma intenção que a comida seja “salvada” do triste destino do lixo.

Os objetos recolhidos não passam diretamente do status de lixo para aquele de comida só saindo do saco preto nos quais foram colocados. Assim como os seres humanos, os alimentos dentro do quadro da respiga passam por momentos que poderiam corresponder às 3 fases do ritual teorizadas inicialmente pelo antropólogo Van Gennap: separação, liminaridade, incorporação (Van Gennap 1977 [1909]:21).

Na primeira fase (Figura 10) a comida é selecionada e então separada do lixo geral, sai assim fisicamente do caixote. Sucessivamente, quando é colocada no chão da calçada (Figura 11), à espera de ser partilhada entre os participantes, é quando está na fase liminal na qual não é nem mais lixo nem já comida. Para voltar a ser comida precisa ser incorporada no sistema alimentar e talvez passar por processos ulteriores, esta é a fase mais longa e talvez difícil de ultrapassar para o objeto. Uma vez em casa os alimentos são observados com uma luz melhor que pode determinar a confirmação da comestibilidade e a inclusão na refeição, como pode levar a notar detalhes que tornam a comida não comestível (mofo, partes demasiado maduras) ou no terceiro caso pode ser sujeita a processamento, como a lavagem com vinagre, para que seja desinfetada (Figura 12). A comida proveniente do caixote então adquire o valor pleno de alimento comestível só quando é cozinhada ou colocada fisicamente ao lado de outra comida “não contaminada”. O mesmo alimento, que provém do lixo e que seria geralmente considerado não idóneo para o consumo, é assim reintegrado perfeitamente na dieta de um coletor urbano. Tudo sempre mediado das atitudes individuais em julgar o “podre” e o que pode entrar ou não no próprio sistema regulado pelas ideias de “pureza e perigo” (Douglas 1966).

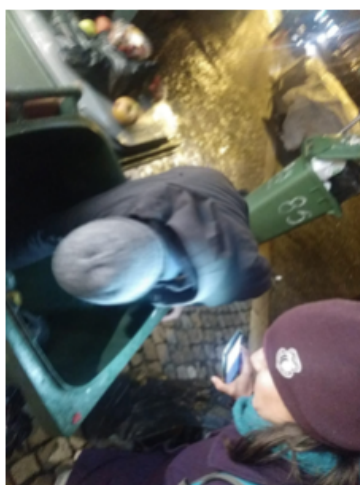


Figura 10  
“Separação”



Figura 11  
“Liminaridade”



Figura 12

“Um dia me lembro de ter apanhado 12kg de comida, andei a pé uma hora para casa quando normalmente leva a metade do tempo. Me lembro que cheguei em casa e encontrei bichos na comida então tive que tirar fora algumas coisas que tinha trazido”. (R, h, 33).

Com algumas das comidas, especialmente de origem vegetal, aconteceu a mim e a outros respigadores de julgar erroneamente o período de comestibilidade que normalmente é sempre curto, Como por exemplo o pão respigado (Figura 13) que ficou só um dia e meio em casa antes que aparecesse o mofo e infelizmente voltou de onde foi apanhado: no lixo. Mas o sentimento de tirar comida que provém do lixo é diferente do que tirar comida comprada, o que me dizia era “pelo menos tentei” e o fato de não ter gastado dinheiro por aquilo ajudava em mitigar o sentimento de culpa.



Figura 13: “Uma história triste”

É através da prática que se afinam as capacidades de decisão sobre o que levar e o que deixar não só por uma questão de quantidade mas também de qualidade.

“É fundamental ter um pouco de conhecimento dos alimentos. saber quando é que algo está bom e quando não. O próprio cheiro às vezes diz. [...] Acho que o bom senso é importante. Há certos alimentos, tipo os vegetais, que podes achar que não estão bons e podes lavar com vinagre.” (M, h, 32)

Cada alimento tem as suas características em relação à qualidade e ao tempo. As comidas que são em pacotes onde está indicada a data de validade são sujeitas a interpretações diferentes. Como Pires bem explica (2012:60) os prazos de validade são regulados por leis iguais no território europeu. O que significa que é imposta uma legislação independentemente das condições ambientais do país em questão, onde por exemplo a variabilidade das temperaturas pode influenciar as condições da comida. A distinção entre as datas “best before” que aconselham o melhor período para consumir um alimento e as “use by” que sinalizam o prazo além do qual o alimento não é mais comestível, podem criar confusão nos consumidores que colocam no lixo comida ainda perfeitamente aproveitável. A proposta da Pires seria de remover totalmente a data para os alimentos que não

constituem um risco pela saúde. Analisando o comportamento dos coletores urbanos é evidente como também as datas “use by”, que deveriam ser respeitadas com máximo rigor, constituem um dos vários elementos valorados em julgar uma comida aproveitável ou não.

“Já sei por minha experiência se as coisas são boas ou não, por exemplo coisas como arroz ou azeite nunca estragam. Até iogurtes, comi e estavam bons depois de duas semanas da data de validade.” (X, m, 22)

O que realmente constitui a base da decisão dos Freegans como dos respigadores é a experiência sensorial. Primeiro o olhar, depois o tacto, o cheiro e o gosto são invocados como sentidos essenciais em estabelecer se algo é “ainda comida” ou se é lixo. Os elementos orgânicos passam gradualmente de estado material e não de um dia para o outro como as datas indicariam, é assim que a sensibilidade material é ativada para poder reconhecer em qual fase a comida se encontra. A data resulta então ser um dispositivo utilizado pela regulamentação institucionalizada do risco e uma maneira para “Redistribute responsibility [...] away from the consumer and their capacity to assess the safety of food through direct sensory engagement.” (Watson and Meah 2013:111).

Como escrito no princípio deste sub-capítulo a comida que passa a data de validade não é mais vendível e perde assim o seu valor económico de mercado. Através da análise sensorial, os atores protagonistas desta pesquisa, conseguem reconsiderar o valor alimentar do mesmo alimento.

A comida ao centro da ação dos respigadores também é elemento ativo em determinar a dieta de quem a encontra: “Some of this food I didn’t even eat it before, now I only eat it because I find it in the dumpster” (N, h, 27). As dietas pessoais de cada coletor são em parte influenciadas da comida que encontra no caixote, o ator continua a manter o poder de decisão em apanhar algo ou deixar. A comida tem então uma verdadeira agência nas pessoas que participam a respiga e não o contrário como poderia acontecer no processo normal de compras num supermercado. A respiga certamente ajuda a desafiar e expandir as próprias fronteiras alimentares, o elemento de novidade é vivido positivamente como uma ocasião de aprendizagem. O “fator surpresa” da respiga é avaliado positivamente pela maioria dos participantes que consideram divertida a contínua incógnita do que encontrarão:

“Te debes também engenhar ao nível gastronómico culinário. Deves inventar, não é que dizes está bem hoje quero fazer risotto com abóbora. Não, hoje encontrei abóbora e então faço risotto. Inventas em base às coisas que encontras. Inventas algo e depois entendes mais ou menos como cozinhar as coisas. Também está fixe com o R quando se encontra algo perguntar como cozinha

isso. Estimula muito a criatividade. Deveria ser a coisa mais natural para fazer, saber como usar as plantas” (A, h, 26).

Especialmente nas lojas biológicas é possível encontrar vegetais incógnitos aos mais, me aconteceu pessoalmente de respigar um saco cheio de umas estranhas cenouras branca que descobri ser pastinaga<sup>65</sup>. Ou como a V que conta: “Encontrei farinha de lentilhas que eu nunca tinha visto antes, e outras coisas assim também. Fruta e legumes que não conhecia, tipo aquele que é como um brócolo todo geométrico. [...] Perguntei para todas as pessoas o que era, como se cozinhava e como poderia ser tão psiquedelico<sup>66</sup>!” (V, m, 28).

“A coisa linda é que eu descobri muitos novos alimentos. Por exemplo a primeira vez que encontrei a couve chinesa (pak choi) tive que pesquisar no Google o que era aquilo e o que podia fazer com ele. Também o quark que encontro muitas vezes eu ainda não entendi o que é!” (A, m, 33).

Cada alimento tem as suas características, aqui um breve elenco dos diferentes elementos que se podem encontrar durante a respiga. A variedade é extrema e potencialmente é possível embater-se em qualquer tipo de alimento.

- Pão

O pão é o rei da respiga (Figura 14). Constitui seguramente o alimento mais desperdiçado pelas lojas que, não vendendo o no dia, são constrangidas a tirá-lo para fazer espaço para o pão fresco no dia seguinte. É também um alimento que não tem pacote a indicar a data de validade, na maioria dos casos está ainda em perfeitas condições. Nos supermercados biológicos este alimento é de ótima qualidade e de



Figura 14: “Pão diário”

---

<sup>65</sup> “Gênero de plantas umbelíferas, de flores amarelas reunidas em umbelas e raiz comestível, branca e carnosa. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/pastinaga> acedido em 29/08/2019.

<sup>66</sup> Provavelmente faz referencia à “Couve Romanesca: Variedade de couve, de inflorescência comestível e mais ou menos carnuda, semelhante à couve-flor, mas com um padrão mais geométrico. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/couve-romanesca> acedido em 29/08/2019.



diferentes farinhas que são preferidas ao “simples” pão branco. Sendo um elemento tão abundante em alguns dos caixotes, quase nunca chega a ser apanhado na sua totalidade. Os habituais da respiga normalmente já têm o congelador cheio e só apanham o que estão seguros de consumir nos dias seguintes.

Na maioria dos casos uma parte do saco do pão vai de volta para o caixote mesmo se estiver em ótimas condições.

- Iogurtes

“As datas de validade são relativas. Por exemplo com os iogurtes eu abro e se estar bom como se não tiro. É fácil” (E, m, 33).

Depois do pão, os iogurtes talvez constituem a segundo alimento mais encontrável no lixo. Os curtos prazos de validade e a certeza, já consolidada através da experiência, de que não constituem um perigo para a saúde fazem deste alimento parte característica da colheita da respiga. Especialmente quando são biológicos, a alta qualidade determina que sejam um produto muito apreciado entre os coletores urbanos.

A quantidade de iogurtes no lixo é variável mas não foi inusual encontrar muitos todos juntos, tantos para dever partilhar com os amigos para evitar que voltassem para o lixo. Do Diário de campo 16/01/2019: “Apanhei 24 Iogurtes biológicos no lixo da loja no Rossio. Éramos 5 pessoas a fazer a respiga hoje e todas foram embora com imensa comida.” (Figura 15)



Figura 15: “Yougurt feast”

- Legumes e fruta

Legumes e fruta não têm uma data limite de consumo na maioria dos casos não vêm em pacotes e a decisão da loja de tirar ou não um alimento desse tipo é tomada com base nas características estéticas e do seu amadurecimento (Figura 16). Porque se têm defeitos estéticos ou partes mais maduras acabam por ser atiradas no lixo. No lugar mais frequentado os legumes e a fruta são colocados todos num único saco preto atirado no caixote. Do peso do saco e mexendo desde fora é possível identificá-lo. É assim colocado no chão, aberto e o seu conteúdo examinado atentamente. Importante é a consideração de poder eliminar a parte de uma fruta ou de um legume se estiver danificado, sem dever necessariamente atirar para o lixo o alimento inteiro. Vi abóboras voltarem à vida uma vez cortado o estrato superficial mais suave e quase ao ponto de apodrecimento, maçãs com marcas superficiais serem levadas para casa mas também alimentos que não tinham nenhuma aparente razão para estarem no lixo. Os legumes que pelo contrário são encontrados dentro do caixote, sem serem protegidos no saco, despertam ideias de “perigo” maior com a consequente ativação de dispositivos para podê-los inserir novamente no sistema alimentar. Um dia pela primeira vez eu e a minha colega de casa, engenheira biomédica muito atenta aos aspetos da segurança alimentar, apanhámos dois brócolos no caixote de um supermercado na Av. da Republica. O fator problemático nesse caso foi reconhecido no fato de ter encontrado os legumes não dentro do saco preto mas estarem em contato direto com a parede do caixote. Esse constitui um caso de perigosidade de contaminação porque se a comida em si é ainda comestível, o contato com o caixote pode comprometer os alimentos e o consequente resgate deles. Como uma boa cientista, uma vez em casa, a Laura começou a pesquisar na internet as maneiras de tornar comestíveis aqueles brócolos, conhecemos as qualidades anti-sépticas do vinagre e a possibilidade de cozer a uma temperatura de 121° por pelo menos 3 minutos anula o risco de contaminação. Fortes desses conhecimentos lavámos os brócolos com vinagre, cozinhamo-los para que fizessem parte do nosso jantar.



Figura 16 “Despertar dos sentidos”

O que pode acontecer com a fruta é que esteja no ponto máximo de maturação, por isso para evitar que fique podre rapidamente em casa quase todos aconselham a técnica de fazer batidos e guardar congelados até o dia em que serão consumidos.

- Carne e peixe.

Entre os alimentos mais caros encontráveis no lixo, também dão ocasião a abrir reflexões muito interessantes sobre o status especial que a comida de origem animal tem em relação a outros alimentos. Há bastantes veganos e vegetarianos a participar da respiga, mas também há onívoros e o interessante caso das pessoas que normalmente não compram carne mas se encontram no lixo decidem de apanhá-la:

“Eu normalmente não compro carne mas não sou vegetariano. No ano passado a única carne ou peixe que eu comia vinha do lixo. Mas era boa porque estava ainda fria do frigorífico, claro que quando cheirava mal eu não a comia. Encontrávamos muita carne na verdade, também essa carne do lixo era muito melhor da carne que eu poderia me permitir de comprar num supermercado normal”. (J, h, 25)

Assim como o A: “Então te estava a dizer que lá no mercado em Av. Duque de Ávila um dia abrimos com a chave [às vezes o caixote está fechado com cadeado mas a chave é uma chave universal que se pode comprar em lojas de ferramentas]: encontrámos 100€ de carne. (Eu: E tu a comes? És onívoro?) A: Tinha reduzido mas desde quando comecei a reciclar como” (A, h, 26).



Figura 17: "O frango sacrificado"



O A aqui aqui refere-se a um determinado supermercado que muitas vezes atira carne de ótima qualidade, especialmente frango e peru criado segundo as regulamentações da agricultura biológica. Este tipo de produto é de primeira qualidade mas acaba por ter um custo muito elevado à venda (Figura 17). O resultado é que muito acaba no lixo e quando as condições o permitem é pegado pelos respigadores que, ainda mais do que com alimentos de origem vegetal, examinam esse alimento com prudência devido ao maior risco de contaminação e de “perigo”.

A presença de comida de origem animal no lixo, além de evidenciar um desperdício ainda mais impactante devido aos maiores recursos que precisa na fase da produção em comparação às comidas de origem vegetal (Pires 2012), levanta também questionamentos éticos. Se alguns respigadores que normalmente não compram carne, chegam a incluir na dieta a que provém do lixo significa que o fato de estar no caixote confere àquele alimento uma qualidade que, de maneira quase paradoxal, determina o acesso à dieta deles. Poder evitar o desperdício da morte do animal parece um fator determinante para o M: “Não quero consumir porque não quero dar dinheiro para esse tipo de indústria mas quando a comida vai ser atirada quase prefiro comer carne. Porque assim não se desperdiça o sacrifício da vida desse animal que já morreu” (M, h, 32).

Uma realidade parecida está documentada na etnografia da antropóloga italiana Giovanna Capponi entre os *skippers* (respigadores das “ocupas”) na cidade de Londres.

No artigo “Chaos in the streets order in the kitchens” (2014) a antropóloga italiana escreve sobre o trabalho de campo dela efetuado durante o ano 2012 em quatro diferentes realidades de ocupação em Londres (Capponi 2014). O foco da pesquisa é a relação entre as pessoas do “squat” com a comida e a prática do “skipping” (palavra usada para definir a respiga). Numa passagem ela refere do relativismo das escolhas alimentares e das dietas no momento em que as pessoas veganas ou vegetarianas se encontram a relacionar-se com comida a que provém do lixo. Com uma interessante aplicação do triângulo culinário do Lévi-Strauss (1966), ela interpreta a qualidade da comida do lixo como correspondente à pútrida mas por isso interpretada pelos *squatters* como livre dos valores negativos gerados do mercado capitalista e numa condição apropriada por ser consumida (Capponi 2014:9). Os preceitos do veganismo e do vegetarianismo usados para criticar um determinado sistema de produção resultam serem mais flexíveis no caso da comida provenientes do “skipping” e então inserida num sistema de valores diferentes.

“Oh, look what I found! Shortbread! I love shortbread! I don’t usually eat it because of the vegan shit, but when it comes to skipped food, I just have it (Lotta, Library Street).” (ivi:10)

- Outros

Entre os outros alimentos podem ser encontrados pacotes das mais variadas coisas: arroz, massa, cereais, bolachas, batatas fritas e garrafas de azeite são caracterizados pelo fato de serem percebidos como bons e alimentos que “nunca estragam”. Vários tipos de fruta seca são muito apreciados pelos respigadores, especialmente para quem é vegano e vegetariano. Às vezes a impossibilidade de decidir quem fica com um saquinho de frutos secos leva a abrir no sítio e dividir de forma igualitária o conteúdo entre os respigadores presentes. Os veganos e vegetarianos também afirmam gostar muito quando encontram nos caixotes das lojas biológicas comidas substitutas da carne, como o tofu e o seitan. Caso interessante foi quando encontramos muitas garrafas de cerveja biológica alemã (Figura 17), e no mesmo dia muitas massas para pizza. A ocasião fez com que organizássemos uma festa em casa para poder consumir o que encontramos. Foi a demonstração de como a comida, e a bebida também nesse caso, teve a agência de determinar que nascesse uma ocasião social de partilha e diversão. Tudo partindo do que seria normalmente o descarte, o que não tem mais valor.



Figura 18: “A festa improvisada”

A comida do lixo não constitui a única fonte de alimentação dos respigadores. Mesmo se muitos declaram que se tivessem tempo para respigar cada dia com muita probabilidade não precisariam mais de comprar nada, existem alguns alimentos que são adquiridos de forma convencional através

das compras nos mercados. Esses alimentos normalmente são os que acompanham o que é encontrado no lixo como massa, arroz e frutos secos. Os respigadores afirmam não fazerem compras nos supermercados onde vão respigar:

“Eu nunca poderia ir comprar nos supermercados onde respigamos, aquilo é muito caro e o meu salário terminaria numa semana!” (X, m, 27)

“Os alimentos que não encontro no lixo eu compro, tento sempre de comprar coisas biológica e saudável. Vou numa loja perto de casa, em Oeiras, onde é tudo mais barato do que aqui.” (M, h, 32)

Nenhum dos entrevistados afirmou de ter ficado doente por ter comido coisas provenientes do lixo. Eles demonstram com a experiência como o tabu baseado na higiene poderia ter sentido na teoria porque sim consomem comida proveniente de um contexto de mais risco mas a boa qualidade dos alimentos e os dispositivos e estratégias postos em ação durante a seleção, preparação e consumo os tornam perfeitamente comestíveis.

Também é de observar, como foi dito antes, que a respiga em Lisboa funciona tão bem porque os alimentos, em alguns supermercados biológicos, são jogadas fora de uma forma que não muda a condição da comida.<sup>67</sup>

À minha pergunta se já ficou doente comendo alimentos provenientes do lixo o J responde ironicamente: “Gostava imenso dos iogurtes que tinham doce de amora no fundo. Eu comia mesmo muitos daqueles, uma vez fiquei um pouco doente porque comi demasiado. Não porque o iogurte estava estragado nem nada mas porque comi um litro mesmo!” (J, h, 25)

Para concluir é um fato objetivo que a qualidade e a condição da comida presente em alguns caixotes do lixo de supermercado em Lisboa determina até um melhoramento na qualidade da dieta de muitos respigadores que são estudantes ou jovens trabalhadores. Eles teoricamente poderiam comprar comida sim, mas nunca da mesma qualidade e talvez também não na quantidade que conseguem obter efetuando a respiga. Tudo resumindo nas palavras que o R me fala enquanto sorria:

“Sempre comento com os meus amigos que nunca comi tão bem como desde quando comecei a respigar, é bué engraçado. Comida bué de luxo, biológica e muito saborosa. Antes se quisesse comprar não teria dinheiro para isso.” (R, h, 33)

---

<sup>67</sup> Num saco preto onde só há comida ou só há pão. As coisas não são misturadas com outros tipos de lixo nem entram em contato com as paredes dos caixotes.

### 2.2.3 Respiga como identidade e respiga como necessidade

“Eu por exemplo poderia bem pagar 200€ por mês de comida como sempre fazia antes. Porque agora não faço mais? Porque verdadeiramente não consigo mais ir ao supermercado sabendo que há todo aquele lixo, que comprando de forma normal eu seria parte desse sistema, seria um cúmplice.” (A, h, 25)

“Estava ao caixote perto de casa, éramos eu e uma rapariga francesa que nunca tinha visto antes. Em um ponto chegou o Thomas [tocamos no mesmo grupo musical], me reconhecem e me cumprimentou. Eu me dei conta que ele não estava confortável com aquela situação, vi ele confuso a me encontrar com a cabeça literalmente dentro do caixote. Sinto então a necessidade de explicar o tema de pesquisa da minha dissertação e o fato que somos várias pessoas a fazer aquilo e se ele um dia quiser poderia se unir na procura. Vi que o olhar dele mudou, começou a ter uma expressão não mais de confusão mas de curiosidade.”

(Do diário de campo: 11/12/2018)

É importante propor uma reflexão acerca das interações dos respigadores, que coincidem com a descrição até agora apresentada, com outros indivíduos que procuram comida nos mesmos sítios. Como normalmente somos levados a pensar, quem come alimentos provenientes lixo são as pessoas sem abrigo ou que estão numa situação económica que determina um estado de insegurança alimentar. Também se teoricamente resultaria superficial traçar uma linha clara entre os dois grupos, na realidade de Lisboa é bastante fácil reconhecer quem são os jovens, estudantes ou trabalhadores, da respiga e quem são as pessoas, geralmente mais velhas, que aparecem porque movidas pelas dificuldades em ter acesso à comida de forma convencional. O lixo dos supermercados representa um espaço de encontro e interação destas duas realidades diferentes, quem pratica a respiga pelas razões sobre elencadas e quem faz sim a respiga mas com a motivação única de encontrar alimentos para consumir. Estes últimos, numa linha temporal, provavelmente foram os primeiros a descobrir os lugares da respiga, a demonstrar a presença de alimentos comestíveis no lixo, seguidos só sucessivamente de quem carrega esta ação com outras motivações.

A ideia de que quem procura comida no lixo são pessoas em dificuldade financeiras é clara também pelas experiências dos respigadores em relação às pessoas externas. “Já apareceram pessoas que ofereceram dinheiro para nós, pensando que precisávamos de dinheiro:

“Uma vez apareceu um rapaz que ofereceu um pedacinho pequeno de chocolate. Eu disse que não precisava de dinheiro. Foi um pouco um choque pensar que eu tinha o aspeto de alguém que precisava de dinheiro, mas é a prática que influencia esta visão” (E, m, 32).

Parte da vontade dos respigadores está em mostrar a boa qualidade da comida e então abrir os olhos para quem acha que eles comem verdadeiro lixo; querem sublinhar mais isso do que a urgência de denunciar o desperdício alimentar produzido do sistema capitalista como fariam os Freegans. Como o trabalho no terreno evidenciou, a quantidade de comida em perfeitas condições deitada no lixo cada dia é enorme e ir buscar coisas no caixote não determina o fato das pessoas comerem alimentos apodrecidos ou necessariamente perigosos para a saúde. Sendo esta característica desconhecida pela maioria das pessoas, o preconceito continua a estar presente e a influenciar negativamente o olhar sobre esta prática impedindo que ainda mais pessoas comecem a fazê-la. Como evidenciam as palavras de alguns dos respigadores entrevistados como E que fala sobre um homem, que conheceu na Islândia, que estava muito interessado na atividade de respiga que ela e o namorado faziam mas “ele disse que não podia vir conosco porque trabalhava na embaixada e podia ser difícil por causa dessa sua posição” (E, m, 32). Ou como o R que falou que parou de respigar nas duas semanas de treino no novo trabalho, antes de assinar o contrato, por medo que alguém da empresa pudesse vê-lo e influenciar negativamente a sua reputação. Este fato de que no imaginário comum quem mexe no lixo é pobre e em dificuldade é interpretado pelos respigadores de Lisboa como um preconceito que precisa de ser ultrapassado. Eu própria quando comecei a respigar sentia o olhar dos passantes que me julgavam enquanto mexia no caixote, só com o tempo aprendi a não me importar com isso.

De alguma forma é possível afirmar que o dumpster diving será uma apropriação de uma prática típica, e estratégia de sobrevivência, de um outro estrato social: “Who ‘gets’ to reuse as an aspect of identity or who ‘has’ to in order to survive tells us a lot about our social hierarchy.” (ErnstFriedman 2012:38).

Apanhar comida do lixo constitui uma escolha voluntária, mas não é possível e resultaria superficial traçar uma divisão clara entre quem respiga por necessidade e quem por vontade pessoal. No caso de Lisboa aparece mais claro por causa da jovem idade dos respigadores em comparação aos outros

indivíduos que geralmente são mais velhos. A interação entre os respigadores e as outras pessoas com quem compartilham o espaço de colheita é na maioria dos casos pacífica e tranquila. A importância de individualizar essas pessoas é determinante para a ativação do costume usual que consiste em deixar que eles escolham primeiro e apanharem os alimentos dos quais precisam. A regra da partilha igualitária é temporariamente suspensa na presença de uma pessoa percebida como alguém que faz aquilo porque não teria a possibilidade de comprar comida. Nos inúmeros casos onde observei esta interação notei um imediato reconhecimento pelos respigadores e o nascimento de ofertas de comida nas duas direções. Não só os respigadores a perguntar aos outros indivíduos se queriam apanhar um determinado alimento, mas também o contrário, estes últimos a oferecer o que não queriam para os respigadores: “São as 22:15. Saem os caixotes do lixo finalmente. Estão à espera mais duas pessoas adultas evidentemente em situação de necessidade. Acabam por apanhar quase tudo mas são gentis em oferecer de partilhar o que eles não querem” (Diário de campo: 12/12/2018).

A interação social sobre a qual escrevi no principio deste capítulo também envolve estas outras pessoas que conversam, trocam ideias acerca da comestibilidade da comida, receitas e até conselhos dos lugares de respiga. A partilha de comida então determina a ocasião para o nascimento de uma interação e de uma partilha de ideias que normalmente não aconteceria. A reflexão que surgiu desta situação levou para uma constatação da quase inexistência de contato entre as duas realidades que estariam distintas e separadas fora da dimensão da respiga, e como a colheita urbana é uma ocasião de socialização para quem normalmente é ignorado e “descartado” pela sociedade.

Há também quem escolha ir mais em momentos da vida onde seria melhor poupar mais dinheiro. Em vários casos, eu própria e também alguns dos respigadores, afirmaram ter recorrido à prática da respiga mais em momentos nos quais tinham menor disponibilidade económica ou estavam a viajar em países onde comprar comida era mais caro. Nem todos que escolhem fazer a respiga são habituais, às vezes a colheita de produtos descartados constitui um dispositivo que é ativado ou desativado: “Preciso ir para o lixo porque terminei o dinheiro desse mês” (F, h, 29)<sup>68</sup>. A respiga é interpretável como um dispositivo que pode ser ativado ou não também a segundo a situação: “Morei algum tempo na Turquia, lá não consegui fazer a reciclagem. As coisas também lá não eram tão caras, eu tinha dinheiro e nem precisava de fazer aquilo”. Pelo contrário quando a mesma

---

<sup>68</sup> F, homem, 29 anos. Português, trabalha em part-time. Não é um respigador habitual, admite que vai quando precisa poupar mais e evita de ir quando tem a possibilidade de comprar comida.

pessoa conta sobre a experiência de viajar na Islândia, a descrição é de uma realidade onde a comida era muito cara e a respiga foi uma solução muito útil: “Lá a comida era absurdamente cara, o dinheiro poupado fazendo isso nem consigo imaginá-lo”. (E, m, 32)

Da análise bibliográfica emergem algumas considerações sobre a interação dos Freegan com as outras pessoas que dividem a comida do lixo com eles: “The potential to interrupt capitalism as usual through choosing to consume discarded items is inseparable from inscriptions of poverty tied to some bodies and not to others, implications for the cleanliness and dirtiness of those bodies as well as their un/authorizes presence in those spaces”(Cooks 2017:60).

Sobre a realidade dos Freegans de Nova Iorque é interessante o testemunho da Kathy na publicação de ErnstFriedman (2010). Esta mulher sem abrigo entrevistada pela antropóloga estadunidense afirma ter um problema com os indivíduos que adotam as técnicas próprias das classes sociais mais baixas, com o objetivo de manifestar dissidência e desafiar a ordem política. A atenção mediática que os *dumpster divers* da cidade tinham recebido, segundo ela, tinha influenciado negativamente a ação recolha de comida feita por pessoas em dificuldade, que começaram a ser expostos a uma atenção que não queriam ter, as consequências tinham levado as lojas a dificultarem a recolha de comida para todos. A sociedade se está a apropriar das técnicas deles, segundo Kathy, com um paradoxal efeito negativo para os estratos sociais que são mais vítimas do sistema capitalista que os Freegans querem combater.

Infelizmente não foi possível aprofundar esta pesquisa com entrevistas para recolher a visão das pessoas em situações de dificuldade acerca da presença dos respigadores nos sítios onde costumam ir apanhar comida. Seria muito interessante para uma sucessiva exploração do tema poder dar voz a estas pessoas que são excluídas e silenciadas na sociedade. Entender se veem os jovens como competição ou se também apreciam os encontros e a partilha que acontece nos caixotes. Só foi possível observar a interação e ouvir o ponto de vista dos respigadores entrevistados, o que deixa esta reflexão só num ponto de partida pronto a ser desenvolvido ulteriormente.

## 2.2.4 Respiga e ideia de Ambiente e Natureza

“Is to call into questions behaviors that are taken for granted by mainstream society.”

(Moré 2012:60)

“We are just so disconnected from it [nature]. One of the goals [of freeganism] is just connecting with each other and connecting with the rest of life on Earth. Connecting with Earth itself.”

(Barnard 2016:1029)

A conceito de natureza está no centro do discurso Freegan, baseado na ideia da corrupção moral do homem moderno e da caída da sociedade, através adoção do capitalismo, num estado longe da sua dimensão autêntica. Segundo este pensamento, poderia ser considerado como um normal movimento ambientalista (Milton 1993) mas resulta diferentes em alguns aspetos. O principal é aquele de identificar a impossibilidade de construir um mundo em harmonia com a natureza sem atacar o sistema capitalista, que leva os Freegans a criticar outros movimentos ambientalistas que não questionam este ponto para eles fundamental (Barnard 2016:11). Discurso que critica, como já afrontado precedentemente aqui, o conceito de “green-capitalism”: “I realized that even plant farming, even organic plant farming, even local organic plant farming, involves a ton of animal exploitation. It hit me that buying any food was morally unacceptable. Dumpster diving just came to me naturally after that.” entrevista ao Freegan Adam (ivi:6). Esse discurso pode-se relacionar com as ideias já comentadas no capítulo precedente relativas à idealização da natureza como entidade dividida da dimensão humana. Volta a ideia de Ingold sobre uma representação da natureza como externa aos humanos e do planeta como um globo, a natureza que é imutável, primordial e intocada contra os humanos que constituem uma entidade externa. O que é interessante considerar nesse ponto é a crítica não ao comportamento humano generalizado que está a destruir o ambiente, mas à identificação do método capitalista de exploração infinita dos recursos ambientais no centro do discurso. A presença de comida nos caixotes do lixo nas cidades então constituiria para os Freegans o exemplo e o testemunho de tudo o que está errado com a humanidade moderna e ocidental.

Como já escrito a motivação relacionada com o tema ambiental não está explicitamente presente entre a ação dos respigadores em Lisboa. Isso não significa que seja totalmente fora do discurso, ao



final todos, uns mais e unos menos, são conscientes do fato que estão a comer da forma mais sustentável possível mesmo que não seja este o primeiro objetivo. Se na análise do Barnard o DD seria uma maneira para reencontrar a dimensão natural naquilo que ele chama de “second nature” (Barnard 2012), especialmente através da atividade de colheita de frutas ou plantas espontâneas na cidade, a observação da interação entre respigadores em Lisboa faz emergir a existência de uma clara reconexão com a dimensão da natureza através da experiência dos sentidos em relação à materialidade da comida. Os respigadores desenvolvem uma nova sensibilidade e aprendem mais sobre a comida em si, ir aos caixotes para recolher alimentos significa também entrar em contato com novas plantas e novos conhecimentos sobre elas. Uma ocasião difícil viver para um morador urbano que compra comida nos supermercados. Ele até poderia ser pôr questões sobre o grau de maturidade de um determinado legume ou fruta e ter contato com novas plantas, mas não se encontraria na situação de reflexão e abertura à novidade na qual a maioria dos respigadores estão no momento da recolha. Também porque o perigo percebido é maior, em ocasião da respiga é maior também a atenção em reconhecer as qualidades dos alimentos encontrados.

Quis perguntar explicitamente aos participantes na pesquisa qual eram as suas ideias sobre a natureza, o ambiente, a situação atual e futura do mundo. Na totalidade demonstraram ter, em graus diferentes, consciência dos problemas ambientais atuais mas também ninguém falou que fez parte ou participa de associações ou grupos ambientalistas ou se definiu como tal.

O R, vegano, inclui no discurso sobre a dieta dele as ideias anti-especistas, referível à produção teórica do célebre filósofo australiano Peter Singer<sup>69</sup>; perguntei se era também por razões ambientalistas que ele parou de comer alimentos de origem animal mas ele afirmou com decisão que não, a única razão que o move é a ética do bem estar animal. Questionado sucessivamente sobre o futuro da situação ambiental referiu que os seres humanos não vão salvar o Planeta também porque o Planeta é “muito melhor do que nós e pode continuar a viver independentemente da atividade humana” (R, h, 33). Interessante porque parece que coloca os seres humanos numa dimensão distante do Planeta, como se não fossemos parte integrante dele.

Cada um interpreta a natureza de uma forma diferente, como o N que não tem uma visão romântica, disse que “also if you live in the countryside you are not free from pollution. In any moment they could open a factory next to you, there are already a lot of factories in industrial zones.” (N, h, 27). Participar na respiga para o A não é só uma forma de comer gratuitamente produtos genuínos, ele

---

<sup>69</sup> Para aprofundar: Singer, P. (1975) *Animal Liberation*. EUA: Harper Collins.

afirma que gosta também porque tem a sensação que não está a contribuir para o sistema capitalista que está a destruir o mundo: “A atividade humana, não não, a atividade do capitalismo na forma em que os humanos estão a viver, parece que tem produzido umas mudanças que não sei se vamos poder enfrentar” (A, m, 24).

O que aparece claramente é a dimensão individual, a existência de sensibilidade pessoal frente aos problemas éticos e ambientais. Alguns ao saberem do movimento Freegan se identificam com os preceitos do manifesto e dizem “poderia ser um Freegan sem saber” “sou uma pessoa que desenvolve uma consciência, um pensamento crítico sobre qualquer coisa” (X, h, 22).

Também é presente nos entrevistados a ideia de conexão entre a destruição da natureza com a situação de opressão das mulheres num mundo de estrutura patriarcal, típica do Eco-Feminismo<sup>70</sup>. A V, envolvida ativamente na ação dos movimentos feministas da cidade, explica a sua visão sobre a condição ambiental atual: “A situação é culpa do mundo capitalista de explorar os recursos, que é também fruto do pensamento e da mentalidade patriarcal. A teoria de invadir um espaço porque querem explorar novos recursos presentes em outros sítios. Eu acho que há muitas outras formas de existir” (V, m, 28).

Nas palavras do M sobre a pergunta explícita de as suas ações são guiadas por uma consciência ambientalista, ele responde: “Primeira prioridade é que seja uma coisa boa para o meu corpo, segundo para o Planeta” (M, h, 32). Ele quer precisar que não é um hipócrita, não se chamaria de ambientalista porque além de respigar faz praticas que não identifica ser sustentáveis, como por exemplo usar copos de plástico. Fala que gosta de cuidar do ambiente e de forma ‘natural’ ou seguindo os seus instintos, seja isso ambientalista ou não

“Não sei se vou continuar com a respiga no futuro. Se tiver a oportunidade continuo mas também se tiver abundância de comida na minha horta não vou ter a necessidade de respigar” (M, h, 32).

O M é o único entre todos os entrevistados que parece ter uma relação especial com as plantas e com a dimensão da natureza entendida como mundo vegetal. Afirma gostar muito de cultivar plantas mesmo na sua casa na cidade, que quando come um fruto que ele gosta nunca tira as sementes mas planta-as em vasos na sua casa. Foi esse interesse que o levou a comprar um terreno no Alentejo, junto com mais três amigos de Lisboa. Terreno no qual planeiam criar uma agrofloresta e umas hortas para serem sempre mais independentes na produção de comida. Ele passa uns períodos na cidade, nos quais o método de procura de comida é a respiga e alguns no campo onde

---

<sup>70</sup> Para aprofundar: Philips, M. & Rumens, N., (2015). *Contemporary Perspectives on Ecofeminism*. Nova Iorque: Routledge.

trabalha pela criação dessa auto-suficiência alimentar. O interesse do M pelas plantas alimentícias levou-o a ocupar um viveiro abandonado em Oeiras, antes de adquirir o terreno no Alentejo, onde tinha criado uma horta urbana. Agora que passa muito tempo fora não consegue mais cuidar dela e as suas forças são unicamente direcionadas ao desenvolvimento do projeto no Alentejo

Resulta assim emergir uma constelação de visões diferentes sobre o tema da natureza e do ambiente, mais do que uma retórica comum parece que a ideia de ambientalismo é vivida pelos participantes de forma individual através das práticas cotidianas. Não está aqui presente o discurso Freegan como apresentado no seu manifesto, discurso que augura o fim da presença de comida no lixo como consequência do sistema de distribuição ter mudado de políticas. Este discurso também permitia aos Freegans fugirem da acusação de serem pessoas privilegiadas que aproveitam dos recursos produzidos pelo mesmo sistema que criticam (Cooks 2017). Pelo contrário os respigadores de Lisboa esperam de poder continuar com as suas atividades, a presença de comida de primeira qualidade no lixo dos supermercados é interpretada como uma característica muito “fixe” desta cidade. Foi frequente ouvir: “É incrível aqui em Lisboa a facilidade com a qual se pode obter esse tipo de comida”.

A ligação entre respiga e sensibilidade frente às questões ambientais está presente mas não numa forma explícita e articulada.

### Capítulo 3: Conclusões sobre o trabalho de campo e possíveis estratégias

Neste capítulo final serão apresentadas as reflexões conclusivas que emergem do trabalho de campo da duração de cinco meses, inicialmente considerado bastante para fornecer um conhecimento aprofundado, revelou-se apenas útil para traçar um quadro geral de uma realidade complexa, diversificada e em constante evolução. Depois de ter enunciado algumas conclusões sobre o fenómeno da respiga em Lisboa, com base nas realidades existentes que tentam encontrar uma solução para o problema do desperdício alimentar, quero propor possíveis evoluções futuras. A ideia é aquela de partir das conclusões sobre a realidade local para chegar a considerações válidas num contexto geral interessado pelas mesmas dinâmicas da realidade atual globalizada.

#### 3.1 Síntese do material etnográfico

“Aproveitar da comida do lixo é bom mas deveríamos pôr toda a nossa energia em lutar contra as multinacionais e transformar o modelo de produção e distribuição dos alimentos. Fazer a respiga é um paliativo, é bom porque para nós é conveniente e também porque não estamos mais a comprar e participar deste sistema capitalistas mas não constitui a solução.” (J, h, 27)

“Anthropologists are in a good position to make useful contributions to the development of policy in regard to health and nutrition, food inspection, the relation of food to specific cultures, world hunger, and other subjects. [...] They have not taken full advantage of this opportunity.”

(Mintz & DuBois 2002:111)

O que a atividade de respiga parece representar é uma variação, com pontos em comuns e pontos diferentes, do que é o movimento Freegan nascido na primeira década dos anos 2000 nos EUA. Se na realidade do dumpster diving alimentar no contexto de Lisboa, também existe algum grau de organização e comunicação entre os participantes, não tem o carácter de um movimento político-

ambientalista. A respiga seria mais uma atividade incluída no próprio estilo de vida, ligada em diferentes graus com as identidades pessoais, em linha ou não com outros traços relevantes que podem ser inseridos na categoria da frugalidade. Da pesquisa emerge como este fenómeno não é uma ação de pessoas necessariamente ativas no discurso político e ambientalista, com as ideias sobre a respiga a não serem necessariamente acompanhadas por ideias conectadas a uma visão específica do mundo, mas que para alguns indivíduos se tornam incluídas num discurso ligado também à sustentabilidade e ao anti-consumismo.

Tal como o crescente uso de roupa de segunda mão, viajar de bicicleta ou de boleia, apanhar comida do lixo constitui uma atividade que pode ser abraçada por diferentes tipos de pessoas que unem a conveniência do ponto de vista económico à sustentabilidade do ponto de vista ambiental.

Os indivíduos que se encontram são diversos e mesmo se existem alguns respigadores mais expertos e constantes há sempre pessoas sempre a experimentar esta prática. Seria a atividade dos menos expertos que, segundo os respigadores mais antigos, não respeitam as regras de boa convivência com as lojas a ser a razão de alguns supermercados terem mudado as rotinas de gestão do desperdício para dificultar a colheita.

Caraterística fundamental que parece claramente emergir desta pesquisa é o carácter de criação de ligações sociais à volta de lugares que normalmente não são catalisadores de comunidade. A interação entre os indivíduos que participam na colheita acontece antes da chegada dos caixotes através de conversas, é reforçada pela partilha, quase sempre igualitária, de alimentos e a contínua troca de informações sobre a comida, os lugares de respiga ou outros assuntos. Através desta atividades os coletores não só apanham comida descartada, que sem a intervenção deles seria desperdiçada, mas também contribuem a criar uma dimensão de socialidade entre indivíduos em lugares do tecido urbano considerados sem particular valor.

Da pesquisa emerge como a realidade da respiga em Lisboa é um fenómeno em contínua mudança, dos lugares e das pessoas que participam. Além disso surge clara a centralidade da comida, os diferentes tipos que podem ser encontrados e como os alimentos têm um poder particular em determinar parte da dieta dos coletores urbanos. A relação com a comida constitui um aspeto interessante do processo da respiga, se contextualizada no contexto urbano é uma realidade na qual os indivíduos entram em contato com novos legumes e fruta, ampliam o próprio conhecimento e afinam os sentidos para decidir da sua comestibilidade. A pesquisa etnográfico evidencia como os alimentos que são apanhados não são sempre comidos e aproveitados e como as dinâmicas que determinam o desperdício em casa podem entrar também na vida cotidiana dos respigadores.

Diferentemente do movimento Freegan de Nova Iorque, o mais documentado até hoje, o contexto da respiga caracteriza-se pela sua intenção de manter um baixo perfil, com uma vontade mais ou menos explícita de poder continuar a aproveitar do que é descartado pelo sistema. A respiga não é constante também do ponto de vista do fluxo de pessoas a participar, o fato de não poder assegurar que cada dia haja alguém a “salvar” comida torna-a mais ou menos eficiente como estratégia que trabalha para o que o desperdício alimentar termine. O que não impede de reconhecer que este fenómeno, através da ação de subtrair alimentos ainda comestíveis dos caixotes do lixo, impede que uma grande quantidade de comida seja desperdiçada. O estudo do fenómeno da respiga, mesmo se não constitui uma observação de um grupo com identidade e objetivos homogêneos, pode fornecer um ponto de vista inovador sobre o funcionamento e a organização do sistema alimentar nos países de grande desenvolvimento tecnológico.

“Whenever a strict pattern of purity is imposed on our lives it is either highly uncomfortable or it leads into contradiction if closely followed leads to hypocrisy” (Douglas 1966:164); são os coletores urbanos que conseguem, através da sua atividade, evidenciar a “hipocrisia” do sistema alimentar atual no qual o desperdício não é uma consequência inesperada mas uma parte integrante e a comestibilidade é baseada em regras que acabam por produzir uma enorme quantidade de descarte de alimentos ainda comestíveis. A existência dos coletores urbanos é possível só pela presença de grandes quantidades de comida ainda aproveitável nos caixotes do lixo das lojas, fato que considero que pode ser universalmente interpretado como negativo. A comida é, no contexto alimentar industrial, geralmente tratada como uma mercadoria descartável, privada das suas componentes sociais e desligada da dimensão ambiental do contexto no qual é produzida.

Se pensamos na existência de pessoas que não têm acesso à alimentação e contemporaneamente à quantidade de recursos em termos energéticos e de espaço que são precisos para produzir comida que acaba por ser tirada no lixo (1/3 da totalidade da comida produzida<sup>71</sup>), resulta claro como o desperdício alimentar constitui um aspeto problemático e um dos desafios no mundo contemporâneo.

Este estudo comprova ulteriormente como a esfera da alimentação é extremamente densa de valores e significados que vão além das características nutricionais dos alimentos. O fator simbólico torna-se

---

<sup>71</sup> FAO (2011). Global food losses and food waste. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations. <http://www.fao.org/3/a-i2697e.pdf> acedido em 08/08/19.

ainda mais interessante quando os alimentos no centro da significação são materiais que normalmente são considerados não comestíveis e objeto de um tabu cultural. A presença física de comida no lixo, ainda aproveitável, levanta questões éticas e ambientais e também constitui um ponto de partida para uma reflexão geral sobre a gestão dos alimentos no contexto urbano.

Segundo as observações emerge da realidade dos respigadores na cidade Lisboa uma visão ambivalente da responsabilidade das lojas das quais se apanha comida descartada. Por um lado há indignação e desapontamento pelo fato das lojas desperdiçarem tanta comida, por um outro um sentimento menos explícito de felicidade por se poder acumular e consumir estes alimentos e ter assim uma fonte de alimentação saudável e gratuita à disposição. A loja é então uma entidade ambivalente, culpada de crimes éticos, que a ação dos respigadores contribui para atenuar, e contemporaneamente vista positivamente como uma oportunidade quando os empregados e a logística de gestão do lixo facilitam a colheita.

A realidade dos respigadores de Lisboa confirma ainda mais uma vez como as fronteiras entre comestível e não comestível são algo de relativo e negociável, não fixo e imutável, e como ingerir um determinado alimento significa aceitar o contexto simbólico no qual está inserido (Fishler 1999). Com a sua ação os coletores urbanos elevam os sentidos e a experiência da dimensão material da comida a valor primário para a inclusão ou exclusão (simbólica e física) da comida respigada, no seu sistema alimentar. A ingestão de algo categorizado como lixo, que seria considerado perigoso pela maioria das pessoas, não representa somente um fator interessante do ponto de vista da prática cultural mas constituiu também uma oportunidade de reflexão no âmbito prático de resolução do problema do desperdício alimentar:

“Este teu trabalho poderia servir para destruir o estigma que há em volta do lixo. A comida pode ser estragada e nós não a apanhamos mas quando estiver boa está boa, o fato dela estar no lixo não faz que a comida esteja mal. Não precisa acabar na lixeira” (J, h, 25).

Esta frase representa um ponto central nas conclusões que queria propor, evidenciar como a ação dos respigadores pode questionar a ideia de lixo como categoria uniforme, sanitariamente perigosa e sem valor, ideia amplamente difundida na nossa sociedade. Assim como foi apresentado no capítulo introdutivo, o lixo é uma categoria culturalmente e individualmente determinada, mesmo na observação do comportamento dos respigadores foi possível ver como cada um tinha os seus critérios de escolha sobre apanhar ou não um determinado alimento, considerá-la ou não digno de sair desta categoria.

O que rende lixo a comida praticamente ainda comestível? Se num primeiro momento pode parecer que é a data de validade a render descartável um dado alimento, nos casos analisados aparece central o papel catalizador do caixote enquanto lugar de determinação. Independentemente da qualidade intrínseca do que é colocado dentro dele, o caixote tem o poder de transformar em lixo qualquer coisa que nele ingressa. A comida, que uns minutos antes estava nas prateleiras do supermercado em qualidade de alimento, torna-se lixo no momento em que é inserida fisicamente num espaço identificado como espaço do descarte. Se, mesmo passado, o prazo de validade, passasse diretamente da prateleira às mãos do consumidor, aqui entendido não como alguém que compra mas que consome, em nenhum estágio entraria na categoria de lixo. É a colocação física no caixote que transforma, em teoria de forma definitiva, algo que não está adaptado para a venda e é percebido como potencialmente perigoso para a saúde. Pôr comida dentro do caixote às vezes determina, do ponto de vista dos coletores, que esta comida não é mais aproveitável, penso que o pão e os bolos colocados junto a outro lixo orgânico, à diferença dos legumes ou da fruta que podem ser lavados com produtos higienizantes, resultam potencialmente contaminados aos olhos do respigador e de difícil resgate. Pelo contrário, o que é tirado de sacos pretos e separado do lixo de outra natureza é mais facilmente resgatável.

Seguindo o exemplo de um prisma (Figura 19) que filtrando um raio de luz faz aparecer as várias cores do arco íris das quais o raio é composto, assim a atividade da respiga consegue evidenciar como o lixo é composto por entidades diferentes que podem ou não ter algum tipo de valor.

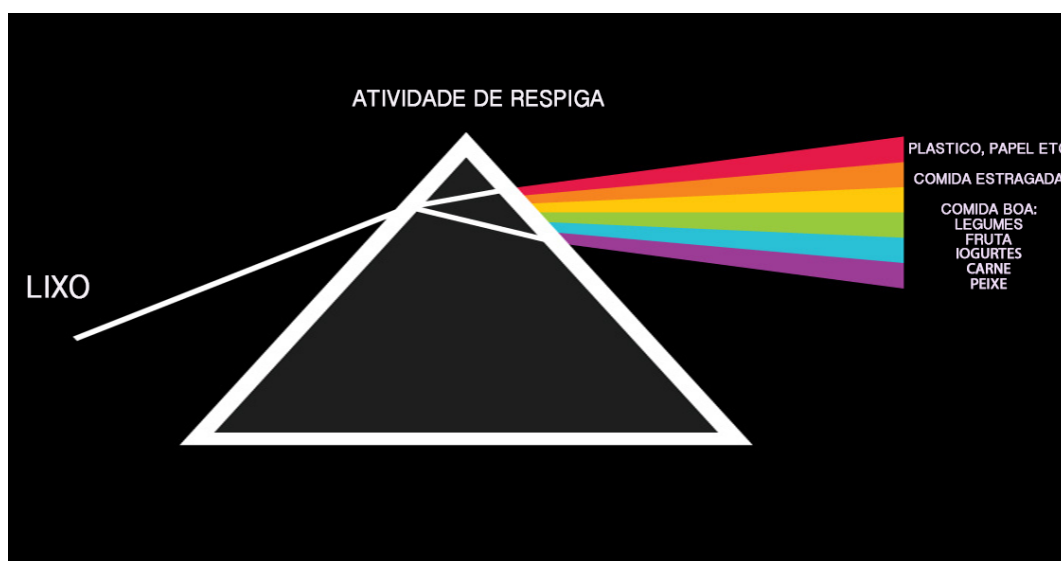


Figura 19: “O Lixo é multidimensional”



Entre as várias componentes os coletores selecionam o que é útil segundo eles, fazendo o que a antropóloga italiana Giovanna Capponi, inspirada das teorias de Appadurai (1986), define a propósito da atividade dos Freegans de Londres como “restauração da vida dos objetos” (Capponi 2014:58).

O lixo na nossa sociedade fica também no centro de um sistema altamente normalizado, o que vai compor o lixo do supermercado é gerido pela loja e uma vez recolhido entra nas regras municipais de processamento dos resíduos urbanos. Este percurso teoricamente não prevê em nenhum estágio a possibilidade do material poder sair do sistema e ser reintegrado noutra, o que entra no caixote teoricamente tem um destino anunciado. A ação dos Freegans e dos respigadores acontece num vazio do processo, no momento em que o lixo é deixado “sozinho” tendo saído da loja e enquanto está à espera de ser recolhido. Apanhar comida do caixote significa também subtraí-la do sistema normativo e simbólico que estava a determinar o fato que fosse desperdiçada. É nessa ótica que resulta totalmente lógico o difuso do verbo “salvar” usado pelos respigadores ou “rescue” pelos Freegans estadunidenses.

Os respigadores através a re-significação dos alimentos conseguem tornar puro o que é geralmente considerado como impuro, como os freegans contribuem a evidenciar a possibilidade de se alimentarem com o que sai da cadeia de distribuição por causa de regras que definem às vezes mais a possibilidade de venda do alimento do que a de consumo. Temos assim que considerar os conhecimentos produzidos nesta experiência de pesquisa etnográfica como pontos de partida para uma reflexão mais ampla sobre os impactos do desperdício na alteração dos ecossistemas ligadas ao ciclo de produção e distribuição dos alimentos.

Como visto, esta comida não só tem um valor alimentar mas também gera situações sociais entre pessoas provenientes de contextos diferentes. A maioria dos respigadores são jovens estudantes ou trabalhadores que fazem isso por um conjunto de motivações além da necessidade e que se encontram a dividir os alimentos com pessoas geralmente adultas em contextos de insegurança económica. Vimos como algo considerado sem valor, o lixo, pode neste caso determinar a existência de uma realidade social complexa e articulada como aquela examinada neste contexto.

O ultrapassar do tabu em conjunto com a partilha dos alimentos, características próprias da respiga na capital portuguesa, constituem a base para a existência da relevante componente social deste fenómeno. Como Fischler (2002:4) conta através das teorias de origem Durkheimiana, as sólidas ligações sociais, são essenciais para o bem estar individual. Neste caso, a respiga, considerada como

se fosse um ritual, une as pessoas na convicção de se poder alimentar do que normalmente é descartado pela sociedade e é manifestação de uma *intencionalidade partilhada*. Este conceito, desenvolvido na obra do antropólogo e psicólogo evolutivo Michael Tomasello (2009), parece estar na base da cooperação dos seres humanos que os distingue dos outros primatas: “[...] cheguei à conclusão que muitas passagens chave na evolução da cooperação humana estão conectadas à maneira dos indivíduos se relacionam um com os outros no momento em que tentam procurar o pão diário”<sup>72</sup> (Tomasello 2009:60). Fazendo uma diferença entre a procura de comida num contexto de caça e colheita, atividade altamente social, e procura moderna de alimentos no supermercado, Tomasello evidencia como a segunda situação é uma atividade maioritariamente individual e regulada por dispositivos institucionalizados que excluem a partilha social existente no primeiro caso. Componente de cooperativismo e partilha cuja presença pode ser evidenciada na ação da respiga.

Este tipo de atividade tem como resultado uma mudança no *habitus* convencional das pessoas (Bourdieu, 1984) que adquirem a faculdade de leitura não só do que pode ser o conteúdo do caixote mas também da realidade urbana intensa em termos de oportunidades. Lá onde a pessoa normal passa ao lado de caixotes todos iguais sem dar particular atenção, o olho treinado do respigador ou “dumpster eye” como é definido por Barnard (2016:1043), permite a leitura da realidade numa maneira qualitativamente diferente. Como demonstrado por alguns indivíduos, a respiga constitui uma atividade fatível em diferentes contextos, efetuar uma primeira vez a reciclagem de comida constitui uma epifania, um ponto de revelação da existência de uma realidade antes ignorada. A curiosidade de ver se existe a possibilidade de fazer dumpster diving no lugar em que chega, rende esta prática ainda mais uma característica ligada ao indivíduo e ao seu estilo de vida. Testemunho deste fator surge também de uma análise auto-etnográfica sobre a minha própria experiência:

“Ontem aconteceu uma coisa engraçada. Estava com o F em casa e eram já as 22:30, saímos para comprar comida (eu não tinha nada em casa) mas chegámos ao supermercado e estava já fechado. Nenhum dos dois tinha a ideia de ir a respigar mas como os caixotes estavam bem lá na entrada, graças à nossa experiência e curiosidade de respigadores, decidimos abri-los e olhar. Em cima ao lixo estavam 3 pacotes de comida preparada em perfeito estado: bandejas de arroz com porco e cogumelos. Felizes da a nossa colheita voltámos para casa com a comida já feita, sem ter gastado nada e com aquela sensação de leveza de ter evitado que aquela comida fosse desperdiçada.” (Do diário de campo: 20/02/2019)

---

<sup>72</sup> Trad. minha

Este episódio, que aconteceu na parte final do período de pesquisa, acho que incorpora esta característica dos respigadores adquirirem um olhar diferente na leitura da realidade que os rodeia, no processo de ir além do tabu da comida proveniente do lixo e poder identificar potenciais fontes de colheita. Provavelmente uma pessoa que não tem tido contato com o fenômeno da respiga, ou até eu um ano atrás, teria agido de uma forma diferente, imagino procurando uma outra loja onde pudesse comprar a comida para cozinhar em casa. Também a história do A é fonte de reflexão sobre este tema de aquisição de um novo olhar:

“Chegas a um ponto no qual entendes que no lixo podes encontrar qualquer coisa. A mim no Mini Preço<sup>73</sup> me aconteceu assim, era no final da tarde e estava a passar lá com os meus amigos e pensámos: “O que vão fazer com todo este frango assado que está aqui? Com certeza os empregados não vão apanhá-lo.” Mais tarde passámos novamente fora da loja e abrimos o caixote: encontramos lá o frango, ainda quente. O lixo é assim, uma vez não encontras nada e uma vez encontras o ouro.” (A, h, 27)

Como descrito antes, o lixo tem várias componentes. O “olho do respigador” está também treinado em reconhecer, através da experiência, os sinais que os caixotes dão. Através da rotina da procura sabem quais são os caixotes que potencialmente poderiam ter um conteúdo interessante, o mesmo acontece com a análise dos sacos pretos no lixo. Analisando o peso do sacos e tocando a parte externa, é possível identificar se dentro estarão coisas interessantes ou somente “lixo lixo”. Curioso como esta forma de descrever os descartes não aproveitáveis é difusa durante a respiga: “aquele caixote só tem lixo lixo/verdadeiro lixo”. É com esse uso intensificador da palavra lixo que ele é identificado como ser aquela categoria que a maioria das pessoas identificam usando só uma vez esta palavra. Também a aquisição do “dumpster eye” significou para mim e para outros respigadores, a desconstrução de hábitos bem consolidados na nossa rotina diária. Um exemplo pode ser o J que conta de como não consegue mais comprar determinados produtos no supermercado, tipo pão ou iogurtes, sabendo que são desperdiçados cada dia e disponíveis nos caixotes à noite, eu também me revejo muito nesta reflexão. A respiga então constitui não só uma alteração do *habitus* no sentido em que muda as convicções basilares dos indivíduos sobre a comestibilidade dos alimentos mas também abre à ideia de que existam alternativas ao sistema convencional de compra.

Resgatar algo com prazo já vencido contribui a redefinir os conceitos de higiene e segurança alimentar no nosso contexto cultural que parece ser fundado na germofobia e evidencia os limites

---

<sup>73</sup> Normalmente supermercado que não fica entre os lugares da respiga.

de um sistema baseado na rigidez da ciência convencional. Acontece uma redefinição do que é comestível numa realidade regulada pelas regras das ciências exatas, consideradas como a verdade única e não contrastável. A este propósito é interessante considerar que o único estudo académico sobre o Freeganismo em Portugal é uma tese focada no tema da segurança alimentar (Martinho 2013). No estudo apresentado na dissertação de mestrado em Ecologia Humana de Solange Martinho, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, a preocupação principal é constituída pelo questionamento da segurança alimentar dentro do grupo que ela identifica como Freegan.

“Quais são as consequências reais para a saúde dos adeptos que praticam o mergulho no lixo”, tínhamos a Hipótese nº 5 formulada: ‘Independentemente da literacia que possuem sobre a segurança alimentar, os adeptos do freeganismo arriscam a sua saúde no mergulho no lixo’.” (Martinho 2013:106)

O quadro teórico desta pesquisa é muito diferente do apresentado nesta dissertação, e também é distinta a metodologia adotada na recolha de dados. A autora várias vezes faz referência à impossibilidade de entrevistar pessoalmente as pessoas do universo de estudo, devendo recorrer à metodologia do questionário on-line: “A primeira limitação surgiu logo no início deste estudo, quando foi praticamente impossível encontrar adeptos do freeganismo que nos quisessem conceder entrevistas pessoais aprofundadas.” (ivi:109). Não podendo argumentar através da mesma base teórica a questão da alegada insegurança alimentar dos respigadores em Lisboa, acho que a observação prolongada do fenómeno e as palavras dos entrevistados demonstram uma realidade diferente. Também se considerámos o ponto de vista do relativismo cultural que a Antropologia fornece, na base desta dissertação está a convicção de que as regras sobre a segurança alimentar não são dogmas mas produtos culturais das forças que regulam a nossa sociedade. Como Douglas escreve na introdução do célebre livro “Purity and Danger”: “Our idea of dirt is compounded of two things, care for hygiene and respect for conventions. The rules of hygiene change, of course, with changes in our state of knowledge” (Douglas 1966:7).

Vimos como a atividade dos respigadores é motor na alteração alteração do “state of knowledge” anterior. O lixo é composto por entidades diferentes, a qualidade da comida e a respiga pode ser mais limpa ou mais suja segundo o lugar, os agentes ativos na colheita são conscientes dos possíveis perigos e nos casos nos quais é necessário, adotam técnicas para purificar os alimentos antes de os incluir na própria dieta. Reafirmar o perigo generalizado de participar numa atividade erroneamente considerada como perigosa como a respiga contribui a perpetuar o estigma sobre as pessoas que recolhem comida. Acredito que existam casos de contaminação e intoxicação alimentar

mas é devido sublinhar que nenhum dos vários artigos lidos sobre o Freeganism e em nenhum momento na minha experiência de um ano e meio de respiga isso tenha acontecido. Neste caso acho fundamental reafirmar a legitimidade e o imenso valor da técnica da observação participante própria da pesquisa etnográfica para ir além do que pode ser comunicado através de formulários on-line. A pesquisa feita através da observação participante consegue contextualizar as afirmações das pessoas entrevistadas na realidade em que atuam, evidenciando a relação com os lugares, com os objetos e entre indivíduos e todos aqueles elementos não verbais que caracterizam a realidade.

Uma interessante análise sobre as questões da salvaguarda da segurança alimentar em relação ao discurso do desperdício é apresentada no artigo de Watson & Meach (2013) a propósito do conflito entre a vontade de reduzir o desperdício alimentar e a exigência de cumprir com as regras ditadas pela segurança alimentar no contexto do Reino Unido: “On the one hand, campaigns to reduce the astonishing levels of food waste generated in the UK moralize acts of both food savings and food disposal. On the other hand, agencies concerned with food safety, including food-poisoning, problematize common practices of thrift, saving and reuse around provisioning.” (Watson & Meach 2013: 102) Existe uma tensão entre estas duas componentes e uma maneira para sair desta situação seria uma modificação das percepções e das regras que classificam erroneamente algumas comidas como perigosas enquanto as suas propriedades matérias estão perfeitamente conservadas. Poderia, nesta óptica, ser útil repetir o estudo dos respigadores em Lisboa com o foco no único tema da segurança alimentar e através da adoção das metodologias que levam o pesquisador a conhecer mais perto a realidade em questão; ou desenvolver uma pesquisa interdisciplinar que leve as resultados que conciliem entendimentos da realidade resultantes de perspectivas de diferentes ciências, sociais e biológicas.

Se considerarmos os respigadores como coletores urbanos contemporâneos, eles poderiam ser colocados exatamente no meio da divisão entre *Ecosystem People* e *Biospheric People* feita por Milton na análise das culturas em baseada na modalidade de procurar de alimento (Milton 1998:30). Quem faz a recolha de comida dos caixotes aproveita de um recurso fornecido pelo ambiente, neste caso um *Ecosystem* urbano. Mas pelo fato dos alimentos serem produzidos em diferentes lugares do mundo, usando recursos presentes em sítios longe do consumidor, seriam também *Biospheric people*. Seria preciso criar então uma terceira categoria, aquela dos *Ecosystem Biospheric People* na qual entram os respigadores, os Freegans e todas as pessoas que recorrem ao consumo de comidas descartadas pelos supermercados. O que seria desejável, não só a promoção de políticas de transformação de *Biospheric* em *Ecosystem People* em nome da sustentabilidade mas,

durante a hipotética e desejável transição, assegurar que os alimentos produzidos em lugares longe do consumidor cheguem a ser utilizados e não acabam no lixo.

Da análise da evolução desta prática através as leituras bibliográficas e também pelos últimos acontecimentos é possível notar como os supermercados tentam adotar estratégias para impedir aos respigadores de continuar com a sua atividade. É pouco claro se isso tem a ver com uma presumida preocupação pela saúde das pessoas que efetuam esta atividade ou se simplesmente não querem que os bens ainda comestíveis acabem de forma gratuita nas mãos dos consumidores. Seria interessante poder desenvolver numa futura pesquisa o ponto de vista dos supermercados, poder incluir nas entrevistas os trabalhadores e os gerentes e questionar sobre a questão do desperdício e da falta de vontade em criar uma solução mais “sustentável”. Infelizmente durante esta pesquisa, além de breves conversas e saudações fora da loja no momento da saída dos caixotes do lixo, não foi possível ter estas conversas. Também um dos fatores principais era a minha vontade de não interferir e potencialmente comprometer a realidade da respiga; questionar os gerentes e os trabalhadores sobre esta prática poderia significar a mudança ulterior na gestão do lixo e a consequente impossibilidade dos atores continuarem na recolha da comida. Como já mencionado antes, o fenómeno da respiga cresceu muito no último período e, segundo a interpretação dos coletores mais expertos, a chegada de novas pessoas significou também a não observação das regras de boa convivência entre respigadores e lojas. Eles atribuem a este fator a decisão de alguns supermercados de alterar as políticas de gestão do descarte alimentar para fazer com que fosse mais difícil a recolha. Pode ser que algumas lojas tenham entrado em contato com as associações existentes que se ocupam de distribuir a comida não vendida (ver ReFood mais em frente) mas outras simplesmente adotaram estratégias, abrindo os pacotes ou colocando e misturando intencionalmente os alimentos podres com aqueles aproveitáveis, para dificultar ao máximo o resgate destes alimentos.

Se a tendência é a de excluir os respigadores criando condições para que a comida tirada não seja mais comestível talvez seja útil propor uma reflexão sobre a possibilidade de uma evolução da realidade da respiga no caminho de uma recolha feita com o esforço conjunto das lojas. Desde ser um fenómeno espontâneo de indivíduos que já estão num certo grau conectados numa rede com objetivos comuns, seria interessante pensar numa possível mudança na direção da institucionalização desta prática. Em base das teorias que emergem dos artigos sobre a evolução do movimento nos EUA (Cooks 2017) o papel dos freegans foi aquele de evidenciar a presença desta

grande quantidade de comida aproveitável nos caixotes do lixo dos supermercados, para abrir o caminho a uma tomada de consciência geral e à criação de associações que trabalham para assegurar uma reciclagem constante e segura.

### 3.2 Dieta local e ambiente global: reflexões sobre a reciclagem de comida

“There are nearly a billion undernourished people in the world - but all of them could be fed with just a fraction of the food that rich countries currently throw away.”

(Stuart 2009:xvi)

“Reduzir o desperdício de alimento permitiria moderar a necessidade de crescimento da produção de alimentos, reduzir a pressão sobre os ecossistemas e os recursos naturais, nomeadamente a água, e reduzir as emissões de gases com efeito de estufa, contribuindo para que a UE cumpra a meta a que se comprometeu de baixar as emissões destes gases em 20% até 2020.”

(Pires 2012:35)

A pergunta espontânea depois das várias reflexões aqui apresentadas seria: como utilizar os conhecimentos produzidos através da análise do fenómeno da respiga para tentar evitar sistematicamente que toda esta quantidade de comida acabe no lixo?

É já bem claro como os desafios ambientais do presente e do futuro serão também jogadas em grande parte no campo da alimentação, se falamos então sobre as alterações climáticas devidas à exploração dos recursos ambientais resulta necessário incluir uma reflexão sobre a alimentação. Em 2019 um grupo de cientistas de diferentes disciplinas tem elaborou a Planetary Health Diet<sup>74</sup>, uma dieta pensada explicitamente para limitar as consequências ambientais devastadoras ligadas à produção de alimentos: “Food is the single strongest lever to optimize human health and environmental sustainability on Earth.” (EAT report:5). A dieta é planejada com o objetivo de pensar numa alimentação para um planeta com uma população a aumentar e a limitar os efeitos

---

<sup>74</sup> EAT-lancet Commission Summary Report

[https://eatforum.org/content/uploads/2019/01/EAT-Lancet\\_Commission\\_Summary\\_Report.pdf](https://eatforum.org/content/uploads/2019/01/EAT-Lancet_Commission_Summary_Report.pdf) acedido em 25/08/19

negativos da agricultura em relação à destruição dos ecossistemas e à poluição de rios e oceanos.<sup>75</sup> A convicção é que os regimes alimentares de hoje não são sustentáveis porque estão a explorar de maneira demasiado elevada os recursos ambientais. Na altura final da escrita desta tese, os olhos dos médias mundiais estão com atenção nos incêndios acontecendo na Amazônia<sup>76</sup>. As explicações desta devastação têm a ver diretamente com a indústria agro-alimentar que destrói a floresta para a criação de pastagens para o gado<sup>77</sup> até que uma das campanhas propostas é até “September without meat”, a adoção de uma dieta vegetariana por um mês com o objetivo de sensibilizar a opinião pública e boicotar a não só o consumo de carne proveniente do Brasil mas também o consumo de carnes locais provenientes de animais alimentados pelos cereais produzidos nestes territórios sul-americanos. O que manifesta a vontade de evidenciar como os hábitos alimentares num lugar do planeta estão diretamente ligados aos lugares de produção e, em muitos casos, concorrem na destruição dos ecossistemas. É assim uma tentativa de ir além do afastamento espacial e promover uma reflexão sobre as consequências ambientais que acontecem longe do lugar de consumo de determinados alimentos.

Colocando a produção de comida<sup>78</sup> num simples gráfico (Figura 19) é possível ter uma ideia de como esteja dentro de um círculo de causas e efeitos:

---

<sup>75</sup> “New plant-focused diet would ‘transform’ planet’s future, say scientists” de Damien Carrington (16/01/2019)  
<https://www.theguardian.com/environment/2019/jan/16/new-plant-focused-diet-would-transform-planets-future-say-scientists> acedido em 25/08/19

<sup>76</sup> Artigo: “The Amazon is burning. The climate is changing. And we’re doing nothing to stop it” de Nick Walsh, CNN, 4/09/19  
<https://edition.cnn.com/2019/09/04/americas/brazil-amazon-npw-intl/index.html> acedido em 11/09/19

<sup>77</sup> Uma entre as fontes que ligam explicitamente os incêndios ao consumo de carne ao nível mundial: “The Amazon is burning because the world eat so much meat” de Eliza Mackintosh, CNN, 23/09/2019  
<https://edition.cnn.com/2019/08/23/americas/brazil-beef-amazon-rainforest-fire-intl/index.html> acedido em 27/11/19

<sup>78</sup> Aqui entendida na sua forma industrial em grande escala e inserida nos circuitos do mercado globalizado.



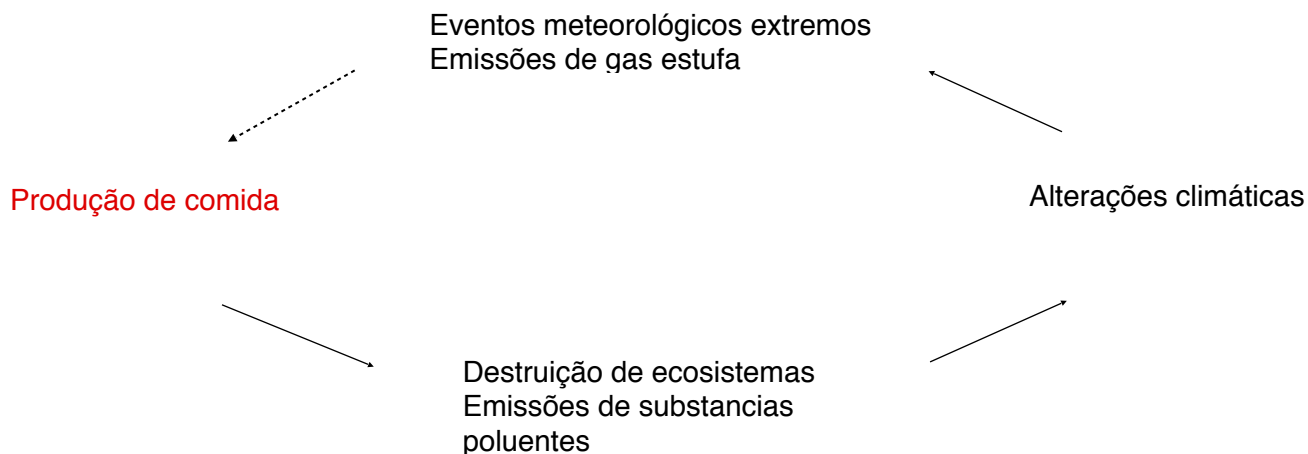


Figura 20: “Ciclo de influências”

A agricultura contribui nas causas das alterações climáticas que automaticamente influenciam de volta os ciclos meteorológicos vitais para a agricultura. A percepção é que o mundo está indo numa direção na qual o aumento populacional demandará sempre mais solo e recursos para a produção agrícola poder satisfazer o número de indivíduos no planeta. Processo dificultado por causa das complicadas situações climáticas que, segundo as previsões, irão render improdutivas vastas áreas do planeta<sup>79</sup>.

A comida desperdiçada constitui então um recurso que poderia ser usado para combater a insegurança alimentar e ao mesmo tempo limitar os problemas ambientais, assim como aparece entre os objetivos do desenvolvimento sustentável das Nações Unidas<sup>80</sup>. Projeto realizável não só através da distribuição de comida desperdiçada, que entre áreas geográficas muito distantes seria logisticamente impossível, mas através da melhor gestão do sistema alimentar, da produção até a distribuição e o consumo. Para atuar neste sistema é preciso que as entidades envolvidas em todas as diferentes fases da cadeia alimentar estejam a colaborar para o comum objetivo de limitar o desperdício.

Os exemplos disponíveis de medidas já tomadas são de dois tipos, de um lado a intervenção pública através da adoção de leis que obrigam ou incentivam as empresas a desperdiçarem menos e do

<sup>79</sup>Intergovernmental Panel on Climate Change. *Global Warming of 1.5°* (2018), [https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15\\_spm\\_final.pdf](https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf) acedido em 05/07/19

<sup>80</sup> UN Sustainable Development GOALS: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/> acedido em 20/07/19

outro o nascimento de associações e grupos estruturados que se ocupam de redistribuir a comida em excedente.

No primeiro caso relativo ao campo legislativo, o exemplo mais conhecido é o da França que em 2015 foi o primeiro país no mundo a adotar uma lei que proíbe os supermercados de grande dimensão (maiores de 400 m<sup>2</sup>) de colocarem alimentos ainda comestíveis no lixo.<sup>81</sup> O resultado foi a obrigação destas lojas de encontrarem uma saída mais “sustentável” e socialmente útil com a distribuição através de associações que re-endereçam estes alimentos. O da França é considerado um exemplo a nível mundial pelas políticas públicas que ajudam o combate ao desperdício.

Na Itália também foi adotada em 2016 uma lei para a simplificação da recuperação e da distribuição da comida descartada; a lei prevê um desconto nas taxas das lojas se colaborem na redistribuição a comida em excesso<sup>82</sup>. A taxa em questão é relativa ao processamento dos resíduos produzidos pela loja. A lei prevê também a promoção da educação sobre o desperdício alimentar e financiamentos para projetos de pesquisa nesta área.

Estes dois casos constituem exemplos de intervenção pública na questão do desperdício alimentar através da promulgação de leis a favor de uma maior interação entre supermercados e benéficos para a redistribuição dos alimentos.

Se ao nível legal na Alemanha não é possível efetuar uma recolha espontânea diretamente nos caixotes, mesmo se, como vimos, há pessoas a respigar também lá, existem associações que colocam em contato direto os supermercados com as pessoas que querem apanhar a comida descartada. O exemplo mais conhecido é o da organização FoodSharing<sup>83</sup> fundada em 2012. Através do website e do aplicativo para telemóveis, a pessoa pode ajudar na recolha de comida que seria descartada pelos supermercados ou ir apanhar alimentos em pontos de recolha. Processo feito em colaboração direta com a loja que entrega os alimentos diretamente aos voluntários. A particularidade nesta organização é constituída da partilha de comida que pode ter ultrapassado a data de validade (“best by”) mas é partilhada na mesma se o seu consumo não constitui um risco para a saúde. Praticamente trata-se de tirar a passagem da comida pelo caixote, como afirmado

---

<sup>81</sup> Artigo: “French law forbids food waste by supermarkets” de Angelique Chrysalis (4/2/2016)

<https://www.theguardian.com/world/2016/feb/04/french-law-forbids-food-waste-by-supermarkets> acedido em 20/08/19

<sup>82</sup> “Spreco alimentare: cosa dice la legge Gadda” <https://www.consumatori.it/alimentazione/spreco-alimentare-legge-gadda/> acedido em 20/08/2019

<sup>83</sup>Foodsharing: <https://foodsharing.de/> acedido em 22/08/2019

antes que é fundamental na sua categorização de lixo, e pôr em contato direto os coletores e a loja, evitando assim o desperdício. Poderia constituir um bom exemplo para seguir como objetivo de tornar mais eficiente a respiga em Lisboa partindo de uma inicial rede de comunicação virtual já existente.

Em Portugal são presentes várias associações que trabalham na redistribuição da comida em excedente quer ao nível dos supermercados quer na fase da produção. Um exemplo é a associação ReFood<sup>84</sup>, ativa desde 2011, que através do trabalho de voluntários organizados em núcleos em diferentes partes da cidade consegue resgatar sobras de supermercados, restaurantes, cantinas e distribui-las a indivíduos e famílias em situação de insegurança alimentar. Neste caso a estrutura é de uma organização de caridade na qual voluntários participam para ajudar pessoas em dificuldade e que não beneficiam dos alimentos recolhidos.

Para o que concerne o desperdício alimentar na fase da produção, a organização Fruta Feia<sup>85</sup> fundada em 2013, constitui um exemplo virtuoso de como os alimentos descartados nos campos agrícolas podem reingressar na cadeia alimentar. A associação recolhe os alimentos excluídos da cadeia pelos produtores, maioritariamente por razões de dimensão e de estética, e pelos produtores e os redistribuem colocando-os em caixas que são compradas, pelos inscritos, em diferentes pontos da cidade. A existência de uma lista de espera para poder efetuar a inscrição é a prova do sucesso deste modelo de distribuição que, até hoje, declara de ter evitado o desperdício de cerca de 1736 toneladas de alimentos.

A propósito do caso de Lisboa é interessante considerar como a primeira decisão institucional relativa ao combate ao desperdício alimentar foi um procedimento aprovado em 2010 em relação às dificuldades enfrentadas pelos portugueses na época da austeridade na altura da crise económica mundial.<sup>86</sup> Com esta moção se tentou promover que o excedente alimentar fosse direcionado para pessoas em situação económica de dificuldade e em consequente estado de insegurança alimentar. Sucessivamente, a criação da Comissão Nacional de Combate ao Desperdício Alimentar em 2016 com a aprovação do Plano Municipal de Combate ao Desperdício Alimentar constituiu um passo

---

<sup>84</sup> Re-Food: <https://www.re-food.org/pt> acedido em 23/08/19

<sup>85</sup> Fruta Feia: <https://frutafeia.pt/> acedido em 23/08/19

<sup>86</sup> Moção n.º 3/CM/2010 aprovada no dia 9/12/2010

importante no reconhecimento, ao nível institucional, do desperdício alimentar enquanto um problema de importante resolução. A Comissão, que se reúne cada seis meses, tem como objetivo: “promover a recuperação de produtos, salvaguardando a qualidade, higiene e segurança alimentar e redireccionando-os para o consumo da população mais necessitada” (PMCDA 2016:12). O documento, partindo dos dados publicados na pesquisa da FAO de 2011, afirma a necessidade ao nível europeu de promover iniciativas para combater o desperdício: “A Resolução do Parlamento Europeu (2011/2171(INI) de 19 de Janeiro 2012, propõe a redução para metade do desperdício alimentar dentro da EU até 2025 e teve na origem a proclamação de 2014 como o ‘Ano Europeu contra o desperdício alimentar’” (ivi:10), Segundo o que referido nesse documento, eram mais de vinte as instituições a promover a distribuição do excedente alimentar na cidade mas “[...] estamos ainda longe de uma resposta que permita criar uma verdadeira rede extensível a toda a Cidade” (ivi: 12). A intenção da municipalidade seria aquela de promover estas iniciativas sempre mais para poder limitar o desperdício já que existe ainda muita comida que é deitada fora em vez de entrar em novos sistemas de partilha em linha com os objetivos da União Europeia. Se não fossem tomadas medidas, a projeção para o futuro é que a quantidade de desperdício continue a crescer aumentando os problemas relativos ao processamento de uma ainda maior quantidade de resíduos orgânicos (Pires, 2012).

A pesquisa apresentada nesta dissertação poderia servir para os objetivos do Observatório do Desperdício alimentar que pretende: “[...] através da monitorização e avaliação sistemática, estudar e produzir conhecimento possível de comparação internacional de indicadores estatísticos e possibilitar o início de um conjunto alargado de estudos académicos e pesquisas, em permanente atualização, sobre as diferentes vertentes do desperdício alimentar - a vertente social, a vertente económica e a vertente ecológica” (ivi:25).

É possível teorizar uma desejável evolução da realidade da respiga em Lisboa para que uma maior quantidade de comida seja re-inserida no circuito de consumo. Uma das questões que ficaram em suspenso é a da legitimidade de tornar um fenómeno, como a respiga e a colheita individual, em algo de regularizado e em algum grau fechado às dinâmicas da espontaneidade. Como um dos entrevistados observou, supermercados que antes colocavam comida no lixo eram lugares onde os sem abrigo e em geral as pessoas em dificuldade podiam ir espontaneamente e apanhar os alimentos que achavam ainda bons para comer. Uma vez que a loja aderiu a um sistema de recolha e distribuição regularizado, interrompeu-se esta relação com as pessoas que normalmente beneficiavam daquela comida descartada. O responsável da associação que recolhe os alimentos

depois só pode entregar a determinados indivíduos, deixando fora quem não cumpre os critérios de inscrição. É claro como, de um lado, a institucionalização da reciclagem poderá excluir algumas pessoas mas também é para reconhecer que na maioria dos supermercados e lojas não é possível ter acesso aos caixotes que contêm a comida e que a promulgação de leis e de iniciativas de reutilização sistemática poderia ser a única alternativa para impedir o desperdício.

Pela análise desenvolvida acho fundamental que a Antropologia faça a ponte entre as questões ambientais ligadas às alterações climáticas e a esfera social em dois sentidos. No primeiro na análise de como as mudanças no ambiente determinam mudanças na estrutura social e na esfera cultural das pessoas para se adaptarem à nova condição ecológica, por exemplo, se pensamos na diminuição da disponibilidade dos recursos ambientais como a água, que tem efeitos determinantes em determinar conflitos e migrações. No segundo caso, através da metodologia do estudo etnográfico, a Antropologia pode oferecer discernimentos inovativos e conhecimentos acerca dos comportamentos humanos identificados como causas das alterações climáticas. Isso através de uma óptica que coloque em direta conexão os hábitos das pessoas, com os seus significados ao nível simbólico-cultural, com o seu efeito no ambiente. Com o fim de produzir uma reflexão sobre as possibilidades de intervenção na realidade para obter o objetivo comum de mudar os padrões negativos correntes.

Vimos como as pessoas selecionam, usam e re-configuram de forma pessoal, os alimentos e as retóricas alimentares que existem no mundo contemporâneo com o resultado de criar novas formas de identidade, apropriação e identificação com os estilos existentes.

No caso da situação da cidade de Lisboa no que respeita ao problema do desperdício alimentar, mesmo existindo boas práticas no território pela distribuição sistemática da comida descartada, esta pesquisa demonstra que há ainda muitos alimentos potencialmente aproveitáveis a acabarem no caixote do lixo que poderiam ser canalizados em circuitos de partilha estruturados e bem organizados partindo de uma rede já existentes de pessoas interessadas em participar. Esta dissertação quer ser um manifesto para a necessidade e a urgência de unir os dados científicos e técnicos sobre a esfera ambiental com as pesquisas relativas aos hábitos alimentares, aos significados da comida presentes em diferentes contextos culturais que influenciam os lugares e as modalidades da produção e distribuição. Para chegar a considerar que a resolução dos problemas ambientais passa necessariamente pelo conhecimento profundo da esfera cultural relativa aos hábitos humanos e criar a base para repensar os possíveis caminhos futuros.

## Referências bibliográficas

- APPADURAI, A. (1986). "Introduction: Commodities and the politics of value" em *The social life of things, Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press, pp. 1-63.
- BARNARD, A. V. (2011). 'Waving the banana' at capitalism: Political theater and social movement strategy among New York's 'freegan' dumpster divers. *Ethnography*, 12(4), 419–444.
- BARNARD, A. V. (2016). *Freegans, Diving into the Wealth of Food Waste in America*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BELASCO, W. (2007). *Appetite for Change: How the Counterculture Took on the Food Industry*. Ithaca: Cornell University Press.
- BLACK, R. (2007). "Eating garbage: Socially marginal provisioning practices." Em *Consuming the Inedible: Neglected Dimensions of Food Choice*. Chicago: J. MacClancy.
- BOURDIEU, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgement of taste*. London: Routledge & Kegan Paul.
- BRIGHTMAN M. & LEWIS, J. (2017). Introduction: *The Anthropology of Sustainability: Beyond development and Progress*, London: Palsgrave Macmillan, 1-34.
- CAPPONI G. (2014). Chaos in the Street, Order in the Kitchen: Pratica gastro-politiche di consumo e redistribuzione tra gli squatters di Londra, in *Pop Food, il cibo dell'etnografia*. Eds. Z. A. Franceschi & V. Peveri, Odoja Editore: Bologna, 53-80.
- COOKS, L. (2017). The end(s) of Freeganism and the Cultural Production of Food Waste. *Perma/ Culture: Imagining Alternatives in an Age of Crisis*. 54, 1-18.
- COYNE, M. (2009). From Production to Destruction to Recovery: Freeganism's Redefinition of Food Value and Circulation. *Iowa Journal of Cultural Studies*, 9-25.

CORMAN, L. (2011). Getting Their Hands Dirty: Raccoons, Freegans, and Urban “Trash”. *Journal for Critical Animal Studies*, Volume IX, Issue 3, 28-61.

CORNWALL, A. (2010). Deconstructing Development Discourse: Fuzzwords and Buzzwords. Practical Action. Oxfam, 1-18.

CRESWELL, J.W. (2007). Five Qualitative Approaches to Inquiry. Qualitative enquiry and research design: Choosing among five approaches. US: Sage publications, 53-100.

DEWALT, K. & DEWALT, B. (2011). *Participant Observation. A Guide for Fieldworkers*. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers.

DOUGLAS, M. (1966). *Purity and Danger. An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. New York: Praeger.

EDWARDS, F. & MERCER, D. (2013). Food waste in Australia: the freegan response, *The Sociological Review*, 60:S2, 174-191.

ERNSTFRIEDMAN, K. (2010). *A Revolution We Create Daily: Freegan Alternatives to Capitalist Consumption in New York City*. The American University, Dissertation Section A: Humanities and Social Sciences, 71:1692.

ERNSTFRIEDMAN, K. (2012). Trash Tours. *Anthropology Now*, 4:3, 33-42.

EVANS, D. (2011). Blaming the consumer – once again: the social and material contexts of everyday food waste practices in some English households. *Critical Public Health*, 13, 1–12.

EVANS, D. (2012). Binning, gifting and recovery: the conduits of disposal in household food consumption, *Environment and Planning: Society and Space*, 30, 1123–1137.

EVANS, D. (2014). *Food waste: home consumption, material culture, everyday life*. London: Bloomsbury.

EVANS-PRITCHARD, E. (1968 [1940]) *Les Nuer*, Paris : Gallimard (essencialmente cap. Ecologia, nesta edição – pp. 71 - 116)

FISCHLER C. (1999). “Food, self and identity”. *Social Science Information*, SAGE, London. 27, 275-92.

FERRELL, J. (2005). *Empire of Scrounge. Inside the Urban Underground of Dumpster Diving, Trash Picking, and Street Scavenging*. NYU Press

GOFFMAN, E. (1959). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday Anchor Books.

GROSS, J. (2009). Capitalism and Its Discontents: Back-to-the-Lander and Freegan Foodways in Rural Oregon, *Food and Foodways*, 17: 2, 57-79.

HAEN, N. e WILK R. (eds.) (2005). *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture, and Sustainable Living*, Nova Iorque, NYU Press.

HARRIS, M. (1998). *Good to eat: Riddles of Food and Cultures*. Long Grove, Waveband Press.

HAVERINEN, A. (2015). Internet Ethnography: the Past, the Present and the Future. *Ethnologia Fennica*, 42, 79-90.

HAWKES K., HILL K., O’CONNELL J.F. (1982). Why Hunters Gather: Optimal Foraging and the Aché of Eastern Paraguay. *American Ethnologist*, 2:2, 379-398.

HOFFMAN, J. (1993). *The Art & Science of Dumpster Diving*. Loompanics Unlimited, Washington: Port Twnsend.



INGOLD, T. (2000 [1993]). Globes and spheres. The topology of environmentalism” in *Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres, Routledge, 207-218.

KOPNINA H., SHOREMAN-OUIMET E., (2016). *Routledge Handbook of Environmental Anthropology*. Londres, Routledge, 1-68.

LÉVI-STRAUSS C. (1998). Il crudo e il cotto, Milano, Il Saggiatore. (ed. or., *Le cru et le cuit*, Paris, Mythologiques, 1964).

LIBOIRON, M. (2013). “Modern Waste as Strategy,” *Lo Squaderno: Explorations in Space and Society*, 29, 9-12.

LINDEMAN, S. (2012). Trash Eaters. *Gastronomica: The Journal of Food and Culture*, 12:1, 75-82.

MACRAE, G. (2016). Food Sovereignty and the Anthropology of Food: Ethnographic Approaches to Policy and Practice. *Anthropological Forum*, 26:3, 227-232.

MALM, A. & HORNBORG, A. (2014). The Geology of Mankind? A Critique of the Anthropocene Narrative. *The Anthropocene Review*, 1, 62-69.

MARTINHO, S. A. (2013). “Estilo de vida e comportamento alimentar freegan: a saúde em risco ou risco para a saúde?”. Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos. FCSH Universidade NOVA, Lisboa.

MELUCCI, A. (1980). The New Social Movements: a Theoretical Approach. *Social Science Information*, 19:2, 199-226.

MEYER-ROCHOW, V.B. (2009). Food taboos: their origins and purposes. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5:18, 124-171.

MILTON, K. (1993). *Environmentalism. The view from Anthropology*. London: ASA Monographs.

- MINTZ, S. e DU BOIS C. (2002). The Anthropology of Food and Eating, *Annual review of Anthropology*, 31, 99-119.
- MORÉ, V.C. (2011). Dumpster Dinners: An Ethnographic Study of Freeganism. *The Journal for Undergraduate Ethnography*, 2, 43-55.
- NIOLA, M. (2015). *Homo Dieteticus, Viaggio nelle tribù alimentari*. Bologna: Il Mulino.
- O'BRIEN, M. (2013). Consumers, Waste and the 'Throwaway Society' Thesis: Some Observations on the Evidence. *International Journal of Applied Sociology*, 3(2):19-27.
- PATEL, R. (2012). The Long Green Revolution, *The Journal of Peasant Studies*, Rutledge, 1-63.
- PENTINA, I & AMOS, C. (2009). The Freegan phenomenon: anti-consumption or consumer resistance? *European Journal of Marketing*, 45, 1768-1778.
- PIRES, I. et al. (2012). Do Campo ao Garfo. Desperdício Alimentar em Portugal. (1ª ed.) Lisboa: Cestras.
- SPRADLEY, J. (2000). You owe yourself a drunk: an ethnography of urban nomads. Long Grove: Waveland Press, 1-126.
- STEFFEN, W., GRINEVALD, J., CRUTZEN, P., McNEILL, J. (2011) "The Anthropocene: conceptual and historical perspectives", *Philosophical Transactions of the Royal Society of London A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, 369: 842-867.
- STUART, T. (2009). *Waste. Uncovering the Global Food Scandal*. Squandering Harvests. London: Penguin Books
- SUTTON, D.E. (2010). Food and the Senses. *Annual Review of Anthropology*. 39:209-23.

- TOMASELLO, M. (2009). *Why we cooperate*. Cambridge: MIT Press Publications.
- TSING, A. (2003). Natural Resources and Capital Frontiers. *Economic and Political Weekly*, 38(48), 5100-5106.
- TURK NISKAČ, B. (2011). Some Thoughts on Ethnographic Fieldwork and Photography. *Stud. eth nol. Croat.*, vol. 23, 125-148.
- URRY, J. (2010). Consuming the Planet to Excess. *Theory, Culture & Society*, SAGE, 27(2-3), 191-212.
- VAN GENNEP, A. (1978) [1909]. Os ritos de passagem. Petrópolis, Editora Vozes. 1-55.
- WALL, S. (2008). Easier Said than Done: Writing an Autoethnography. *International Journal of Qualitative Methods*, 7(1), 39-53.
- WALLIS, V. (2009). Beyond “Green Capitalism”. *Monthly Review*, Vol. 61, No. 9: February 2010
- WATSON, M. & MEAH, A. (2013). Food, waste and safety: negotiating conflicting social anxieties into the practices of domestic provisioning. *The Sociological Review*, 60:S2, 102-120.
- YANG, L. (2016). At the Bottom of the Heap: Socioeconomic Circumstances and Health Practices and Beliefs among Garbage Pickers in Peri-Urban China. *Critical Asian Studies*, 48:1, 123-131.

#### Referências on-line

Dumpster Diving map: [www.dumpstermap.org](http://www.dumpstermap.org)

FAO (2011). Global food losses and food waste. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations: [www.fao.org/fileadmin/user\\_upload/ags/publications/GFL\\_web.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/ags/publications/GFL_web.pdf)

FoodSharing: <https://foodsharing.de/>

Freeganism: [www.freeganism.info](http://www.freeganism.info)

Fruta Feia: <https://frutafeia.pt/>

Intergovernmental Panel on Climate Change. *Global Warming of 1.5°* (2018): [https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15\\_spm\\_final.pdf](https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf)

ReFood: <https://www.re-food.org/pt>

UN Sustainable Development GOALS: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>

### **Artigos on-line**

Bellantone, R., (29/01/18), “Spreco alimentare: cosa dice la legge Gadda”  
<https://www.consumatori.it/alimentazione/spreco-alimentare-legge-gadda/>

Carrington, D., (16/01/2019), “New plant-focused diet would ‘transform’ planet’s future, say scientists” de Damien Carrington  
<https://www.theguardian.com/environment/2019/jan/16/new-plant-focused-diet-would-transform-planets-future-say-scientists>

Mackintosh, E. (23/09/2019), “The Amazon is burning because the world eat so much meat” de Eliza Mackintosh, CNN  
<https://edition.cnn.com/2019/08/23/americas/brazil-beef-amazon-rainforest-fire-intl/index.html>

PMCDL, Plano Municipal de Combate ao Desperdício Alimentar. Municipalidade de Lisboa (2016)  
<https://www.am-lisboa.pt/documentos/1518805132H5sBI8hs1Wk80ES5.pdf>

Walsh, N. (4/09/2019), “The Amazon is burning. The climate is changing. And we’re doing nothing to stop it” de Nick Walsh, CNN  
<https://edition.cnn.com/2019/09/04/americas/brazil-amazon-npw-intl/index.html>

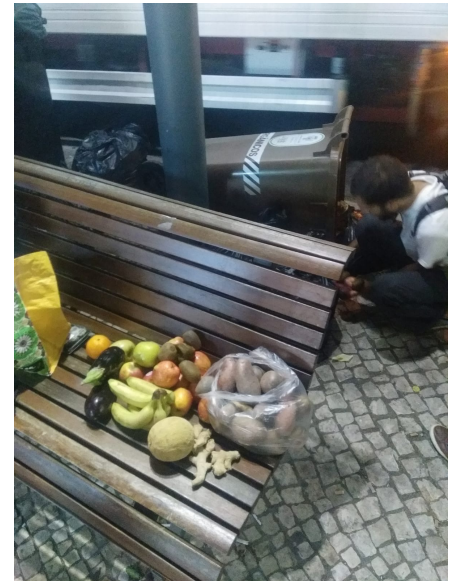
## Apêndice I

### Perguntas das entrevistas

- Como começaste a ir apanhar comida no lixo dos supermercados e como chamas essa prática?
- Há quanto tempo fazes isso?
- Quantas vezes por semana?
- Estas em alguns dos grupos virtuais (Whatsapp ou Facebook)?
- Quais dirias que são as razões pelas quais fazes isso?
- Quais são os alimentos que gostas mais de encontrar no lixo?
- Como escolhes os produtos para apanhar? Como sabes que são ainda comestíveis e não perigosos pela saúde?
- Os teus amigos e a tua família sabem que te procuras comida também nessa maneira? O que acham?
- Já fizeste isso fora de Portugal? Ou sabes de como funciona em outros lugares fora do país?
- Onde compras os alimentos que não encontras no lixo?
- És vegetariana/o ou vegana/o?
- Há outras coisas (objetos) que já apanhaste no lixo?
  
- Que sabes sobre o desperdício alimentar? Se achas que é um problema, como poderia ser resolvido?
- Conheces o termo “Freegan”?
- Te consideras ambientalista? Fazes ou fizeste parte de associações ambientalistas?
- Quais são as tuas considerações sobre o futuro do Planeta?

## Apêndice II

Imagens da respiga: a importância da parte visual<sup>87</sup>



<sup>87</sup> Algumas das muitas fotos tiradas durante o trabalho de campo em Lisboa. A primeira em baixo a esquerda foi tirada em Bologna.





### Apêndice III

#### Conselhos de respiga

Equipamento: uma mochila médio grande, uns sacos de plástico (de compras do supermercado) e 3-4 saquinhos menores (podem ser úteis no caso deverias dividir alguns produtos), luvas só se sabes de ter sensibilidade para o lixo, gel esteriliza mãos pode ser bom para o final da respiga, melhor usar do que não usar. Importante: ter uma tocha ou a luz do telemóvel para iluminar o conteúdo dos sacos, a maioria das respiga acontece de noite e a baixa luminosidade no caixote às vezes não permite reconhecer de que comida se trata e quais são as condições.

Observar os supermercados na hora em que fecham, tentar ver se colocam os caixotes fora, se estes estão fechados ou acessíveis.

- Ir com alguém: é mais divertido e ajuda a transportar a comida que pode ser muita. Também ajuda a julgar se é o caso de apanhar uma determinada comida ou não.
- Se houver outras pessoas juntar tudo o que encontrado e tentar de dividir na forma melhor para todos.
- Apanhar o que pode ser realmente consumido nos dias seguintes, não exagerar na esperança de salvar comida demasiado madura que provavelmente acabará no lixo de casa.
- Muito provavelmente haverá pão: apanhar bastante e congelar, é sempre mais fácil apanhar do freezer do que ir apanhar cada dia.
- Deixar o lugar limpo, repor os sacos de volta no caixote e olhar se no chão há restos de comida.
- Em casa: olhar os alimentos apanhado e tentar de definir quais precisam de ser consumidos com urgência e quais podem sobreviver mais uns dias. Lavar os legumes/fruta com vinagre no caso haver dúvidas sobre a contaminação.
- No caso de muitos legumes ou fruta maduras: apanhar os legumes e fazer uma grande sopa, congelar a sopa. Se for a situação de ter muita fruta fazer um batido e congelar o batido.
- Tentar julgar se foi apanhada demasiada comida se é o caso de contactar alguém conhecido para perguntar se quer.